



# EXPERIÊNCIA

**DE ASSESSORIA TÉCNICA PARTICIPATIVA**  
PARA FAMÍLIAS DE BAIXA RENDA NA VILA DO AMANHECER

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

G149e Galdino, Larissa de Sousa.

Experiência de Assessoria Técnica para Famílias de  
Baixa Renda na Vila do Amanhecer / Larissa de Sousa  
Galdino. - João Pessoa, 2019.

156 f. : il.

Orientação: Isabel Amalia Medero Rocha.

Monografia (Graduação) - UFPB/CT.

1. assessoria técnica. 2. políticas habitacionais. 3.  
autoconstrução. 4. metodologia participativa. I. Rocha,  
Isabel Amalia Medero. II. Título.

UFPB/BC



Larissa de Sousa Galdino

## **Experiência de Assessoria Técnica Participativa para Famílias de Baixa Renda na Vila do Amanhecer**

Trabalho Final de Graduação apresentado como requisito  
para a conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo  
da Universidade Federal da Paraíba.

Profa. Dra. Isabel Amalia Medero Rocha  
Orientadora



Larissa de Sousa Galdino

## **Experiência de Assessoria Técnica Participativa para Famílias de Baixa Renda na Vila do Amanhecer**

Banca examinadora:

---

Isabel Amalia Medero Rocha

---

Marília de Azevedo Dieb

---

Claudia Ruberg

# AGRADECIMENTOS

The background of the slide is composed of several overlapping rectangles in various shades of red and orange. A prominent dark red rectangle covers the top half. Below it, a horizontal white line separates the title from the lower section. The lower section is divided into a large orange rectangle on the left and a dark red rectangle on the right. At the bottom, there are two more rectangles: a small orange one on the left and a light orange one on the right.

## Minha imensa gratidão...

... aos meus pais, Luciana e Lucio, que sempre me apoiaram nessa jornada universitária em João Pessoa, longe do ninho.

... à minha orientadora, Isabel Medero, por acreditar em mim e na iniciativa proposta, por todos os puxões de orelha, incentivos, acolhimentos e discussões. Não poderia ter feito escolha melhor para me orientar.

... à minha grande amiga, Vanessa, pessoa fundamental para a realização desse trabalho, me emprestou o carro para ir aos encontros no Conde e me acompanhou em quase todos eles, me ajudou em momentos de crise e sempre esteve a disposição quando precisei. Esse trabalho não seria o mesmo sem a sua ajuda.

... ao meu melhor amigo, meu parceiro, meu amor, Abadias, por todo o apoio emocional durante o processo, por acreditar em mim quando nem eu mesma conseguia e por toda ajuda na fase final da elaboração desse trabalho.

... ao coordenador de habitação da prefeitura do Conde, Yuri, que sempre esteve a disposição para me ajudar.

... à associação de moradores da Vila do Amanhecer, pelo acolhimento.

... à representante da associação dos moradores da Vila do Amanhecer, Isabel, pelo acolhimento e ajuda na comunicação com os moradores.

... aos moradores, Dora, José, Everaldo e Lucia, por abrirem as portas de suas casas para me receberem e partilharem tanto de suas vidas comigo.

... aos meus irmãos, Lênin e Lucas, pelo apoio e parceria de sempre.

... à minha sobrinha, Esther, e minha prima, Sofia, que, mesmo na sua inocência infantil, me deram o conforto e a alegria necessários para passar por esse momento com mais leveza.

... à minha sogra, Ana, pelo acolhimento e palavras de conforto.

... à minha cunhada, Pamella, pelas palavras positivas.

... aos meus amigos e amigas, Rafaela Rodrigues, Rafaela Schafer, Wesley, Yasmin, Daniel, Serginho, Fernandinha, Analu, Poliana e Matheus, pelas conversas, abraços, ajuda e palavras de apoio.

# SUMÁRIO

The background of the slide is composed of several overlapping rectangles in various shades of red and orange. A large, dark red rectangle covers the top half of the slide. Below it, a horizontal band of medium red spans the width. The bottom half is divided into three main sections: a large orange rectangle on the left, a smaller medium red rectangle in the top right, and a light orange rectangle in the bottom right. A small, vertical orange rectangle is also present in the bottom right area, partially overlapping the light orange one.

1. introdução.....	10
2. referencial teórico.....	18
3. universo de estudo.....	44
4. assessoria na vila: o relato de uma experiência.....	58
5. propostas.....	110
6. considerações finais.....	112
7. referências bibliográficas.....	116

1



# INTRODUÇÃO

# apresentação

A atuação do Arquiteto e Urbanista, por uma questão histórica e de classe, tem se mostrado bastante limitada quando se trata da diversidade de clientes, tendo, portanto, uma concentração maior de obras feitas para o Estado, empresas (no geral construtoras e incorporadoras) e usuários/clientes da elite. As construções feitas para esse nicho de mercado caracterizaram-se por edifícios de destaque, que reforçam a ideia do domínio de classes através de suas obras que são, em geral, edifícios de poder, de reverência, para respeitar e impressionar (Stevens, 2003 apud Nogueira, 2010).

No Brasil, mais de 80% da população constrói sem auxílio de arquitetos (CAU/BR e Datafolha, 2015) e mais de 70% têm renda mensal de até 3 salários mínimos (IBGE, 2015), confirmando que a atuação dos arquitetos são limitadas frente às demandas populares do país. Tais demandas caracterizam-se por necessidades relacionadas à moradia e são oriundas de pessoas físicas e pequenos grupos que contam com recursos financeiros relativamente limitados, determinando assim o processo de autoconstrução e autogestão de obras (KAPP, NOGUEIRA E BALTAZAR, 2009, P. 08).

Um outro aspecto a ser observado com relação ao acesso limitado aos serviços de arquitetura é que o ensino ofertado aos futuros profissionais tem grande importância nesse processo. Os alunos, por um lado, são pouco expostos às demandas reais e populares que, em geral, pouco se relacionam com o valor simbólico que é atribuído à profissão. Por

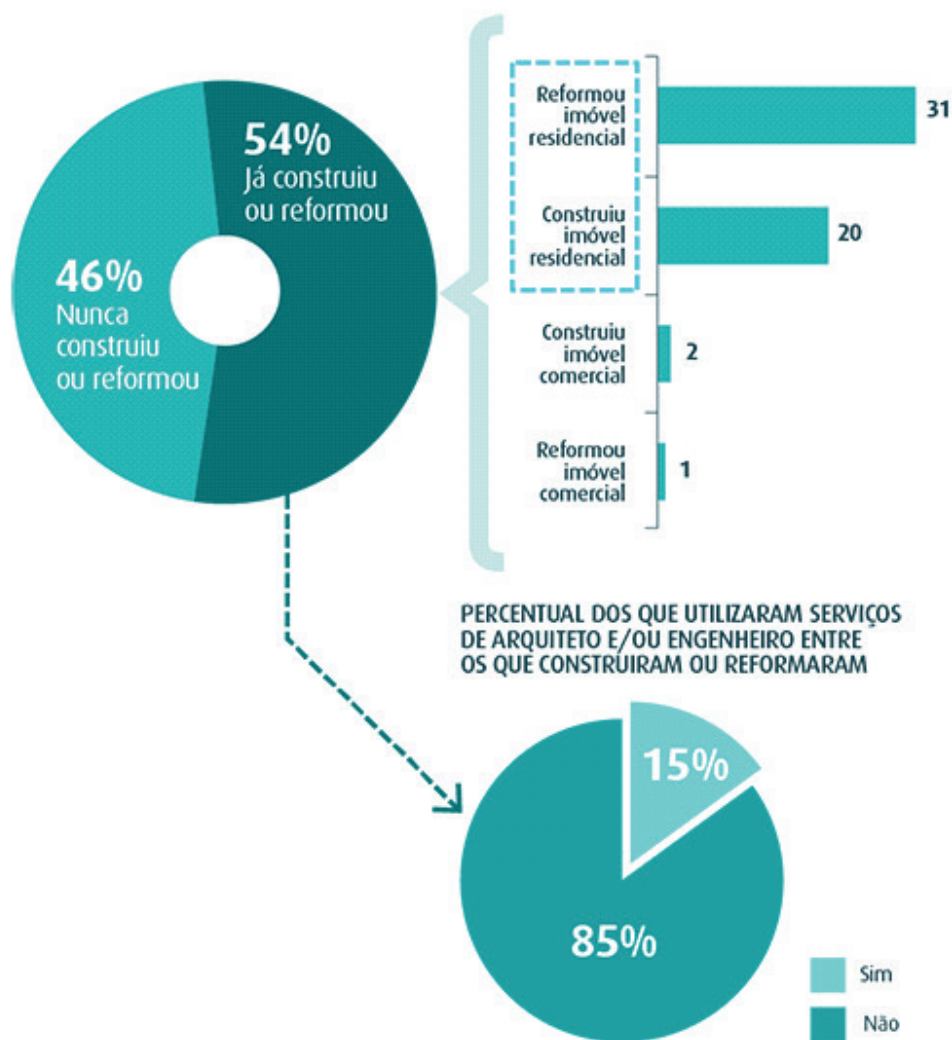


Figura 01: Gráfico "Como o brasileiro constrói".  
Fonte: CAU/BR, Datafolha, 2015

outro lado, desde o ingresso na escola de arquitetura os estudantes são expostos a um conteúdo intelectual, envolvendo das mais diversas literaturas, termos técnicos e conceitos. O profissional entra para o mercado de trabalho com embasamento teórico, projetual, técnico e uma capacidade para extrair de conceitos boas soluções para uma “arquitetura de qualidade”, conceituada. Essa formação faz do arquiteto um profissional desejado por determinados grupos sociais, pois lhes importam a troca simbólica da relação. Grupos sociais de classes dominantes desejam uma “casa projetada por arquiteto”, ou seja, uma obra que tenha um repertório estilístico de determinado profissional. Já para grupos sociais populares o esteótipo criado em cima da imagem do arquiteto – que serve à elite, dotado de conhecimento intelectual e semelhante à um artista – afasta os clientes de demandas populares, pois os mesmos sentem-se constrangidos por não conhecerem e não estarem habituados a alguns termos técnicos e/ou conceitos definidos pelos arquitetos, além dos recursos escassos por parte desse tipo de demanda e da falha na aplicação de políticas públicas.

Dessa forma, os clientes de demandas populares, que se enquadram, normalmente, nas famílias de baixa renda, acabam ficando a margem nessa relação existente na arquitetura e tornam-se autoprodutores e autogestores de suas próprias construções. Porém, na maioria dos casos, esses usuários possuem pouco ou nenhum conhecimento técnico, enfrentando assim algumas dificuldades em vários aspectos como: planejamento, mão de obra e material (CAU/BR e Datafolha,

2015). Resultando em construções com custos elevados, além de vários problemas técnicos que afetam o modo de morar e compromete, em muitos casos, a saúde dos usuários. É perceptível, portanto, a necessidade de uma adequação dos moldes de ensino e dos atendimentos convencionais de arquitetura, bem como um redirecionamento do mercado, dando espaço e abertura para demandas fora da esfera da elite, do mercado imobiliário e do estado.

## delimitação do problema

### **autoconstrução, assessoria técnica e participação**

Atualmente o Brasil ocupa a 9ª posição no ranking global de desigualdade de renda (OXFAM BRASIL, 2018, p. 16) e possui déficit habitacional estimado considerável, marcando 7,77 milhões de unidades em 2017 (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2018, p. 10). E a maioria população afetada pela falta de habitação é de baixa renda (renda mensal até 3 salários mínimos). Com isso, os grupos sociais excluídos se unem em prol de melhorias de sua classe, compondo vários movimentos que lutam diariamente por moradia e divisão justa de terras. O reflexo disso está nas diversas ocupações realizadas em edifícios ou terras,

compondo os assentamentos informais em que as pessoas que ali vivem autoconstróem suas próprias moradias.

Todo esse universo de luta e autoconstrução está ligado ao déficit habitacional no país. Todos esses aspectos, em conjunto, contribuem para a criação de políticas públicas. Uma das políticas habitacionais existentes na atualidade é a Lei da Assistência Técnica (Lei Federal 11.888/2008) que “assegura às famílias de baixa renda assistência técnica pública e gratuita para o projeto e a construção de habitação de interesse social” (BRASIL, 2008). Porém, a lei apresenta falhas de aplicação devido a diversos fatores, entre eles, a falta de informação e comprometimento das esferas públicas para a aplicação da referida lei.

É válido, então, discutir a aplicabilidade e abrangência dessas políticas e qual o caráter que elas têm, que em geral, são políticas assistencialistas (como o próprio nome da lei diz), ou seja, trazem uma ideia de “trabalhar para o outro”, como forma de ajuda ou caridade, além da imposição de padrões a um grupo social excluído que naturalmente têm seus próprios padrões e costumes relativos ao seu campo social. Uma ação mais condizente para essa realidade/demanda, estaria mais alinhada ao conceito de assessoria, em que o trabalho torna-se mais coletivo e participativo, onde não há uma dominação de classes, a hierarquia é rompida e o processo acontece de forma mais horizontal.

Dessa maneira, o Grupo de Estudos MOM (Morar de Outras Maneiras) da Escola de Arquitetura da UFMG busca investigar os processos de produção de moradia realizados pela classe popular, bem como metodologias participativas no atendimento de arquitetura para esse tipo de demanda. Em suas pesquisas, foi descoberto o arquiteto argentino Rodolfo Livingston que desenvolveu uma metodologia sistemática para o atendimento de arquitetura em que o usuário é incluído no processo de maneira participativa. A metodologia intitulada de El Metodo serviu para iniciativas de atendimentos de arquitetura para demandas populares em duas dissertações de mestrado da UFMG: “Práticas de Arquitetura para Demandas Populares: A experiência dos Arquitetos da Família”, da autora Priscilla Silva Nogueira, e “Arquitetura na Periferia: uma experiência de assessoria técnica para grupo de mulheres”, de Carina Guedes de Mendonça.

## universo de estudo

O município do Conde está inserido na região metropolitana de João Pessoa e é marcado por uma ocupação do solo bastante irregular que resultou na existência de vários assentamentos informais distribuídos pelo município. Sua legislação urbanística foi, por anos, negligenciada e foi, apenas, em 2018 que a Lei de Zoneamento, Uso e Ocupação do Solo foi criada. Além disso, com a implementação do EPA – Escritório Público de Arquitetura, também em 2018 foi aberto o edital de credenciamento de interessados na prestação de assistência técnica para melhorias habitacionais no município, indicando avanços na política habitacional.

Dentre os serviços e ações promovidos pela Coordenação de Habitação a partir da Secretaria de Planejamento da Prefeitura do Conde está o programa de regularização fundiária de comunidades informais. O programa iniciou-se com 2 comunidades: Vila do Amanhecer e Conjunto Ademário Régis.

A Vila do Amanhecer é caracterizada por ser uma comunidade pequena em que residem cerca de 25 famílias, dentre elas encontram-se amigos de longa data e familiares (irmãos, tios, avós). Apesar de ser uma comunidade consolidada há 15 anos, a associação de moradores só existe há 2 anos, quando os moradores foram vítimas de ameaças de desapropriação da área. Além disso, a comunidade, assim com tantas outras, apresenta vários níveis de precariedade e um deles é a precariedade das moradias.

Dessa forma, a Vila do Amanhecer demonstra ser uma boa área para aplicação de assessoria técnica participativa, tendo em vista a população, majoritariamente, de classe baixa, e as necessidades de melhorias habitacionais.

## justificativa

Diante do distanciamento entre a população de baixa renda e os arquitetos e das dificuldades encontradas na autoconstrução e autogestão de obras, é possível perceber a necessidade de práticas de arquitetura mais adequadas à essa população. Dessa forma o trabalho evidencia essa falha e presta assessoria técnica através da atuação do TRAMA (Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo) o qual faço parte, garantindo assim o direito à moradia, além de construir novos paradigmas e contribuir com a desmistificação da função do arquiteto frente às demandas da população de baixa renda.

# objeto/recorte

Assessoria técnica para população de baixa renda na comunidade Vila do Amanhecer, no município do Conde/PB

# objetivos gerais

- Desenvolver projeto piloto para aplicação de assessoria técnica participativa destinada a famílias de baixa renda;
- Elaborar estudo preliminar de três unidades habitacionais/piloto para a execução das obras de reforma, ampliação e/ou construção nova na comunidade Vila do Amanhecer, no município do Conde;

# objetivos específicos

- **experienciar** um processo de projeto pautado na participação do usuário, procurando entender as possibilidades e dificuldades na prática;
- **propor** soluções que atendam aos desejos e necessidades dos moradores, baseadas nas propostas formuladas por eles considerando o enfoque de custo x benefício;
- **elaborar** estudo preliminar arquitetônico com definição de diretrizes para nortear as obras

# etapas de trabalho

## 1. Embasamento teórico-conceitual

1.1 Revisão Bibliográfica: serviu para esclarecimentos de teorias e conceitos e foi desenvolvida a partir de pesquisas em artigos, dissertações, monografias, documentos oficiais e sites.

1.2 Levantamento de dados: com objetivo de criar uma base de dados estatísticos e técnicos para o desenvolvimento da pesquisa, o estudo se deu a partir de pesquisas em censos estatísticos, publicações e documentos oficiais.

## 2. Embasamento metodológico

2.1 Estudo da metodologia: a metodologia que serviu de base para o atendimento proposto foi desenvolvida por Rodolfo Livingston – arquiteto argentino – e denomina-se por El Metodo. Portanto, esta etapa de trabalho, investigou como se dá

a aplicação da metodologia e as recomendações para cada etapa estabelecida.

2.2 Análise do estudo de caso: se desenvolveu a partir da análise crítica da aplicação do El Metodo, de Rodolfo Livingston, para demandas populares através do grupo de estudos MoM (Morar de Outras Maneiras) da UFMG. Concentrou-se nas dissertações de mestrado “Práticas de Arquitetura para Demandas Populares: A experiência dos Arquitetos da Família”, da autora Priscilla Silva Nogueira, e “Arquitetura na Periferia: uma experiência de assessoria técnica para grupo de mulheres”, de Carina Guedes de Mendonça. Esta etapa objetivou compreender todas as etapas da metodologia, observando possíveis falhas ou adaptações a fim de preencher lacunas para o desenvolvimento de uma análise crítica final.

2.3 Definição de metodologia: a partir da análise acerca das aplicações do El Metodo pelo grupo de estudos MoM, pude observar que em “Práticas de Arquitetura para Demandas Populares”, de Priscilla Nogueira, a metodologia foi aplicada passo a passo e o atendimento foi prestado para famílias estruturadas de média/baixa renda que residiam em bairros periféricos, enquanto na dissertação “Arquitetura na Periferia”, de Carina Mendonça, o método sofreu uma revisão e adaptação para adequar-se à demanda de famílias de baixíssima renda que, em geral, são desestruturadas – apenas mães e filhos – e residem em assentamentos informais. Dessa forma, optei por adotar, nesse presente trabalho, algumas posturas e definições tomadas por Carina Mendonça na metodologia

aplicada em sua dissertação, pois alinham-se à realidade das famílias que trabalhei na Vila do Amanhecer nos assessoramentos propostos. Além disso, levei em consideração observações e recomendações propostas na metodologia de Livingston, El Metodo.

### **3. Assessorias e registros:**

3.1 Contato com a prefeitura: A partir da escolha pelo município do Conde, devido as atividades iniciadas pela prefeitura no campo da assistência técnica pública e gratuita, houve o contato com a Coordenação de Habitação da prefeitura para uma conversa e auxílio na definição da comunidade com a qual eu pude trabalhar: A Vila do Amanhecer.

3.2 Contato com a associação de moradores: A associação de moradores teve grande importância para o processo pois foi o elo de ligação entre mim, no papel de arquiteta, e os 3 moradores escolhidos para participarem dessa experiência.

3.3 Contato com os moradores para aplicação da metodologia definida previamente através de encontros regulares com as famílias. O assessoramento foi pautado na escuta dos desejos e necessidades dos clientes, levando em conta sua total participação durante o processo.

### **4. Desenvolvimento de propostas.**

2



# REFERENCIAL TEÓRICO

---

# moradia e políticas habitacionais

O processo de urbanização no Brasil está intimamente ligado ao processo de implantação da industrialização no país, ocorrida na passagem do séc. XIX para o séc. XX. Ao passo que a economia transferiu o foco agrário para o industrial, o território começou a sentir os reflexos da urbanização. E entre os mais diversas problemáticas decorrentes da crescente urbanização, está o problema habitacional. Mas em que ele consiste? Para Flávio Villaça,

A forma abstrata de pensar responderá a essa pergunta com algo mais ou menos do seguinte teor: todo ser humano precisa de abrigo e proteção contra as intempéries e outras agressões da natureza, e mesmo contra as agressões de seus semelhantes; precisa de privacidade e de abrigo para desenvolver sua vida individual, familiar e social. O problema que os homens tem que enfrentar para conseguir esse abrigo – a habitação – é o “problema habitacional”. Pronto! Está criado, não pela prática mas pela mente, pela razão, um “problema” abstrato, universal e eterno, ou seja, um “problema” a-histórico. “Problema” para quem? Porque é “problema”? Sua origem está nos homens ou na natureza? (VILLACA, F. 1986)

Com isso, Villaça aponta que o problema habitacional surge juntamente com o capitalismo e a ideia do “homem livre”<sup>1</sup>. Com o desenvolvimento do sistema econômico, a habitação, mesmo que lentamente, começa a se caracterizar como mercadoria. Porém, como nem todos possuíam recursos financeiros para aquisição de uma habitação através da iniciativa privada, a resolução do problema é transferida do sistema capitalista privado para o Estado que, por sua vez, mostra-se incapaz de sanar tais problemáticas ao longo da história.

O êxodo rural característico da época e o crescimento das cidades brasileiras gerou um problema de alojamento para essas novas pessoas que iam habitar a cidade. A solução para essa problemática deu-se através da iniciativa privada a partir da construção de cortiços que caracterizam-se por serem um tipo de moradia alugada. Porém essas construções além de alojar a população mais pobre, também eram foco de epidemias, sendo, portanto, uma ameaça à burguesia que passa a pressionar o Estado para que sejam realizadas medidas higienistas, resultando em normativas quanto a construção desse tipo de moradia em áreas nobres, bem como na demolição de diversos cortiços.

---

<sup>1</sup> Villaça (1986) define o “homem livre” como “antes de mais nada um despejado. Despejado de sua terra, de sua oficina, de seus meios de trabalho, de seus meios de vida. (...) Eram os despejados das decadentes fazendas, como as de café no Vale do Paraíba, eram os despejados da Itália, eram os despejados das senzalas.”



Figura 02: Interior de um cortiço (1906). Foto de Augusto Malta.  
Fonte: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/50103>

No âmbito da habitação popular do início do séc. XX, além dos cortiços, também haviam as vilas operárias. Visto que as fábricas estavam alocadas distante dos centros urbanos e o transporte público não alcança essas áreas, os donos de fábrica construíram esses empreendimentos habitacionais para abrigar os trabalhadores. Porém a iniciativa mostrou-se insatisfatória, com números insuficientes para a quantidade de trabalhadores, e segregacionista, visto que a única restrição em legislação era de que as vilas não fossem construídas em áreas nobres ou potencialmente nobres.

Por volta dos anos 30, há um forte incentivo por parte do Governo de Getúlio Vargas ao desenvolvimento industrial, intensificando cada vez mais a urbanização das cidades. Esse período pode ser observado como o momento em que a problemática da habitação passa do setor privado para o público, visto que as indústrias não se sentiam mais responsáveis por ofertar moradia para os trabalhadores. Nesse período houve a criação dos Institutos de Aposentadoria e Pensões (IAP's) que atuaram com destaque nacional na produção de habitações, porém atendiam apenas aos associados, que eram, majoritariamente, de classe média. Ou seja, a atuação dos IAP pouco modificaram o cenário da falta de habitação para as camadas mais pobres.

A partir dos anos 40 o estado passa a tomar para si a problemática habitacional e em 1946 é criado o 1º órgão em escala nacional para fins de oferta de habitação popular para a população em geral:

a Fundação da Casa Popular (FCP), que tem por objetivo financiar a construção de habitação, bem como de infraestrutura urbana. Anos mais tarde, em 1964, a FCP é extinta devido ao grande número de subsídios para os setores médios.

O período dos governos populistas, no tocante à habitação, indica avanços, porém, com pouco progresso uma vez que a construção de habitações para população de baixa renda foi em menor número que a construção para a classe média.

Já em 1964, no contexto do golpe militar, o país passava por um momento de “extrema concentração de renda, intensa segregação urbana e crescimento dos assentamentos informais e precários (loteamentos clandestinos e irregulares, favela, cortiços)” (FERREIRA, J. [s.a.]). Para responder à pressão da demanda por moradia nos centros urbanos, foi criado o Banco Nacional de Habitação (BNH) que tinha por objetivo viabilizar recursos públicos para construção e aquisição de casa própria para a população de baixa renda.

Porém, o BNH mostrou-se como política voltada para impulsionar a indústria da construção no setor privado e, por não haver subsídios por parte do governo, acabou beneficiando a população de classe média, enquanto a população pobre só crescia e continuava sem moradia.

O período compreendido entre o fim da década de 70 e a década

de 80 é marcado por uma forte paralisação do crescimento econômico, sendo a década de 80 conhecida por “década perdida”. A forte crise ocasionou, em 1986, a extinção do BNH e segundo Maricato (1993, apud FERREIRA, J. [s.a.], p.7):

O sistema não resiste à crise inflacionária da década de 80, se desintegra pelos próprios vícios de gestão e apresenta problemas estruturais, tais quais: falta de transparência e autoritarismo; centralização da política; critérios clientelistas na distribuição de recurso/ ausência de critérios sociais e técnicos objetivos; desconhecimento da realidade urbana local (conjuntos a grandes distâncias contrariaram o desenvolvimento urbano e alimentaram a especulação fundiária); priorização absoluta do financiamento para novas moradias desprezando programas diversificados; desprezo pela qualidade ambiental, urbanística e desempenho arquitetônico dos projetos, excessivamente padronizados e de baixa qualidade; má gestão dos conjuntos e inadimplência generalizada.

Dois anos mais tarde, em 1988, é promulgada a Constituição Federal, instrumento importante para descentralização do poder, dando autonomia

aos municípios na condução de políticas territoriais e habitacionais, e na promoção da reforma urbana, conforme discorrem os artigos 182 e 183 que tratam da função social da propriedade e do plano diretor para municípios com mais de 20.000 habitantes.

A moradia, desde a intensificação da urbanização das cidades, é um problema urbano devido a grande diferença de classes, distribuição de terras e oportunidades entre indivíduos. Historicamente, as soluções para os problemas habitacionais passaram do mercado para o Estado. A moradia passa, então, a ser mencionada na Constituição Federal de 1988, no Art. 23, que diz:

É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios: [...] IX - promover programas de construção de moradias e a melhoria das condições habitacionais e de saneamento básico; (BRASIL, 1988)

A retomada dos investimentos em habitação se dá na década de 90 com diversos avanços em alguns estados do Brasil, como a criação de políticas de urbanização de favelas e programas de mutirão autogeridos, por exemplo. Em 1998 é criado o Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade do Habitat (PBQP-H) para fins de organização do setor de construção civil e melhoria da qualidade das habitações.

Nos anos 2000, o direito à moradia é inserido na Constituição Federal a partir da emenda constitucional nº 26, que altera a redação do art. 6º “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, **a moradia**, o

lazer, a segurança, a previdência social [...]” (BRASIL, 2000)

O ano de 2001 traz consigo um marco importante para a política urbana no Brasil: a aprovação do Estatuto da Cidade (Lei Federal 10.257/01) que regulamenta, definitivamente, os instrumentos urbanísticos.

Quase duas décadas após a extinção do BNH, há um retomada, em 2005, de uma estrutura pública de financiamento para políticas habitacionais a partir da criação do Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social (SNHIS), “com o objetivo de implementar investimentos e subsídios advindos do Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social para viabilizar o acesso à moradia digna e sustentável às populações de menor renda.” (IAB, 2010, p.12).

No ano de 2008 houve a elaboração do Plano de Habitação Social (PLANHAB), uma política urbana e fundiária que tinha o objetivo de ofertar financiamentos e subsídios para o amplo acesso à moradia. “O plano previa que para acabar com o déficit habitacional, 2% do orçamento federal deveria ser destinado a habitação durante 15 anos” (LACERDA, 2016, p.4).

Nesse mesmo ano, foi aprovada a Lei Federal 11.888/08, a Lei da Assistência Técnica, que “assegura às famílias de baixa renda assistência técnica pública e gratuita para o projeto e a construção de habitação de interesse social” (BRASIL, 2008). Tendo sua vigência apenas a partir do ano seguinte.

O contexto do ano de 2009 está muito atrelado à crise mundial de 2008 que forçou o governo a injetar uma série de estímulos na economia para favorecer o crescimento econômico do país. Com o crescimento do déficit habitacional e das cidades médias, cresceu também as demandas habitacionais, tendo destaque a demanda da população de média renda. Dessa forma, o governo abandona o PLANHAB e cria uma política de produção maciça apoiada no setor privado da construção, o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV). Segundo, Jakeline Santos:

A implantação do PMCMV, não se traduz de fato numa política governamental sobre a questão habitacional, mas, numa ação para ativar a economia após a crise mundial de 2008, como subsídio ao aquecimento da indústria da construção para geração de empregos e renda. Apesar de se construir casas, não se produz cidades. (SANTOS, 2014, p.30)

O PMCMV atingiu tanto à população de baixa renda (0 a 3 salários mínimos) quanto à de renda média (3 a 10 salários mínimos), tendo, nos últimos anos, números significativos na construção de habitação para renda média. A atuação do programa na construção habitacional apresentou diversos problemas como:

Falta de diversidade de tipologias e de implantação; urbanização precária; distanciamento das áreas urbanizadas; dimensionamento exagerado (limite de 300 UHs, mas possibilidade de contiguidade = cerca de 150 empreendimentos com mais de 1500 unidades); qualidade arquitetônica e construtiva discutíveis; autonomia dos municípios - dificuldade de regulação e fiscalização, falta de compromisso local. (FERREIRA, J.)

Em suma, o PMCMV, por dar liberdade de poder à iniciativa privada, acabou gerando mais problemas do que soluções no tocante à questão habitacional, visto que se trata de uma estratégia de impulso à economia, não de uma política habitacional de fato (SANTOS, 2014, p. 31).

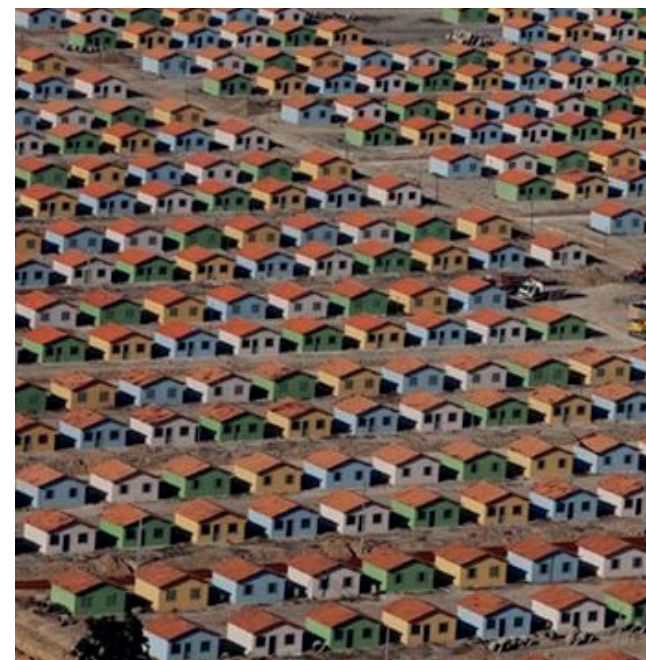


Figura 03: Habitações em série do PMCMV. Foto de Lalo de Almeida.

Fonte: <http://sarauxyz.blogspot.com/2015/10/minha-casa-minha-vida-falida-belo-monte.html#.XM9kauhKg2w>



# assistência técnica no brasil

## um breve histórico

Com o crescimento das cidades brasileiras, que de modo geral, se deu a partir da ocupação informal do solo e da autoconstrução, a problemática habitacional passa a ser discutida no país. Em 1976, em Porto Alegre, inicia-se a discussão sobre assistência técnica com a instituição do programa de Assistência Técnica à Moradia Econômica (ATME). Anos mais tarde, em 1990, a prefeitura de Porto Alegre, incorpora a assistência técnica como responsabilidade municipal. Mas só em 1998, o arquiteto e também vereador Clóvis Ilgenfritz da Silva, aprovou na câmara municipal a Lei Complementar 428, garantindo a população que não detém de recursos, o serviço de assistência técnica. Foi, então, no fim da década de 90, que entrou em vigor a primeira lei no Brasil a oferecer o serviço de assistência técnica e a tratá-la como dever do Estado. (SANTOS, J., 2014)

Como já mencionado, em 2001 houve a aprovação do Estatuto da Cidade e, junto a ele, é iniciada a discussão sobre a assistência técnica no âmbito federal. Um ano mais tarde, o deputado federal Clóvis Ilgenfritz da Silva lança no congresso a projeto de lei 6.22/2002, “Assistência Técnica à Moradia Econômica”. Nesse contexto os profissionais e movimentos sociais já vinham levantando discussões acerca da Habitação de Interesse Social, com isso inicia-se o debate sobre a problemática da habitação no meio acadêmico, levando à criação dos Escritórios Modelos, que são regidos pela Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo (FENEA), geridos pelos próprios estudantes, sob orientação de professores, e tem por

objetivo atender a demandas da população com menos recursos.

Em 2006, após discussões em seminários sobre Assistência Técnica, o deputado federal Zezéu Ribeiro, modifica o projeto de lei de Clóvis Ilgenfritz, que estava em tramitação no congresso, e apresenta o novo projeto de lei 6.981/2006 na câmara.

Com a base política e social muito mais consolidada, a assistência técnica passa a ser uma reivindicação não só de categorias profissionais como também da sociedade, resultando na parceria entre arquitetos e movimentos sociais que levou à criação do Fórum Nacional da Reforma Urbana. Após dois anos em tramitação do projeto de lei de Zezéu Ribeiro, a Lei Federal 11.888/2008 é finalmente aprovada, entrando em vigor apenas no ano de 2009.

## lei 11.888/2008

A Lei Federal 11.888/2008, conhecida por Lei da Assistência Técnica, “assegura o direito das famílias de baixa renda à assistência técnica pública e gratuita para o projeto e a construção de habitação de interesse social, como parte integrante do direito social à moradia”, conforme Art. 1º da referida lei. Abrange, portanto, além da regularização fundiária da habitação, projetos para edificação, reforma ou ampliação.

O direito é assegurado para famílias com renda mensal de até três salários mínimos, residentes de áreas urbanas ou rurais. A

assistência técnica deverá ser realizado por profissionais da área de arquitetura, urbanismo e engenharia, abarcando serviços de projeto, acompanhamento e execução da obra.

Para que a lei seja efetivada, é necessário o apoio financeiro das esferas públicas federais, estaduais e municipais em forma de convênios ou parcerias entre elas. A assistência técnica pode ser ofertada diretamente às famílias ou a grupos organizados que as representem (cooperativas, associações de moradores, etc). E devem priorizar, conforme parágrafo 2º da lei 11.888/08, iniciativas a serem implantadas: sob regime de mutirão; em zonas habitacionais de interesse social (BRASIL, 2008).

Os serviços garantidos por lei deve ser prestado por profissionais das áreas de arquitetura, urbanismo e engenharia que atuem como: servidores públicos; integrantes de equipes de ONG's; profissionais inscritos em programas de residência acadêmica ou em programas de extensão universitária, por meio de escritórios modelos ou escritórios públicos com atuação na área; profissionais autônomos ou integrantes de equipes de pessoa jurídica previamente credenciados, selecionados ou contratados pelo poder público (BRASIL, 2008).

Os custos desses serviços, conforme o Art. 6º, “devem ser custeados por recursos de fundos federais direcionados à habitação de interesse social, por recursos públicos orçamentários ou por recursos privados” (BRASIL, 2008).

### **aplicabilidade e dificuldades encontradas**

Para a aplicação da lei não bastou ela ser, somente, aprovada. É necessário que a informação chegue aos municípios, à população e aos profissionais da área. Nesse sentido, nos últimos anos foram publicados materiais sobre o tema, como o “Manual para a Implantação da Assistência Técnica Pública e Gratuita a Famílias de Baixa Renda para Projeto e Construção de Habitação de Interesse Social”, elaborado pelo Instituto de Arquitetos de Brasil, e a cartilha “ATHIS - Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social. É um direito! E muitas possibilidades”, elaborado pelo CAU/SC. Além desses materiais, entidades profissionais e universidades também promoveram ao longo dos anos ações de formação para profissionais e seminários para discutir o tema. Mas, ainda assim, a aplicabilidade da lei é baixa.

Segundo o estudo feito por Jakeline Santos (2014), em sua dissertação de mestrado que procurou investigar quais os problemas enfrentados para a aplicação da lei 11.888/2008, levantou-se como hipótese



que a falta de informação seria o principal problema a ser encontrado, porém, o estudo demonstrou que esse não é o único desafio a ser vencido para a efetivação da referida lei e que outros fatores contribuem fortemente para a questão, como:

*Vontade política para implantação nos municípios; falta de equipes técnicas capacitadas para ações de AT; ausência de legislação municipal para habitação; falta de cooperação entre Estados e Municípios; dificuldade de acesso aos recursos federais; a falta de articulação dos Conselhos profissionais de arquitetura e de engenharia, junto aos governos municipal, estadual e federal. (SANTOS, 2014, p. 110)*

Esses são alguns dos fatores que contribuem para a estagnação da lei 11.888/2008. Propõe-se, então, segundo Santos (2014) a desconstrução do assistencialismo, o alinhamento das esferas municipais, estaduais e federais nas práticas de Assistência Técnica, além da forte pressão popular, das entidades profissionais e dos movimentos pró-moradia. E complementa:

*Estima-se, portanto, que a elaboração dos Planos Municipais de Habitação, a flexibilização da burocracia institucional, a obrigatoriedade de aplicação de recursos, a regulamentação do FNHIS, a capacitação da equipe técnica municipal e o próprio conhecimento da Lei Federal são de fundamental importância para nortear os municípios brasileiros na formulação e aplicação de legislação municipal. É importante que essa legislação inclua a Assistência Técnica dentro da política municipal de habitação, levando em consideração as diretrizes propostas pela Lei Federal 11.888/2008. (SANTOS, 2014, p. 112)*

## assistência x assessoria

A Lei da Assistência técnica foi inspirada no Sistema Único de Saúde e em outras áreas da assistência social. Porém, a sua terminologia leva a interpretação de uma política de caráter assistencialista e missionário (BALTAZAR, P., KAPP, S., 2016) que necessita ser combatido.

Arquitetos e Urbanistas que decidem aderir à luta da assistência técnica, para garantia do acesso, às famílias de baixa renda, a serviços e produtos similares aos consumidos por população de maior renda partem da suposição de que:

*[...] tais itens satisfariam necessidades universais, enquanto as cidades e moradias que a população produz por conta própria seriam apenas substitutos precários ou subnormais desses mesmos itens. Tal postura preconiza a imposição da cultura do arquiteto sobre a dos supostos clientes e usuários. (BALTAZAR, P., KAPP, S., 2016, p. 4)*

Em contraponto ao ideário assistencialista, a assessoria caracteriza-se por estar associada a uma relação sem dominação, mesmo que assimétrica. Conforme aponta Arendt (2011 apud BALTAZAR, P., KAPP, S., 2016):

*As características ou diretrizes que atribuímos à assessoria são, fundamentalmente: uma assimetria assumida entre técnicos e assessorados em vez de uma pretensa simetria; a abertura para algum ganho de autonomia, individual e coletiva, em vez da criação de novas dependências; a ampliação do imaginário acerca do espaço e de sua produção em vez da adesão a pressupostos abstratos e soluções técnicas que ainda desqualificam conhecimentos e práticas dos assessorados; e a rearticulação de uma esfera pública, diferente tanto da esfera privada, quanto da esfera social. (BALTAZAR, P., KAPP, S., 2016, p.5)*

Entende-se, portanto, que a “assessoria” técnica busca a democratização do conhecimento a partir da discussão junto à classe trabalhadora acerca dos direitos à cidade e à moradia digna. Além disso, é marcada por um caráter multidisciplinar e por uma relação horizontal que está atrelada a ideia de “trabalhar com o outro”<sup>2</sup>, em que as decisões são tomadas por todos os agentes envolvidos, enquanto a “assistência” assemelha-se com o conceito de “trabalhar para o outro”, indicando uma relação hierárquica (DEMARTINI, J., 2016).

Dessa maneira, a crítica que se tem acerca da assistência técnica é que por possuir esse caráter assistencialista não se mostra como uma política social de fato, visto que os arquitetos e engenheiros envolvidos para prestar o serviço estão à disposição para solução de problemas físico-espaciais, mas, em geral, não têm preparo para enfrentar a subjetividade do habitar popular (DEMARTINI, J. 2016).

Demartini defende que, se os serviços de assistência técnica fossem incorporados às “assessorias” que, por sua vez, tem um caráter multidisciplinar, abrangendo profissionais de diversas áreas como cientistas e assistentes sociais, psicólogos, sociólogos, geógrafos, advogados, entre outros, tornaria-se um tipo de serviço mais abrangente e complexo, pois na medida que soluciona questões técnico-construtivas também discute e prioriza as questões sócio-políticas e econômicas presente na moradia popular. Segundo Abraão e Torelly (2006 apud DEMARTINI, J., 2016):

[...] as assessorias podem configurar-se como agentes que, dentro de uma política pública, procuram promover a emancipação cidadã, por meio da estruturação e fortalecimento de redes sociais coletivas, para que a população transforme-se em “agente da própria causa”.

---

<sup>2</sup> A discussão sobre o “trabalhar com o outro” e “trabalhar para o outro”, realizadas com base na pedagogia de Paulo Freire, fundamenta as práticas de assessoria jurídica universitária, cujo debate retroage à década de 1980. A Rede Nacional de Assessoria Jurídica Universitária (RENAJU), que implantou essas práticas no ensino dos cursos de Direito, defende o desenvolvimento de ações que visam a emancipação social dos que recebem o apoio (CARVALHO, 1992; HENRIQUES, 2007 apud DEMARTINI, J., 2016, p. 6).

Figura 04: Principais características que podem ser atribuídas à “assistência” e à “assessoria” técnica.  
Fonte: DEMARTINI, J., 2016.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA	ASSESSORIA TÉCNICA
Engenheiros e Arquitetos Urbanistas (LEI 11.888/2008)	Equipes multidisciplinares (Advogados, Geógrafos, Sociólogos, Assistentes Sociais, Engenheiros, Arquitetos, Administradores, Economistas, Psicólogos, etc)
Atendimento individual, restrito às questões de ordem técnica/construtiva	Estruturação de coletivos, formação e fortalecimento dos “agentes da própria causa”, ações voltadas à emancipação cidadã
Em geral, apresenta relação hierárquica dos profissionais sobre as famílias assistidas	Busca estabelecer uma relação horizontal entre profissionais e população concernede
Prevê capacitação técnica para profissionais e população	Desenvolve capacitação técnica para profissionais e população
Intervenções realizadas em curto prazo, para melhorias pontuais	Ações realizadas a médio e longo prazos, para melhorias mais abrangentes (habitacionais, sociais, econômicas, políticas, etc)
Intervenções técnicas	Ações sociais, troca de saberes, intervenções técnicas
Direito de acesso gratuito a serviços técnicos	Defende e busca meios para garantir a cidadania, o direito à cidade e à moradia adequada indissociavelmente
Incentivo ao mutirão	Incentivo à autogestão e mutirão
“Trabalhar para o outro”	“Trabalhar com o outro”

## moradia digna

Os seres humanos precisam de abrigo para se proteger de condições climáticas desfavoráveis e precisam estar resguardados dos perigos do meio externo. Mas o ser humano não é só corpo físico, são dotados de intelectualidade e consciência, portanto, precisam de um abrigo em que possam expressar sua individualidade, interagir com outros seres com privacidade, pensar sem interrupções e descansar após um longo dia. Por esses e outros motivos que o direito à moradia adequada é garantido por legislação internacional e pela Constituição brasileira. Segundo o caderno “Direito à Moradia Adequada”, da série “Por uma Cultura de Direitos Humanos, elaborado pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República:

Esse direito fundamental foi reconhecido em 1948 pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (NAÇÕES UNIDAS, 1948) como integrante do direito a um padrão de vida adequada, e também em 1966 pelo Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (NAÇÕES UNIDAS, 1992), tornando-se um direito humano universal, aceito e aplicável em todas as partes do mundo como um dos direitos fundamentais para a vida das pessoas. [...] Na Constituição brasileira, o direito à moradia está reconhecido como direito fundamental no artigo 6º. (BRASIL, 2013, p. 9)

Segundo Organização das Nações Unidas (1991 apud CAU/SC, 2018), a moradia adequada deve proporcionar a seus habitantes: segurança da posse; disponibilidade de serviços, materiais, instalações e infraestrutura; economicidade; habitabilidade; acessibilidade; localização articulada com os serviços urbanos; e adequação cultural aos habitantes.

Com isso, o CAU/SC apresenta, em sua cartilha “ATHIS - Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social. É um direito! E muitas possibilidades”, uma conceituação clara sobre o que é moradia digna, que vai muito além do espaço físico da habitação. Portanto,

Moradia digna é: ter acesso a **bens indispensáveis** ao desenvolvimento da vida, como **terra e água**, bem como a um meio ambiente equilibrado; Ter **acesso a serviços e bens públicos** de infraestrutura (como energia elétrica, sistema de esgoto e coleta de lixo); Ter **abrigo em condições de ocupação estável**, sem ameaça de remoções indevidas ou inesperadas; Ter uma **habitação financeiramente acessível**, via a concessão de subsídios ou do estabelecimento de condições de financiamento compatíveis com o nível de renda das famílias; Estar em uma **localização adequada**, em áreas urbanas ou rurais, com **acesso** a serviços de saúde, escolas, creches e transporte público; Ser **adequada culturalmente**, ou seja, feita com materiais, estruturas e disposição espacial que viabilizem a expressão de identidade cultural e a diversidade de seus habitantes. (CAU/SC, 2018, p.24)

# arquitetura e autoconstrução

Na década de 1950 as periferias das grandes cidades brasileiras eram predominantemente formadas por loteamentos ilegais e moradias autoconstruídas por ajuda mútua, moradia característica das camadas populares. A partir dos anos 1970 esse tipo de moradia passou a ser predominante no país, inclusive, em algumas cidades pequenas (VILLAÇA, 1986). Dessa forma a autoconstrução passa a ser uma prática rotineira nos bairros periféricos (SANTOS, 2014) até os dias atuais.

Segundo dados do CAU/BR (2015), mais de 80% da população constrói sem o auxílio de arquitetos, trazendo à tona a dura realidade brasileira: a cultura da autoconstrução e a baixa atuação dos profissionais de arquitetura e urbanismo.

A definição de autoconstrução para Maricato (1994 apud SANTOS, 2014) é que esse é um processo onde o proprietário constrói sua própria casa sozinho, ou auxiliado por amigos e familiares, nos horários livres, podendo ser entendidos a partir dos termos autoajuda, ajuda mútua ou mutirão. Segundo KAPP (2009 apud NOGUEIRA, 2010) “autoprodução é a produção própria que não segue regras técnicas. Os moradores e construtores diretos tomam as decisões, mas num leque restrito de opções”.

Para Valladares (1983 apud SANTOS, 2014) a autoconstrução pode ser considerada uma solução habitacional, visto que não há uma política habitacional de fato, tampouco um mercado formal que promova

moradias compatíveis com o salário da população pobre. Porém, o processo da autoconstrução traz consigo diversas problemáticas, uma vez que a população que mais autoconstrói - a população de baixa renda - não tem auxílio técnico de profissionais da área, como arquitetos ou engenheiros. Dessa forma, as obras resultantes da autoconstrução acabam apresentando os mesmos vícios: obras mais caras do que se tivessem sido melhor planejadas, maiores desperdícios de materiais, além do comprometimento do conforto térmico da habitação, por essa não ser uma questão tratada tecnicamente.

Dessa maneira, a assistência técnica surge como solução de política pública para garantia da moradia digna, assegurando a qualidade e habitabilidade das moradias. Santos (2014) defende que o:

[...] acompanhamento técnico à construção de habitação popular é um dos caminhos para aumentar o nível de assertividade nas construções de baixa renda, minimizando os riscos, racionalizando a construção, dotando os espaços funcionais de conforto ambiental, gerando inclusive ações de sustentabilidade.

Por outro lado, há um abismo na atuação dos arquitetos nesse contexto da moradia popular, tendo em vista que, historicamente, a profissão do arquiteto esteve atrelada a obras destinadas a clientes abastados, como a Igreja, o Estado, empresas, instituições e a classe alta. Dessa forma, a população menos abastada passa a construir e reformar suas próprias moradias, sem nunca depender de profissionais diplomados para tal feito (NOGUEIRA, 2014, p. 18). Esse distanciamento também



está relacionado ao contexto social em que a figura do arquiteto está inserida, visto que “o arquiteto passa a ocupar (e a vir de) posições cada vez mais altas na hierarquia social” (Ferro, 2012 apud Mendonça, 2014). Para Nogueira (2010), os “arquitetos ainda são vistos como profissionais das elites, econômicas e culturais: têm um gosto peculiar e tentam misturar intelectualidade e originalidade”, fazendo-os distanciar-se de camadas mais populares.

Segundo Stevens (2003 apud Mendonça, 2014), o campo da arquitetura possui dois campos: o de massa e o restrito. O de massa está associado a produção de habitações populares e edifícios residenciais padronizados, ou seja, atendem a um ‘mercado de consumo’. Já o campo da produção restrita está ligado aos valores simbólicos<sup>3</sup> envolvidos, em que a produção é voltada, especificamente, para a cultura dominante, reforçando os símbolos que as mantém na posição de domínio sobre as demais camadas sociais.

Essa análise do campo da arquitetura demonstra que a sua estrutura não favorece práticas voltadas para o atendimento de demandas de um público – membros da classe menos favorecida – que não possui os capitais simbólicos valorizados pelo campo. Essa perspectiva é reforçada pelo fato de nas periferias, como é possível observar, a atuação do arquiteto seja tão escassa. (MENDONÇA, 2014, p. 23)

Ou seja, os arquitetos, membros da classe dominante, dificilmente estarão dispostos a trabalhar com projetos de arquitetura que não envolvem o ganho de bens simbólicos (NOGUEIRA, 2010).

Nesse sentido, de um lado, há a população menos favorecida que autoproduz sua moradia, sem necessidade de um assessoramento técnico pois possuem algum conhecimento empírico dos processos construtivos. Do outro lado, há os profissionais de arquitetura que tendem, em seus atendimentos, a impor seus conceitos e gostos da classe dominante (MENDONÇA, 2014). “Ou seja, existe uma discrepância entre as demandas reais da população de baixa renda e as respostas em geral oferecidas pelos técnicos” (Kapp et al., 2012 apud MENDONÇA, 2014).

---

<sup>3</sup> Os bens simbólicos estão ligados aos conceitos de capital definidos por Bourdieu e são discutidos na dissertação de Nogueira (2010), que diz “o conceito de capital [...] se refere ao conjunto de recursos econômicos, sociais, culturais e simbólicos de cada indivíduo”. O capital simbólico, segundo Bourdieu, é tudo aquilo que reconhecemos como prestígio ou honra e que permite identificar os agentes no espaço social. Ou seja, desigualdades sociais não decorreriam somente de desigualdades econômicas, mas também dos entraves causados, por exemplo, pelo déficit de capital cultural no acesso a bens simbólicos.

Portanto, um trabalho feito por arquitetos – membros da classe opressora – com a finalidade de proporcionar melhorias para pessoas pobres, não será nada mais que uma falsa “generosidade” caso não seja realizado de forma que os atendidos possam ser capazes de conduzir essa melhoria por eles mesmos.

Figura 05: Logotipo do grupo de estudos MOM.  
Fonte: <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/index.html>

**MOM**  
morar de outras maneiras

# metodologia participativa

## grupo de estudos mom

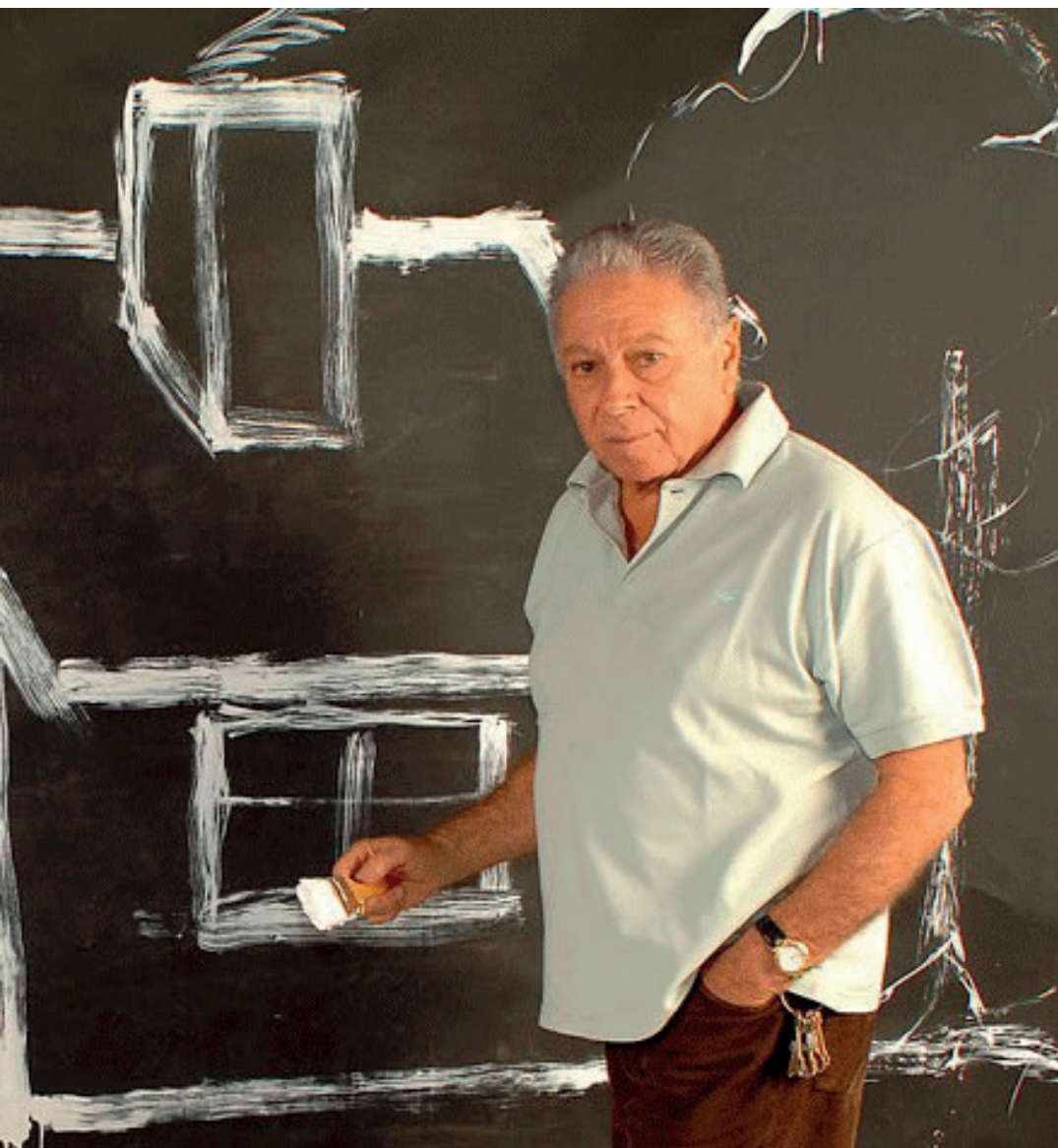
A partir da busca por bibliografias sobre a temática que o trabalho aborda, bem como de experiências no âmbito da assistência técnica, foi descoberto o Grupo de Estudos MOM (Morar de Outras Maneiras) do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da UFMG.

As pesquisas do grupo de estudos destinam-se aos autoconstrutores informais, que produzem suas habitações com recursos escassos, ou que se submetem a empreendimentos formais, mas passam a ter pouco poder de decisão.

O objetivo geral do MOM é investigar os processos de produção de moradias no ambiente urbano, tomando como elementos norteadores: a autonomia dos moradores, construtores diretos e grupos primários; a economia social; e processos construtivos de impacto ambiental controlado.

O MOM teve papel importante para a construção do referencial teórico deste trabalho, bem como para a conhecimento de metodologia alinhada ao atendimento de demandas da populares<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> O termo demandas populares é usado para designar as demandas oriundas de certo tipo de público, caracterizado sob dois pontos de vista diferentes. Um deles é o ponto de vista dos recursos, econômicos e não-econômicos, isto é, diz respeito à renda familiar mensal e à disponibilidade de outros recursos a serem investidos na construção ou na reforma de edificações residenciais e não-residenciais. Sob essa ótica, o termo popular se refere a famílias cuja renda mensal é de aproximadamente cinco salários mínimos (pouco mais de dois mil e quinhentos reais). (NOGUEIRA, P., 2010, p.15)



## el metodo de rodolfo livingston

A pesquisa referenciada por “Arquitetos da Família”, realizada por Priscilla Nogueira, através do grupo de pesquisa MOM, buscou investigar processos participativos de projeto que envolvessem, principalmente, clientes populares. No decorrer da pesquisa, foi descoberto o arquiteto argentino, Rodolfo Livingston, pouco conhecido no cenário da arquitetura latino americana, mas que discute e levanta questões acerca dos serviços ofertados por arquitetos e que pouco dialogam, de fato, com as demandas reais dos clientes.

Rodolfo Livingston se formou arquiteto pela Universidad de Buenos Aires em 1956. Durante a década de 60 o arquiteto trabalhou junto à comunidade de Baracoa, na ilha de Cuba, assessorando operários na construção de suas próprias moradias. Tal experiência resultou em uma profunda reflexão sobre o seu trabalho, levando o arquiteto a sistematizar um método de atendimento baseado nos seguintes aspectos:

*redução as formalidades e a formalização na transmissão das informações; abandono da ideia de solução fechada e definitiva; possibilidade da interrupção nos serviços; adoção do conhecimento técnico aplicado (e não somente teórico); supressão do excesso de informações; segurança e confiança nos profissionais atuantes na obra.*  
(NOGUEIRA, P., p.23)

Intitulada de *El Metodo*, a metodologia, originada das experiências do arquiteto na década de 60, foi aperfeiçoada no decorrer da sua atuação profissional em Buenos Aires, em que trabalhou com demandas de menor porte para a classe média. Livingston caracteriza o *Metodo* como participativo por ter ampla participação dos usuários na definição das necessidades e escolha das soluções

Figura 06: Rodolfo Livingston.  
Fonte: <http://estudiolivingston.com.ar>



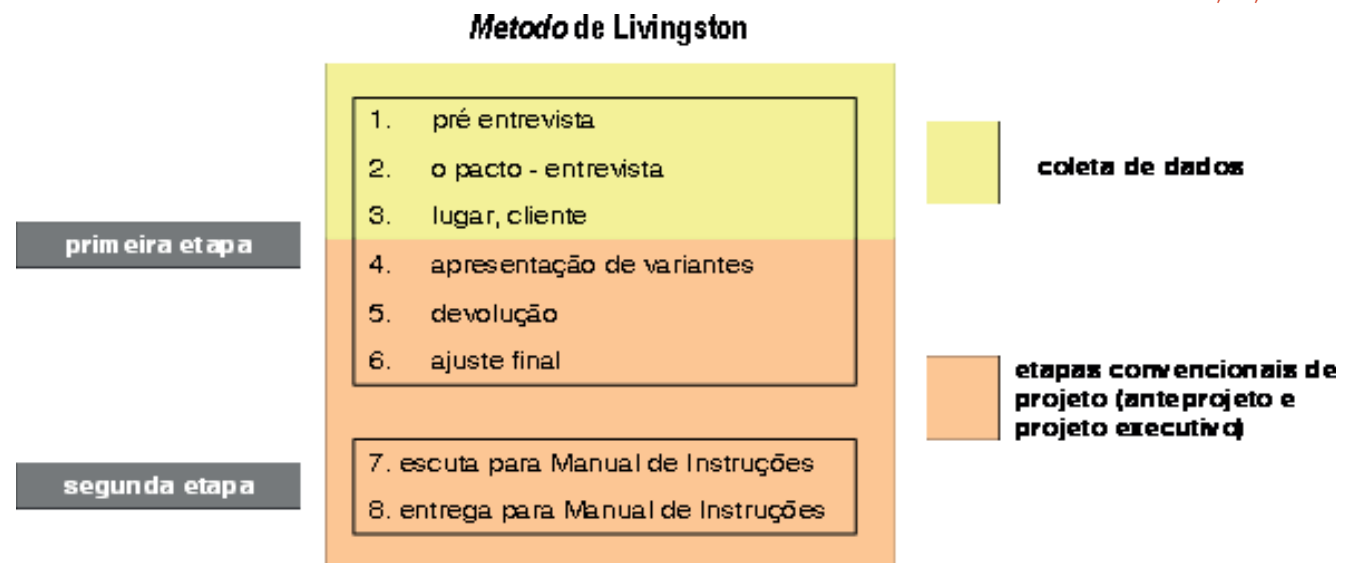
para o desenvolvimento dos projetos. O que diferencia *El Metodo* de práticas convencionais é que o atendimento é pautado na escuta do cliente, resultando numa coleta de dados importante para o desenvolvimento de um projeto alinhado às reais necessidades dos usuários. Segundo Mendonça (2014), o *Metodo*, de Rodolfo Livingston, na prática arquitetônica, significa:

*uma ampla e sistemática escuta das demandas e o compartilhamento efetivo das decisões, além da possibilidade de interrupção dos serviços a qualquer momento e da redução das formalidades.*

A metodologia é agrupada em duas etapas, compostas por oito passos. A primeira etapa abrange a *Pre-Entrevista*, *Premera Entrevista*, *El Sitio y El Cliente*, *Presentación de Variantes*, *Devolución e Ajuste Final*. Já a segunda etapa do *Metodo* consiste nos passos Escuta e Entrega para o *Manual de Instrucciones*. Os três primeiros passos, pode-se dizer, que é o grande diferencial dessa metodologia, pois servem como uma coleta de dados, enquanto os demais se assemelham às atividades consideradas como a essência do trabalho do arquiteto no ponto de vista da prática convencional (NOGUEIRA, 2010)

A partir do estudo acerca do *Metodo*, foi possível criar um quadro-resumo com detalhes de cada passo proposto por Livingston. As recomendações contidas no *El Metodo* serviram para nortear a experiência determinada para este trabalho. Vale destacar que a metodologia de Livingston, mesmo que originada no cenário de assessoria para autoconstrutores em Cuba e ter caráter participativo no processo de projeto, ela não foi desenvolvida especificamente para atender à população de baixa renda.

Figura 07: Quadro de etapas *El Metodo*  
Fonte: NOGUEIRA, P., 2010.



# Quadro Resumo

## 1 PRE-ENTREVISTA

Contato inicial com os clientes através de um telefonema ou encontro casual

Inicialmente apresentar para o cliente o sistema de trabalho, detalhes quanto às etapas, custos e formas de pagamento

Transmitir as informações de maneira clara e direta, pois segundo Livingston “é natural que as pessoas preencham vazios deixados pela falta de comunicação”

Objetivo: informar ao arquiteto sobre as demandas básicas dos clientes

O arquiteto deve: saber fazer as perguntas certas e ouvir as respostas sem dar soluções precipitadas

Solicitar para o próximo encontro, *Premera Entrevista*, o *Proyecto del Cliente*, que consiste basicamente em desenhos das casas feitos pelos moradores

Importante solicitar a presença de todos os usuários do local na entrevista.

Caso concordem, é firmado o compromisso entre as partes (*El Pacto*)

A entrevista se desenvolve a partir da aplicação de exercícios de escuta

O papel do arquiteto durante os exercícios de escuta são: prestar atenção aos relatos; anotar o que for possível; interferir o mínimo.

### *\*Proyecto del Cliente (PC)*

Objetivo: fazer o arquiteto compreender o espaço atual e as ideias dos clientes

Os clientes devem levar desenhos da situação atual e da futura obra, em seguida o arquiteto redesenha utilizando papel transparente por cima, sempre com ajuda dos clientes

Importante compreender o espaço segundo a visão dos usuários e as razões para mudanças  
Arquiteto deve adotar uma posição de aliado, evitando confronto de “minha ideia versus sua ideia”

### *\*Más-menos*

Objetivo: conhecer o que cada usuário menos gosta e mais gosta no espaço em que vive  
Arquiteto deve anotar o que os clientes dizem em ordem de importância (sufrinômetro e felizômetro)

Importante que os clientes sintam-se livres para dizer o que lhes vier a mente

### *\*Ejercicio Fiscal*

Principal Objetivo: fazer os clientes se desapegarem do significado dos espaços e fazê-los explicitar o que cotidianamente os incomoda, mesmo depois de já terem se acostumado.

Consiste num jogo de acusação em que os usuários devem apontar os defeitos mais graves dos espaços, independente se têm razão ou solução aparente para o problema

### *\*Casa Final Deseada (El Sueño)*

Fazer os clientes esquecerem da casa real e imaginarem a casa ideal, independente de custos, viabilidade construtiva ou de tempo  
Importante que os clientes revelem os seus desejos mais ocultos, pois pode existir a possibilidade de atendê-los, mesmo que a longo prazo

“Pode haver pobreza de recursos, mas não de pensamento. Nem de imaginação. Privar-se de ambas é o mais difícil que há.” (LIVINGSTON)

### *\*La Historia*

Objetivo: promover um relato sobre a história do local

Arquiteto deve tomar cuidado para não interrogar os clientes, fazer perguntas breves e permitir que as pessoas falem livremente.

### *\*La Familia*

Objetivo: possuir um entendimento geral da

## 2. PRIMERA ENTREVISTA

Deve acontecer no escritório do arquiteto, não no local da obra

Utilização de um roteiro de trabalho (Hoja de Ruta) contendo uma descrição sintética das obrigações e tarefas das partes envolvidas, etapas de trabalho, conteúdos e valores

É fundamental que os clientes entendam, concordem ou discordem do Roteiro de Trabalho

dinâmica das atividades da família. O arquiteto deve anotar nomes e idades dos moradores, verificar se há usuários ocasionais, verificar horários e hábitos de cada um.

#### *\*Sitio Actual*

Objetivo: adquirir informações acerca da localidade que o imóvel está situado. O arquiteto deve questionar os moradores sobre: ano de construção do imóvel ou aquisição do lote, descrição genérica dos vizinhos, se há árvores próximas, a largura das ruas, a topografia e qualidade do solo, e se há serviços próximos.

Resultado da *Premera Entrevista*: “Aparato” para Juzgar Variantes, O aparelho para julgar opções deve conter uma síntese de informações da entrevista.

### 3. EL SITIO Y EL CLIENTE

Levantamento sistemático para apreensão de todos os detalhes e finalização da coleta de dados.

Consiste em: visita ao local, execução de medições e observações, revisão da entrevista com os clientes, observar os materiais e técnicas construtivos aplicáveis, bem como a legislação.

### 4. PRESENTACIÓN DE VARIANTES

Apresentação das opções de projeto: propõe-se que sejam apresentados vários arranjos diferentes e abertos de uma mesma demanda. Observações: não existe diferença entre o que é apresentado aos clientes e o que é processual, os desenhos são feitos à mão em papel transparente, sem sofisticação, na escala 1:100 e os símbolos e convenções são suprimidos, para compreensão clara dos clientes. As variantes não são soluções prontas, por isso o arquiteto deve sempre ter em mãos: tesoura, fitas, papéis transparentes, canetas de cores variadas e régua.

### 5. DEVOLUCIÓN

Os clientes levam as variantes para casa, para avaliarem com calma as opções, podendo, inclusive, propor novas variantes. Quando terminar o processo de reflexão e avaliação, marcam uma reunião com o arquiteto para expor observações e críticas. Devolvem o projeto ao arquiteto para que ele trabalhe nos ajustes finais.

### 6. AJUSTE FINAL

A partir das observações dos clientes, o arquiteto ajusta o que for necessário para a apresentação da Variante Final.

### 7. ESCUTA PARA O MANUAL DE INSTRUCCIONES

Com a Variante Final definida, é necessário mais uma escuta dos clientes para a elaboração do manual de instruções em que será definida a quantidade de informações que o manual deverá conter, escolha de janelas, portas, guarda-corpos, fechamentos, revestimentos e cores.

### 8. ENTREGA DO MANUAL DE INSTRUCCIONES

O manual de instruções deverá conter: projeto de alvenaria, com plantas e cortes, mostrando móveis, ponto de luz e aberturas de portas e janelas - todas no mesmo desenho; fachadas com propostas de cores; detalhamentos de elementos fundamentais, como escadas, por exemplo; perspectivas para mostrar soluções espaciais específicas; áudio com instruções complementares.

## estudos de caso

Através da pesquisa bibliográfica, foi possível encontrar experiências norteadoras para o desenvolvimento deste trabalho e que tinham como base a metodologia participativa de Rodolfo Livingston. As experiências foram realizadas em pesquisas de mestrado em Arquitetura e Urbanismo na UFMG, e são intituladas de “Práticas de Arquitetura para Demandas Populares: experiência dos Arquitetos da Família”, de Priscilla Nogueira, e “Arquitetura na Periferia: uma experiência de assessoria técnica para grupo de mulheres”, de Carina Mendonça. Ambas tratam de experiências de assessoria técnica participativa para demandas populares.

### **Práticas de Arquitetura para Demandas Populares: a experiência dos Arquitetos da Família**

A pesquisa realizada por Nogueira adotou a metodologia desenvolvida por Rodolfo Livingston, intitulada de *El Metodo*, em contraponto à prática convencional dos atendimentos de arquitetura. Após um estudo aprofundado do *Metodo*, ele foi aplicado com clientes reais na cidade de Belo Horizonte. Para a aplicação do procedimento foi criado um grupo de arquitetos, intitulado de “Arquitetos da Família”, coordenado por Nogueira, que aprofundou os estudos do *Metodo*, e este foi continuamente discutido e modificado durante o período de aplicação, que durou cerca de 1 ano.


Para efetivação da pesquisa, Nogueira utilizou-se de anúncios para atrair os clientes. Os anúncios foram feitos em forma de panfleto e à

mão, com linguagem simples e direta. Segundo Nogueira (2010):

*A primeira ideia foi utilizar um tipo de divulgação que pudesse atrair clientes que se encaixassem no perfil desejado: pessoas das camadas inferiores das classes médias que estivessem em busca de soluções construtivas e espaciais, mas que não contratariam um arquiteto por desconhecerem o seu trabalho, por julgarem não poder pagar e por acreditarem ser o arquiteto um profissional que só atende demandas mais sofisticadas.*

A distribuição dos panfletos aconteceu em lojas de materiais de construção, associações de moradores e em frente à igrejas. Além da panfletagem, os anúncios também foram publicadas em diversos jornais locais de Belo Horizonte.

# ARQUITETOS DA FAMÍLIA


“ VOCÊ PENSA EM REFORMAR OU AUMENTAR SUA CASA ?”

UM ARQUITETO PODE AJUDAR!



ARQUITETOS NÃO FAZEM SO' MANSÕES OU GRANDES PRÉDIOS! ELES PODEM AJUDAR A APROVEITAR MELHOR O ESPAÇO, O VENTO, A LUZ, O LOTE E OS MATERIAIS. NÃO PRECISAM FAZER DESENHOS SEMPRE, PODEM DAR INFORMAÇÕES E IDEIAS, E AINDA... DEIXAR A OBRA MAIS BARATA!

**CONSULTE - NOS SEM COMPROMISSO**  
PELO TELEFONE **8454-9886 - PRISCILLA**




## COMO FUNCIONA O TRABALHO:

.....

1º OS ARQUITETOS FAZEM UMA ENTREVISTA COM OS MORADORES ONDE SÃO REALIZADAS ATIVIDADES, PARA QUE TODOS POSSAM ENTENDER MELHOR QUAIS SÃO AS NECESSIDADES E PROBLEMAS. ESSE PRIMEIRO ENCONTRO PODE REVELAR COMO O RESTANTE DO TRABALHO SERÁ FEITO. MUITAS VEZES, AS PESSOAS NÃO PRECISAM DE UM PROJETO COM MUITOS DESENHOS, MAS APENAS NECESSITAM DE INFORMAÇÕES SOBRE ALGUM ASSUNTO.

2º SE FOR NECESSÁRIO, OS ARQUITETOS APRESENTARÃO ALGUMAS ALTERNATIVAS DE MUDANÇA. PARA ISSO, ELES ESTUDARÃO A CASA E, JUNTAMENTE COM OS MORADORES CHEGARÃO EM ALGUMAS RESPOSTAS.

3º OS MORADORES RECEBERÃO UM MANUAL DE INSTRUÇÕES PARA AJUDAR O PESSOAL DA OBRA. NEVE, ESTARÃO CONTIDAS TODAS AS INFORMAÇÕES QUE AS PESSOAS PRECISAM SABER PARA EFETUAR AS MUDANÇAS.



## ARQUITETOS DA FAMÍLIA

CONSULTE - NOS SEM COMPROMISSO PELO TELEFONE **8454-9886 - PRISCILLA**

Figura 08: Anúncios do “Arquitetos da Família”  
Fonte: NOGUEIRA, P., 2010.



A partir da consulta dos clientes, foram realizados atendimentos para os mais diversos tipos de demanda. Os arquitetos que realizavam o atendimento tendiam a seguir a risca o El Metodo, mas sempre se reuniam para discutir sua aplicabilidade e realizavam eventuais mudanças. Os atendimentos realizados eram remunerados, mas de maneira diferente da prática convencional, pois para cada encontro havia um valor a ser pago. Essa prática mostrou-se positiva tanto para clientes, quanto para arquitetos, pois os clientes poderiam interromper o processo quando desejassem, sem prejuízos financeiros, enquanto para os arquitetos os pagamentos eram referentes às suas horas de trabalho, dessa forma nenhum dos arquitetos teve o prejuízo de dedicar seu tempo de trabalho para um cliente que eventualmente poderia não aprovar suas ideias e desistir do trabalho, sem antes ter realizado qualquer tipo de pagamento.

Os atendimentos realizados foram feitos com famílias que residem em bairros periféricos em Belo Horizonte e que são, majoritariamente, de classe média que detinham de algum recurso para a remuneração dos arquitetos e arquitetas envolvidas. A experiência dos atendimentos seguindo o Metodo de Livingston mostrou-se positiva e segundo Nogueira (2010):

*Os atendimentos demonstram que o foco do trabalho é a prestação de um serviço de suporte, visando à obtenção de um objeto construído e não a simples comercialização de projetos. O arquiteto passa a ter a importante função de ajudante, facilitador, mediador e técnico, e não de autor.*

Por fim, Nogueira (2010), conclui que:

*[...] a pesquisa revela que o caminho para uma prática de arquitetura diferente da convencional é real e relativamente simples de ser implementada. Bastou ser aberta uma pequena via de contato para que as pessoas se manifestassem e expusessem seus desejos e necessidades. A dependência de outros agentes existe, resulta em algumas barreiras, mas que devem ser contornadas a fim de transformar agentes em parceiros.*

#### **Arquitetura na Periferia: uma experiência de assessoria técnica para grupo de mulheres**

A dissertação de Mendonça apresenta uma experiência de assessoria técnica destinada a um grupo de mulheres de baixíssima renda para a melhoria de suas habitações. A pesquisa partiu da hipótese de que seria possível oferecer o serviço de assessoria técnica para população de baixa renda, sem depender de recursos públicos ou da organização prévia dos moradores. O processo de assessoria foi pautado no trabalho em grupo e no compartilhamento de

informações, tomando por base estudos que levam em consideração processos participativos, como é o caso do grupo de estudos MOM.

A experiência partiu do princípio que os participantes não seriam figurantes durante as assessorias, mas que tomariam decisões e teriam domínio de todo o processo. Além disso, a busca por autonomia do sujeito também foi razão decisiva para o modo de aplicação dessa assessoria (MENDONÇA, C., 2014).

Mendonça optou por realizar as assessoria em grupo e apenas com mulheres, primeiramente porque o trabalho em grupo facilita o atendimento por parte do arquiteto e também representa uma redução de custos para a obra. Em segundo lugar, porque um grupo exclusivamente formado por mulheres facilita o relacionamento e a criação de laços de confiança, fundamental para o bom desenvolvimento do trabalho.

Outro aspecto importante de destacar é que Mendonça definiu que haveria um financiamento coletivo, em que ela forneceria o empréstimo para as mulheres participantes e elas se organizariam para realização das parcelas, tudo de maneira coletiva. Quanto a localização, foi escolhido um assentamento informal já consolidado em Belo Horizonte, a Ocupação Dandara.

A partir da aproximação da autora com a Ocupação Dandara e após diversas reuniões com representantes da comunidade, aos poucos ela

conseguiu formar o grupo de mulheres interessadas na ideia e que confiaram na proposta do financiamento coletivo. O grupo foi formado por três mulheres, de baixíssima renda, que residem na ocupação. A assessoria seguiu um roteiro de trabalho, conforme recomenda Rodolfo Livingston. A metodologia aplicada tomou como base El Metodo e aplicações prévias realizadas na dissertação de Nogueira, apresentada anteriormente neste trabalho.

A assessoria foi dividida em duas etapas, composta por 7 reuniões cada. A primeira etapa foi referente ao planejamento, que abordou em suas reuniões a definição dos projetos de melhorias, oficinas de levantamento e construção, elaboração de orçamento e planejamento financeiro para o pagamento do empréstimo cedido. A segunda etapa, basicamente, foi referente ao acompanhamento das obras de melhorias habitacionais.

A pesquisa mostrou-se positiva do ponto de vista da autonomia dessas mulheres, mostrando que a atuação do arquiteto pode ir muito além da elaboração de projetos. Dessa forma, Mendonça (2014), conclui que:

*O trabalho realizado com esse pequeno grupo, aponta a assessoria técnica [...] como um caminho para a ampliação da atuação de arquitetos junto às pessoas de baixíssima renda.*

Para a construção do processo a ser experienciado neste trabalho, foi feito uma análise comparativa dos estudos de caso que gerou um quadro.

ARQUITETOS DA FAMÍLIA – MESTRADO – UFMG		ARQUITETURA NA PERIFERIA – MESTRADO – UFMG
Ano	2010	2014
Metodologia	“El Metodo” - Rodolfo Livingston; Passo a passo do “el método”.	“El Metodo” revisado e adaptado; Inclusão de oficinas (levantamento, desenho, construção), levando ao caminho da autonomia das mulheres envolvidas.
Rtendimento	Individual, por família; Participação de todos os membros da família;	Coletivo; oficinas de capacitação; Participação apenas de mulheres;
Renda	renda média / baixa	baixíssima renda
Características núcleo familiar	Famílias estruturadas	Famílias sem pai e média de 3 filhos
Localização	Bairros periféricos	Assentamento informal
Observações	Arquiteto possui uma certa posição de tomador de decisões	Arquiteto como <u>auxiliar</u> , projeto autoral do usuário; Processo coletivo mostra-se importante na realidade dessa demanda.

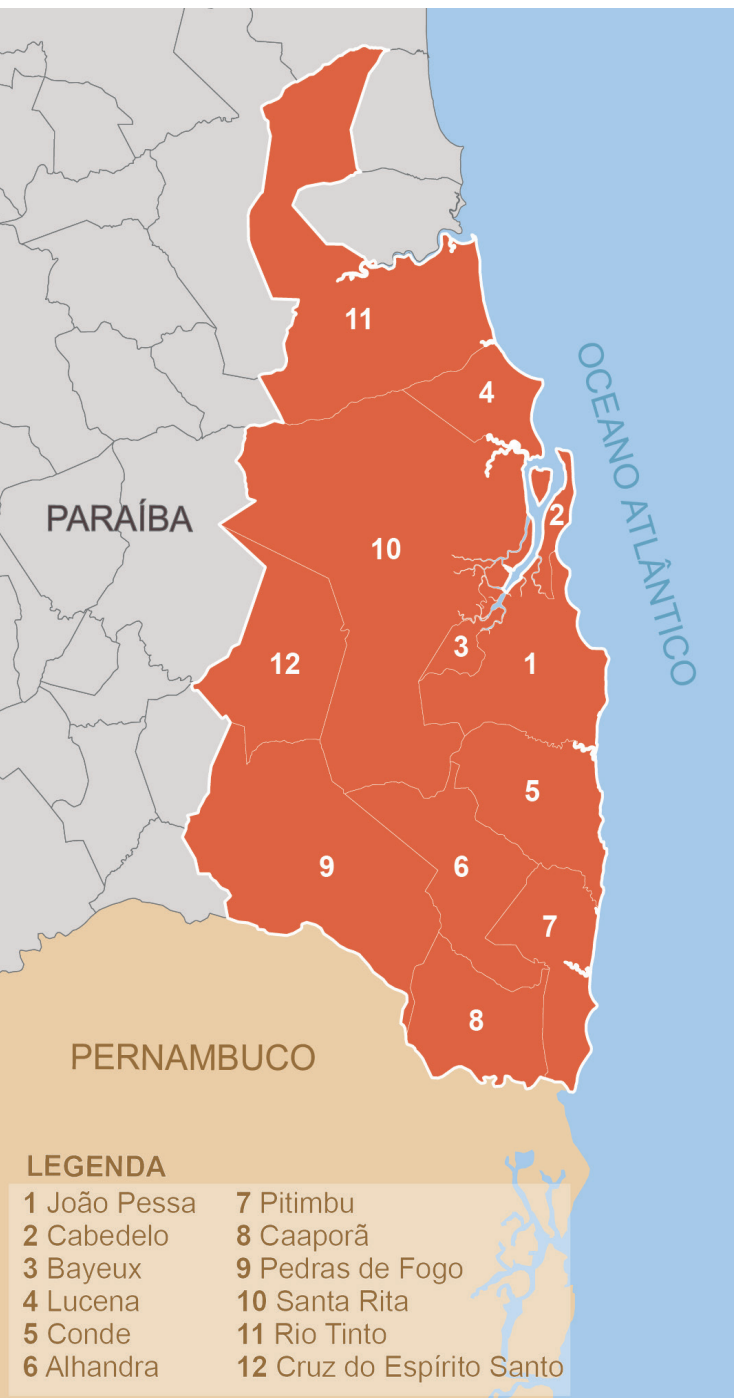




3

# UNIVERSO DE ESTUDO

Para a construção deste capítulo, diversos aspectos foram observados para a escolha do recorte geográfico, desde as características populacionais do município em questão até as aplicações de políticas públicas no âmbito do direito à cidade e moradia digna.



# território e população

O município do Conde possui área geográfica de 173km<sup>2</sup>, está situado ao sul do estado da Paraíba e faz parte da região metropolitana de João Pessoa, estando a 25 km de distância da capital. Os acessos para o município se dão através da rodovia federal BR-101 ou pela rodovia estadual PB-008.

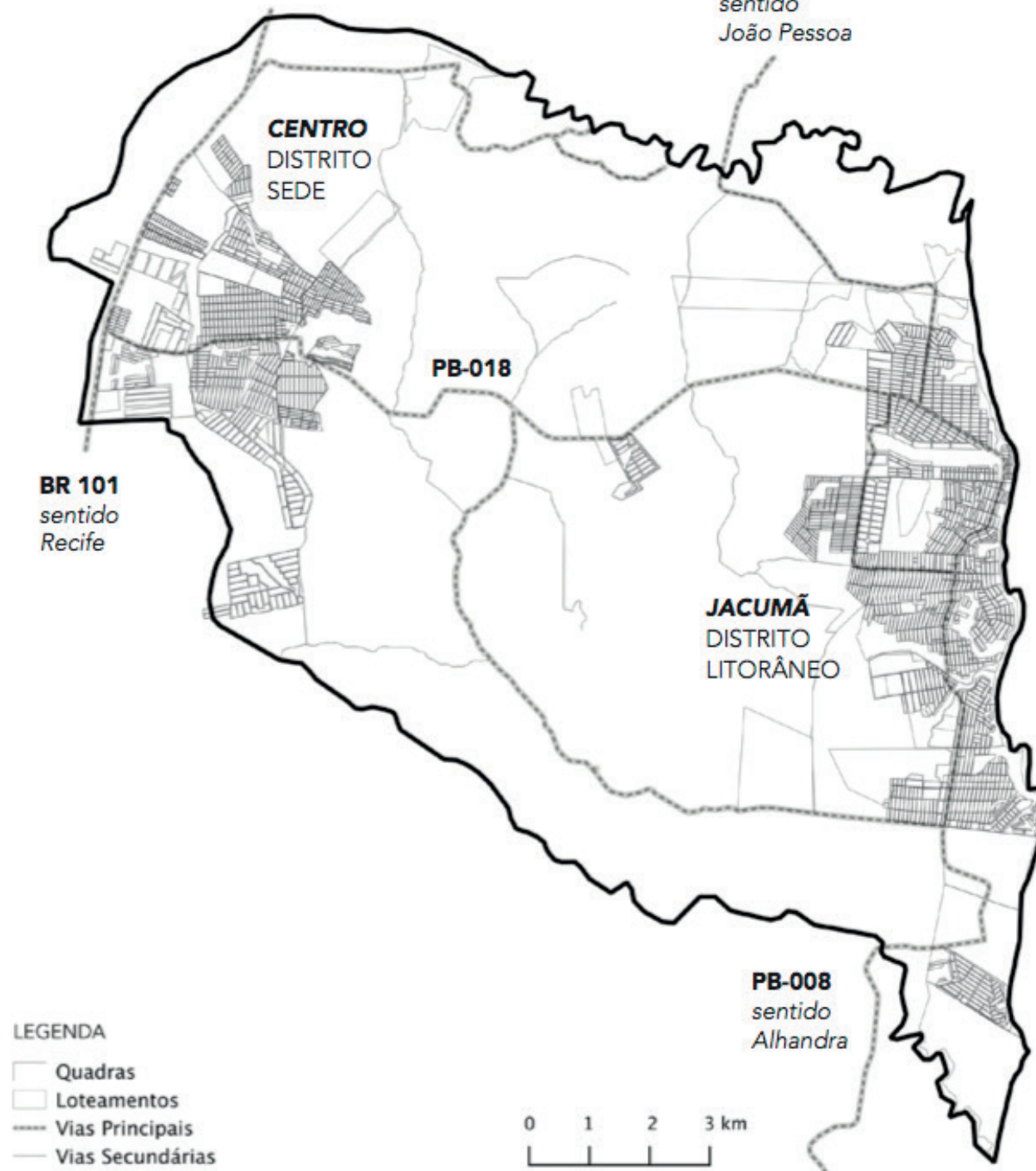
A região geográfica caracteriza-se por possuir dois distritos urbanos: o distrito sede e o distrito de Jacumã. O distrito sede está localizado no Centro e é onde funciona o núcleo administrativo da cidade. Já o distrito de Jacumã, que se interliga ao Centro através da rodovia estadual PB-018, é o núcleo mais urbanizado da orla costeira.

A população do Conde foi estimada para 2018, pelo IBGE, em 24.323 habitantes, tendo, portanto, densidade habitacional de 140,59 hab/km<sup>2</sup>, mostrando-se como um município não muito populoso. Segundo o censo do IBGE de 2010, a população urbana marcava 67,7% e a população rural 32,3%.

Dados ainda apontam um crescimento na desigualdade social entre 1991 e 2010 em que o índice Gini<sup>5</sup> passou de 0,43 para 0,52. Tais dados servem para mostrar o quão a desigualdade vem crescendo no município e como isso afeta a população de baixa renda que se vê refém do sistema e passa a viver com menos dignidade, refletindo também na sua situação de moradia.

<sup>5</sup> Índice de Gini: É um instrumento usado para medir o grau de concentração de renda. Ele aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos. Numericamente, varia de 0 a 1, sendo que 0 representa a situação de total igualdade, ou seja, todos têm a mesma renda, e o valor 1 significa completa desigualdade de renda, ou seja, se uma só pessoa detém toda a renda do lugar. (Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2013, p.11)

Figura 10: Mapa do município do Conde  
Fonte: Cartilha para consulta pública: Lei do Zoneamento



# ocupação

Assim como boa parte das cidades brasileiras, o município do Conde sofreu um processo de urbanização e ocupação do solo que aconteceu de maneira bastante irregular. Isso contribuiu para que grande parte dos assentamentos e loteamentos já consolidados não possuam infraestrutura básica, além de serem ocupados por famílias de baixa renda que residem em moradias de situação precária de habitabilidade.

Atualmente já se foram identificadas e registradas, pela Prefeitura do Conde, 29 localidades caracterizadas por assentamentos informais, comunidades e conjuntos habitacionais. Segundo relatório acerca dos assentamentos informais do Conde, elaborado pela Secretaria de Planejamento do município:

São evidentes os três níveis de precariedades referentes ao déficit qualitativo em praticamente toda a área urbana consolidada do município: a precariedade urbanística, por falta de infraestrutura, saneamento e equipamentos públicos; a precariedade habitacional, representada pela má qualidade construtiva e ambiental das residências; e a precariedade fundiária, onde a maior parte das casas e lotes está em situação de insegurança jurídica com relação a propriedade e posse dos terrenos. (CONDE, 2017)

Dessa forma se faz necessária a iniciativa do poder público municipal de sanar essas problemáticas a partir de programas, aplicação de políticas públicas e criação de leis que assegurem à população o que é de direito seu.

Os únicos instrumentos utilizados para regular a ocupação do

território até 2018 eram o Código de Obras e Urbanismo (reformulado em 2017) e o Plano Diretor (revisado em 2012), sendo este último ineficiente, visto que os mapas que o acompanham “não contemplam a diversidade de situações encontradas na realidade nem tampouco se fundamentam em uma projeção de futuro, delimitando áreas a serem protegidas, adensadas ou qualificadas” (CONDE, 2018). Já a Lei de Zoneamento, Uso e Ocupação do Solo foi criada em 2018, ou seja, o município que já tem 56 anos, usufrui da legislação apenas há cerca de um ano, configurando um atraso no que diz respeito à territorialização das políticas municipais, dificultando a definição de parâmetros urbanos mais adequados.



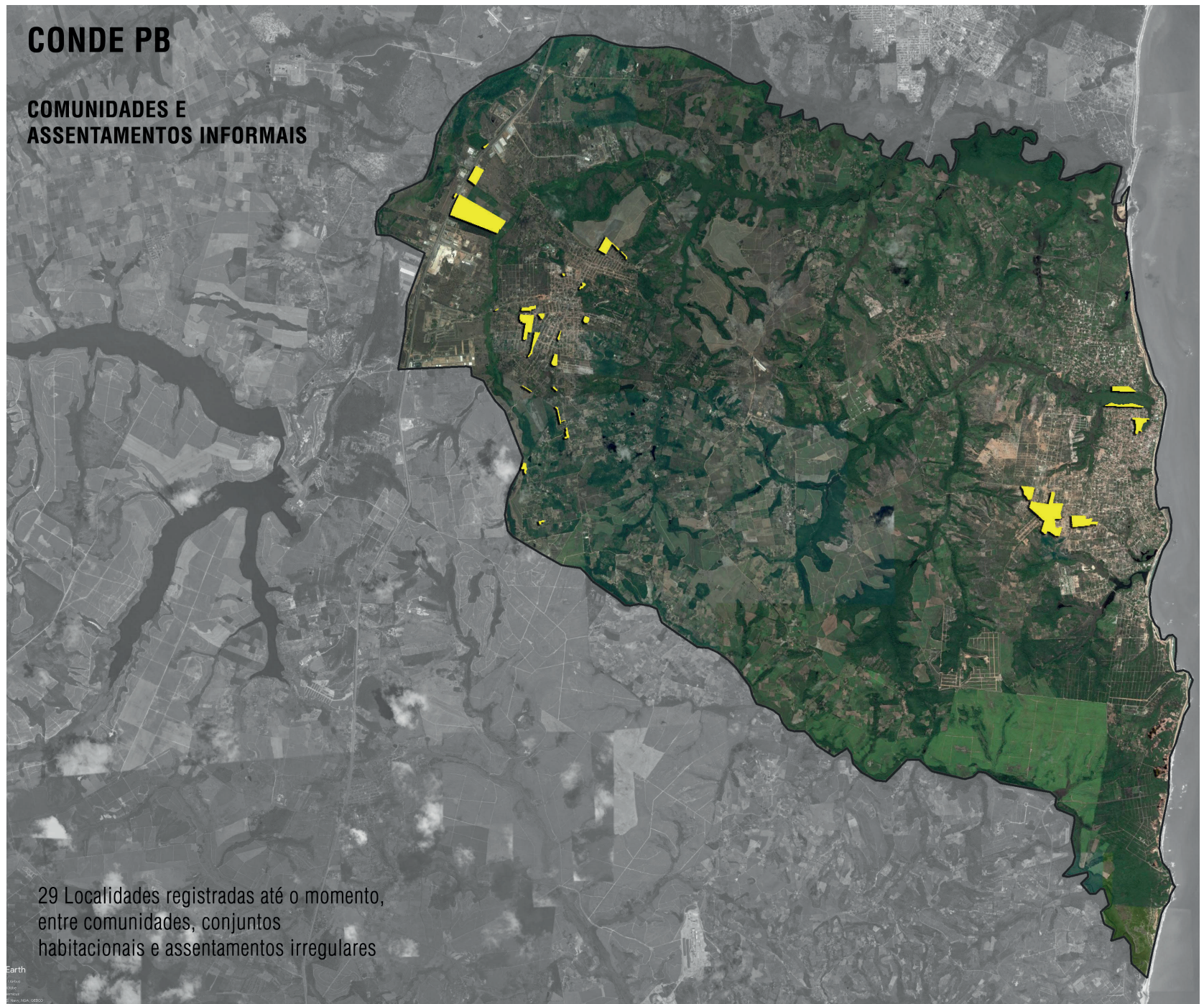


Figura 11: Comunidades e assentamentos informais da cidade do Conde.  
Fonte: imagem cedida pela Prefeitura Municipal do Conde



A atual gestão do município avança em diversos aspectos do planejamento urbano e entre elas está a criação do Programa Municipal de Assistência Técnica que se deu a partir da criação do Escritório Público de Arquitetura (EPA). O objetivo é aplicar a Lei Federal 11.888, Lei da Assistência Técnica Pública e Gratuita, garantindo a famílias de baixa renda o auxílio e acompanhamento de profissionais de arquitetura e engenharia em obras de reforma, ampliação ou conclusão de suas unidades habitacionais. Em 2018, através da SEPLAN, a prefeitura do Conde lançou o primeiro edital de credenciamento de interessados na prestação de assistência técnica para melhorias habitacionais no município, dando início a um programa pioneiro na região.

Outro avanço percebido está no que diz respeito a regularização fundiária de comunidades informais que busca garantir a segurança da propriedade e o direito à moradia digna. O programa de regularização iniciou-se com 2 comunidades: a Vila do Amanhecer e o Conjunto Ademário Régis. No caso da Vila do Amanhecer o processo é resultado de um convênio com o CAU, através de edital de patrocínio, e fruto da parceria entre a Prefeitura do Conde e o IAB-PB. Já no caso do Ademário Régis a parceria foi firmada entre Prefeitura e CEHAP.

Figura 12: Logo do EPA.  
Fonte: imagem cedida pela Prefeitura Municipal do Conde





# definição do recorte geográfico

A partir da definição do município, foi feito contato com o Coordenador de Habitação, Yuri Duarte, para conhecer um pouco mais acerca do trabalho exercido pela prefeitura, bem como para buscar informações a respeito dos assentamentos informais no Conde. Portanto, optou-se por trabalhar com a Vila do Amanhecer, pois é uma comunidade que estaria passando pelo processo de regularização fundiária junto a prefeitura e o contato com a associação de moradores, nesse caso, já seria facilitado. Além disso, ofertar aos moradores dessa comunidade assessoria técnica seria interessante pois os mesmos já estariam com a situação dos seus terrenos regularizada, permitindo maior segurança para reformar e/ou construir.

A Vila do Amanhecer está localizada no perímetro urbano do distrito de Jacumã, próximo à rodovia PB-008, e pertence ao loteamento formal Village de Jacumã. A área caracteriza-se como Zona Especial de Interesse Social Consolidada (ZEIS 1), conforme Lei de Zoneamento – Lei Complementar nº 001/2018. O texto da referida lei discorre que a ZEIS 1 se configura como:

conjuntos habitacionais construídos pelo poder público ou regiões ocupadas espontaneamente ou de maneira organizada por população de baixa renda. Apresentam algum grau de precariedade urbanística, fundiária ou habitacional e constituem interesse de promover ações de regularização fundiária, assistência técnica, melhorias urbanísticas e habitacionais. (CONDE, 2018)

A área originalmente era composta por habitações inseridas em 8 lotes de aproximadamente 30m de largura por 100m de comprimento, os quais foram divididos posteriormente. Tais terrenos foram doados pela prefeitura, em 2002, para a Associação de Moradores do Rio do Ouro. A partir daí os lotes passaram a ser doados ou vendidos, mesmo sem registro de propriedade, e assim as famílias passaram a ocupar o espaço de maneira irregular. Hoje, a comunidade possui um total de 27 habitações.

A comunidade Vila do Amanhecer, consolidada a mais de 15 anos, já passou por situações que geraram insegurança da população quanto a desapropriação da área, tendo, inclusive, caso registrado em boletins de ocorrência. Tais situações e o engajamento da Associação de Moradores da Vila do Amanhecer contribuiu e facilitou para o processo de regularização fundiária no assentamento se concretizar.

Fica claro que a existência de uma associação de moradores e o seu envolvimento quanto às melhorias para seu bairro ou comunidade é fundamental para o diálogo com as esferas do poder público, bem como para consolidação de melhorias locais. A Associação dos Moradores da Vila do Amanhecer ainda é uma organização muito jovem, pois existe há menos de 2 anos, e é o grande elo de ligação entre os moradores e os demais programas e projetos oferecidos pelo poder público, organizações não governamentais e a universidade.

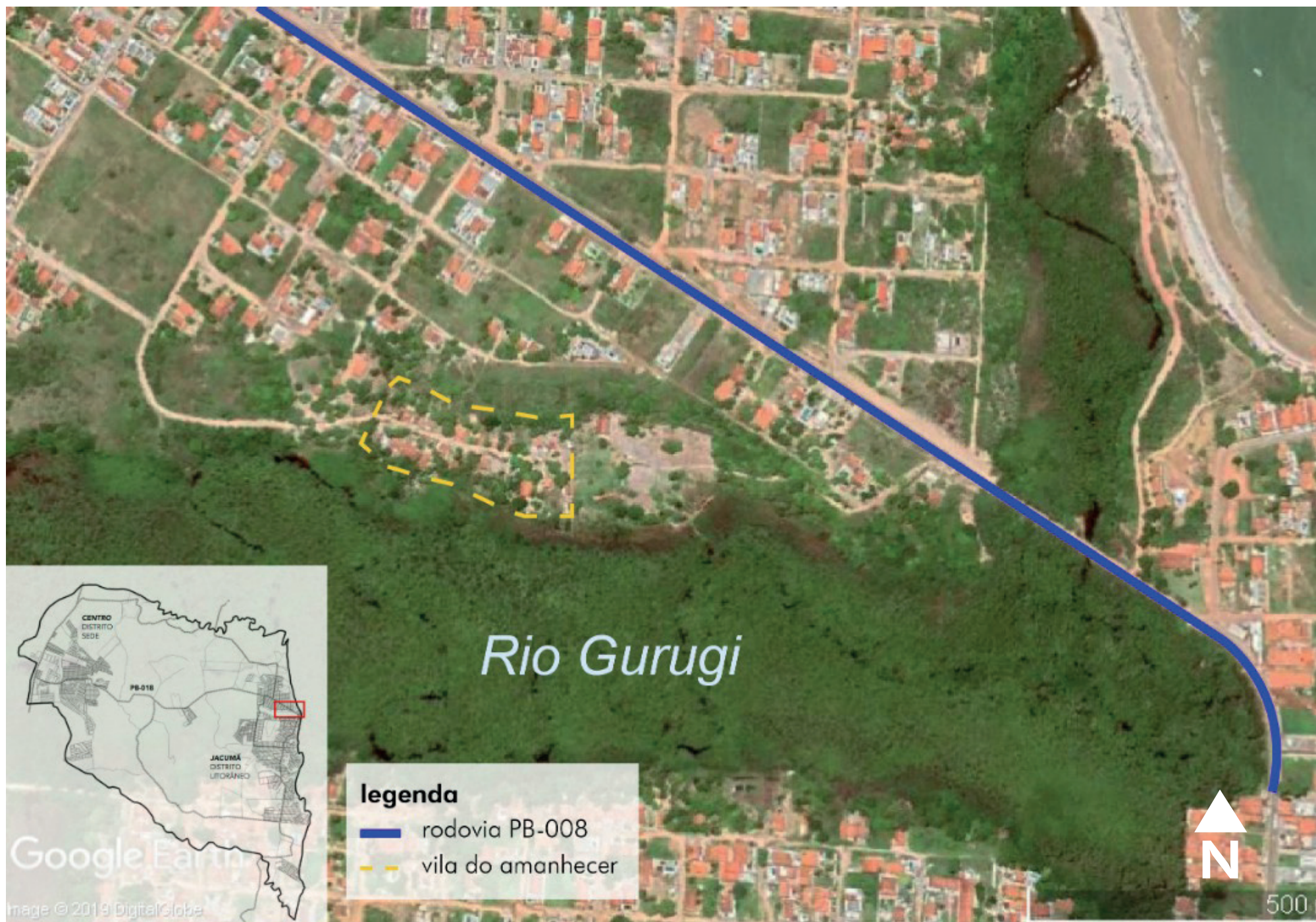


Figura 13: Localização da Vila do Amanhecer na malha urbana do Conde.  
Fonte: Elaborado pela autora a partir de imagens do Google Earth.





Figura 14: Localização da Vila do Amanhecer na malha urbana do Conde.  
Fonte: Elaborado pela autora a partir de imagens do Google Earth.



# vila do amanhecer

A Vila do Amanhecer tem em seu histórico um grande engajamento por parte dos moradores em ações realizadas por grupos externos ou até mesmo pela própria associação de moradores, mostrando-se uma comunidade unida e participativa, sobretudo em mutirões. Uma das ações mais significativas que aconteceram na Vila do Amanhecer foi ofertado pela Litro de Luz Brasil, associação sem fins lucrativos, que leva luz até comunidades locais que não possuem acesso à energia elétrica. Utilizam tecnologia simples, econômica e sustentável, com soluções produzidas com garrafas PET, painéis solares e lâmpadas LED. O objetivo da ação era de instalar uma das tecnologias desenvolvidas por eles, o Poste Externo. Sua função é de iluminar vias públicas e é composto por garrafas PET, painel solar, bateria, lâmpada LED e cano PVC. Dessa forma, a construção e instalação desses postes externos foi feita a partir de regime de mutirão com grande participação dos moradores.

Houve também grande movimentação por parte da população na ação “tapa buracos” em que os moradores se reuniram em mutirão para melhoria da via local da comunidade que é de terra e apresentava muitos buracos. Além disso, durante o processo, pude perceber um mutirão que aconteceu para ornamentação da via local em que os moradores criaram vasos construídos com pneus para realização do plantio de espécies.

Figura 15: Mutirão Litro de Luz na Vila do Amanhecer.

Fonte: imagem cedida pela Associação de Moradores da Vila do Amanhecer.





Figura 17: Poste externo construído no mutirão do Litro de Luz na Vila do Amanhecer.  
Fonte: acervo da autora.



Figura 16: Mutirão Litro de Luz na Vila do Amanhecer.  
Fonte: imagem cedida pela Associação de Moradores da Vila do Amanhecer.

Figura 18: Voluntário do Litro de Luz e moradores da Vila do Amanhecer  
Fonte: imagem cedida pela Associação de Moradores da Vila do Amanhecer.

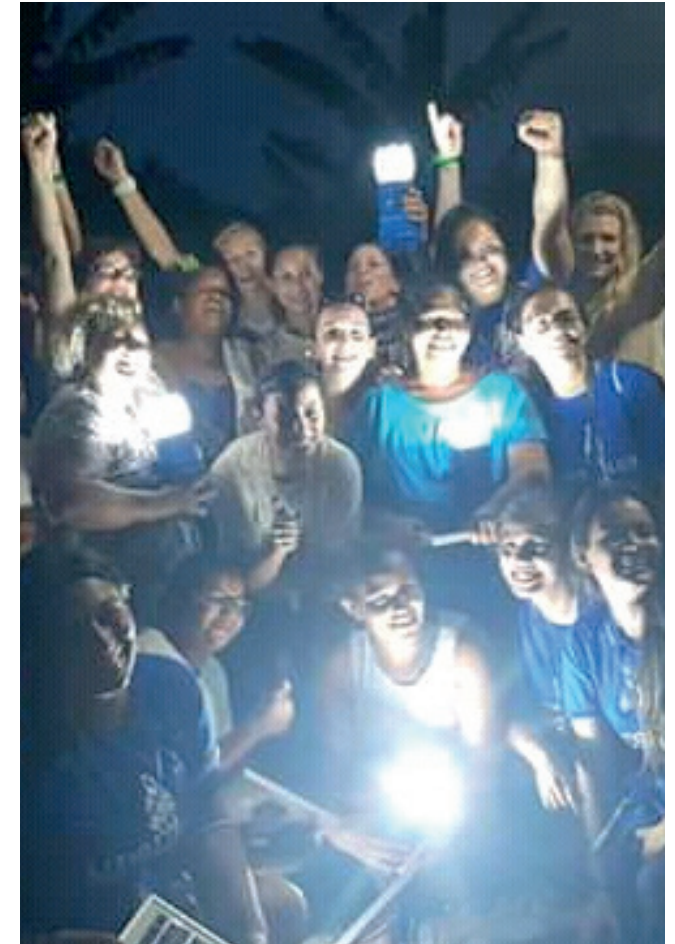






Figura 19: Mutirão  
tapa buracos na Vila do  
Amanhecer  
Fonte: imagem cedida pela  
Associação de Moradores  
da Vila do Amanhecer.



Figura 20: Mutirão  
tapa buracos na Vila do  
Amanhecer  
Fonte: imagem cedida pela  
Associação de Moradores  
da Vila do Amanhecer.



Figura 21: Mutirão  
tapa buracos na Vila do  
Amanhecer  
Fonte: imagem cedida pela  
Associação de Moradores  
da Vila do Amanhecer.



Figura 22: Jardineira do mutirão de plantio na Vila do Amanhecer  
Fonte: acervo da autora.



Figura 23: Jardineira do mutirão de plantio na Vila do Amanhecer  
Fonte: acervo da autora.

4



# ASSESSORIA NA VILA: O RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Este capítulo relata o processo como um todo, descrevendo e apresentando a experiência vivenciada em cada encontro com os moradores. Traz também ensinamentos, reflexões e recomendações para posteriores aplicações. Todo o processo foi registrado em um diário de bordo.

# o relato

Inicialmente este trabalho teria aplicação em João Pessoa, mas percebi que o Conde, um município próximo da capital, representaria uma boa escolha para este trabalho, tanto por suas características territoriais e populacionais quanto por possuir uma gestão pública municipal que atue para sanar as problemáticas habitacionais. Facilitando assim o meu contato e aproximação com a comunidade definida, além da probabilidade de se conseguir futuro apoio técnico e financeiro para a construção das habitações. Com isso, entrei em contato com a Secretaria de Planejamento e pude ter uma reunião com o Coordenador de Habitação, Yuri Duarte.

## 15.01.19 reunião com Yuri Duarte na Prefeitura do Conde

Durante a reunião foram apresentadas por Yuri algumas atividades realizadas pela prefeitura, através da SEPLAN, que estão ligadas ao eixo de habitação como, por exemplo, o credenciamento de empresas para efetivação da lei de assistência técnica e os processos de regularização fundiária previstos para alguns assentamentos irregulares.

Quando tive o meu momento de fala, pude apresentar em síntese do que se trata o trabalho e algumas ideias foram discutidas, chegando a alguns pontos decisivos para execução do trabalho, como:

- Qual comunidade deveria escolher

A ideia, inicialmente, era de se fazer uma investigação com dados e documentos da prefeitura, mas no momento estavam passando por um processo de mudança de edifício sede, o que dificultaria esse processo. Dessa forma, Yuri sugeriu a comunidade Vila do Amanhecer, visto que a Coordenação de Habitação já estava em contato com a associação de moradores da comunidade.

- Quais as justificativas para a escolha

A prefeitura já tem contato estabelecido com a comunidade Vila do Amanhecer visto que já estava previsto o plano de regularização fundiária para a área. Portanto, seria interessante ofertar assessoria técnica na comunidade, oferecendo às famílias escolhidas um amplo acesso a direitos e serviços (regularização fundiária + assessoria técnica para construção, ampliação ou reforma de habitação).

- Se as construções das habitações poderiam ser custeadas pela prefeitura.

Levando em consideração a responsabilidade social que essa iniciativa exige, seria imprudente e até mesmo, de certo modo, aproveitador de minha parte, aproximar-me de uma população carente, fazê-los sonhar com uma moradia digna que, no final das contas, muito provavelmente, não poderiam ser construídas, sabendo-se o nível de dificuldade financeira dessa população.

Porém, a prefeitura, por si só, não dispõe de recursos financeiros para realização das obras. Diante dessa realidade, chegou-se à conclusão de que: as habitações deveriam ser construídas através de mutirão, minimizando custos de mão de obra e alinhando-se ao processo participativo; pensar em futuras oficinas de capacitação, mesmo que para depois do cronograma do trabalho de conclusão de curso, é de grande importância para esse processo.

A partir das discussões sobre a viabilização da construção das unidades habitacionais que tive com Yuri e Vanessa (integrante do TRAMA - Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo que me acompanhou durante essa experiência) surgiu uma ideia interessante que seria a de unir o projeto de extensão “Projeto Participativo: Mutirão da Vizinhaça”, do TRAMA, e que já atua no município do Conde, a esse projeto de assessoria participativa. O envolvimento da universidade como forma de extensão dá respaldo e credibilidade, facilitando possíveis subsídios

de empresas privadas que atuem no ramo da construção civil para viabilização da construção dessas habitações.

- Como seria a escolha das famílias.

Ficou definido que seria marcada uma reunião com a presidente da associação de moradores, a Nega, para apresentação da proposta a ser repassada para a comunidade. Posteriormente, com o apoio e desejo da comunidade para participar da ideia, será decidido com o consentimento de todos quais as famílias que participarão do projeto (possivelmente os que tiverem mais necessidades urgentes e que estiverem dispostos a participar do processo).

Com essa reunião pude perceber ânimo por parte do Coordenador de Habitação e enxergar várias possibilidades de concretização dessa iniciativa. Ficou, então, de encaminhamento que, assim que meus estudos se consolidassem sobre a metodologia a ser aplicada e sobre o contexto em que a Vila do Amanhecer está inserida, ele entraria em contato com associação de moradores para facilitar minha aproximação com a comunidade.



Figura 24: Primeira reunião com representantes da associação de moradores.  
Fonte: acervo da autora.



Figura 25: Cartaz com imagens dos mutirão na associação dos moradores.  
Fonte: acervo da autora.

## 20.02.19 reunião com Isabel, assessora da presidente da Associação dos Moradores

A reunião foi marcada por Yuri com a presidente da associação, Nega, mas como ela não pôde estar presente deixou para representá-la a Isabel, uma moça muito simpática e comunicativa. Então, juntamente com minha orientadora, Profa. Isabel Medero, apresentamos a proposta para a representante da associação que logo nos informou que a presidente já havia definido quais seriam as famílias que iriam participar do projeto. De início fiquei me questionando no que essa escolha foi pautada e se houve participação popular envolvida. Logo percebi que, na verdade, a informação foi recebida de maneira equivocada, fazendo com que a presidente tomasse a decisão pela escolha dos moradores que estariam mais necessitados. Nesse sentido, foram escolhidas as casas de Dora, José e Everaldo.

Em seguida pudemos conhecer a sede da associação dos moradores e alguns trabalhos realizados com mutirões na comunidade, mostrando ser uma comunidade participativa e unida. No fim da visita conhecemos também as pessoas com quem iríamos trabalhar, bem como as localizações de suas casas na Vila do Amanhecer.

Essa visita foi proveitosa e pude enxergar que as pessoas são bastante receptivas, amigáveis e gentis. Saí verdadeiramente encantada e cheia de aprendizados nesse primeiro contato com a Vila do Amanhecer.



Essa visita me fez ter uma visão geral do contexto em que a comunidade está inserida, no que pude apreender diversas informações como:

- A comunidade, apesar de precária quanto a infraestrutura e recursos, vive em abundância quanto a recursos naturais visto que cultivam vegetais e hortaliças, bem como árvores frutíferas;

- Possivelmente, pela influência do catador de lixo reciclável, José, ou pelo contato próximo com o meio natural, a população apresenta um notável grau de consciência ambiental – nos ofereceram água de coco fresquinha com canudos biodegradáveis retirados dos ramos do pé de mamão, além de realizarem coleta seletiva do lixo e a comunidade ser muito limpa;

- Aspectos gerais das habitações de Dora, José e Everaldo.

Dora: vive com o filho e o companheiro num barraco construído de latão com um único cômodo de menos de 30m<sup>2</sup>. Esse espaço é dividido por lençóis que delimitam os ambientes (quartos e cozinha). O barraco foi construído pela própria Dora, que recebeu ajuda de um vizinho na construção do contrapiso.

José: mora sozinho em sua casa que tem cobertura e vedações de telhas de fibrocimento. Aparentemente tem um tamanho bom – cerca de 60m<sup>2</sup>.

Everaldo: mora com a companheira e o enteado numa casa de taipa que ele mesmo construiu.

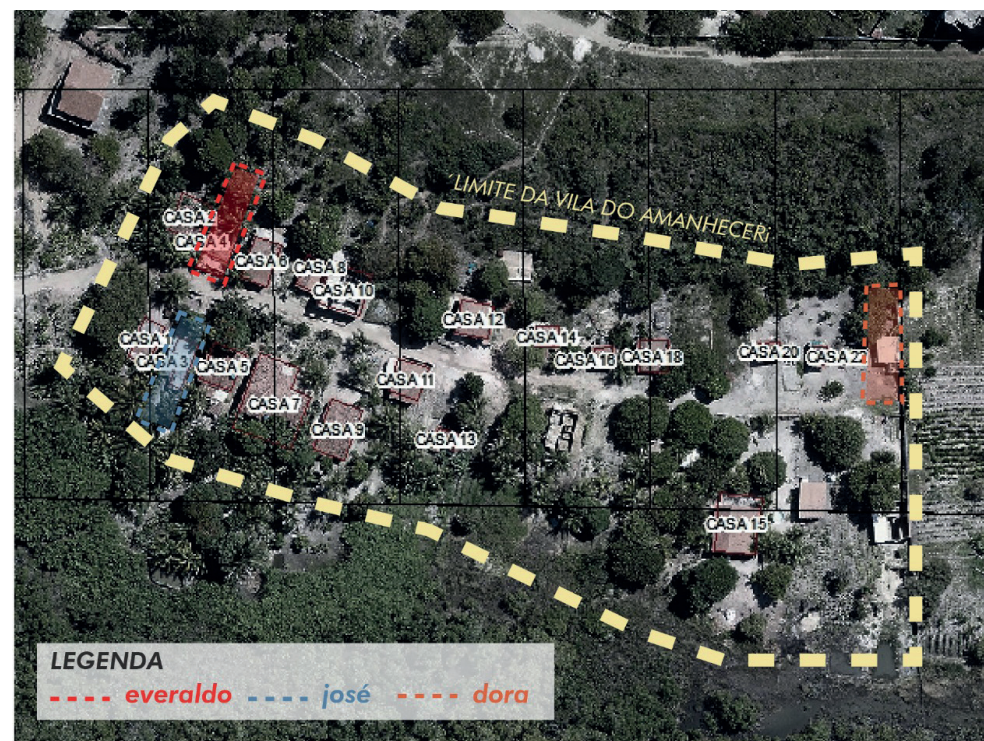


Figura 26: Mapa de localização dos lotes dos moradores Everaldo, José e Dora.  
Fonte: elabora pela autora.

- Aspectos históricos da Vila

: começou a ser ocupada há cerca de 15 anos e existe grande participação popular em mutirões para melhorias na comunidade.

O primeiro encontro com os moradores ficou marcado para dali a uma semana, portanto organizei um roteiro a ser seguido para este encontro. A programação para os encontros passou a ser estruturada anteriormente ao dia de cada reunião e serão apresentadas nesta ordem. Vale destacar que nesse tipo de processo mesmo que haja uma programação a ser seguida, é comum que o processo sofra algumas modificações e adaptações.

## roteiro do 1º encontro apresentação, escuta e levantamento

Iniciar com apresentação do que será o processo de trabalho e como cheguei até lá utilizando o infográfico, elaborado por mim, como base ilustrada para iniciar essa conversa.

Explicar, em seguida, que essa experiência deverá ser uma troca e ajuda mútua, que o trabalho haverá um roteiro a ser seguido, conforme sugere Livingston, e daí apresentá-lo de maneira direta. Construí o roteiro de trabalho com o número de encontros, temas a serem tratados e as datas conforme quadro abaixo:

### roteiro de trabalho

encontro	tema	data
1	Apresentação, escuta e levantamento	28/02/2018
2	Avaliação e definição de prioridades	
3	Propostas	
4	Soluções técnicas	
5	Soluções técnicas + Planejamento de obra	
6	Entrega final dos projetos Quantitativos de materiais e definição de custos	

\* Não esquecer de perguntar se entenderam, se concordam, se há dúvidas ou se desejam acrescentar mais alguma coisa. Esse momento é fundamental que todos estejam cientes do processo como um todo e concordem com ele.

Em seguida aplicarei os seguintes exercícios de escuta, baseando-se no El Metodo, de Rodolfo Livingston:

**A família:** conhecer quais são os integrantes de cada família, idades e ocupações, quais os horários e hábitos de cada um. Verificar também se há moradores ocasionais.

**Objetivo:** entendimento geral da dinâmica das atividades da família.

**A casa:** pedir que relatem a história da casa em que vivem, como adquiriram o lote ou residência e há quanto tempo moram no local.

**Mais e menos:** consiste em saber o que cada um mais gosta e menos gosta em suas casas, colocando em ordem de importância.

**Exercício Fiscal:** os moradores devem apontar quais os defeitos mais graves dos espaços, independente se há solução aparente para o problema.

Após os exercícios de escuta realizar a oficina de levantamento em que levarei alguns exemplos de desenhos e faremos em coletivo o levantamento das casas. Como provavelmente não haverá tempo suficiente para fazer o levantamento de todas, podemos fazer uma parte de cada e no decorrer dos dias eles terminam o levantamento sozinhos, com ajuda uns dos outros. No fim, voltar para o local da reunião e aplicar mais 2 exercícios de escuta.

**Casa dos sonhos:** pedir para que imaginem a casa ideal e assim devem citar seus desejos, desde os aparentemente mais banais ou impossíveis até os mais sofisticados. As expressões devem ser concretas.

**Colocando os “pés no chão”:** pedir que definam suas prioridades para que não esqueçam o que é de necessidade urgente para eles.

Ao final do encontro, pedir que concluam o levantamento de suas casas para o próximo encontro. Além de mencionar que, caso desejem, podem começar a pensar nas melhorias de suas habitações e levarem possíveis ideias.

É importante, também, que seja pensado um kit de desenho para cada morador participante, pois o processo envolverá a elaboração de desenhos para as propostas a serem desenvolvidas. Os kits completos serão compostos por: prancheta, pasta, lápis, caneta, borracha, régua, papéis sulfite, vegetal e quadriculado.

## 28.02

### **1º encontro com Dora, José e Everaldo apresentação, escuta e levantamento**

Era uma quinta-feira, antes do carnaval. Eu e Vanessa fomos ao encontro da Vila do Amanhecer. Chegamos lá e a associação de moradores estava toda organizada, com água gelada, água de coco, mesas e cadeiras à nossa disposição. Depois de cumprimentar a todos, nós começamos a nossa reunião entregando a cada participante o kit com os materiais de desenho, além do infográfico impresso produzido por mim e que ajudou a iniciar a conversa.

Expliquei como foi todo o meu processo para chegar até ali, desde a

existência da lei de assistência técnica até a importância da associação dos moradores nesse contexto. Deixei claro que a construção ainda não é de certeza, mas que podemos encontrar maneiras de conseguir recursos para tal e logo perguntei se eles entendiam de construção e obra. No que afirmaram conhecer da prática, já sugerimos que as obras poderiam acontecer a partir de mutirões e todos demonstraram estar dispostos ao que for possível para a construção.

Em seguida apresentei o roteiro de trabalho de maneira clara e objetiva, sem entrar em muitos detalhes sobre as etapas que estão por vir para não os confundir com grande volume de informações. Por fim perguntei se tinham dúvidas ou algo a acrescentar e disseram que não. Logo assinaram os roteiros, como uma forma de comprometimento com o processo.

Decidi, portanto, dar início aos exercícios de escuta programados. Inicialmente pedi para que me contassem um pouco sobre suas famílias, seus hábitos e ocupações e, em seguida, sobre a história da casa deles: como construíram ou se já compraram a casa pronta e há quanto tempo vivem na comunidade.

**A casa de Dora (39 anos)**

Ocupação	Revende produtos do programa litro de luz (ex: lampião) e faz instalação dos sistemas nas casas. 1x por semana faz curso do litro de luz para desenvolver circuitos melhores etc.
Moradores	<ul style="list-style-type: none"><li>- Lucas (companheiro), 23 anos, trabalha com pedreira, mármore;</li><li>- Moisés (filho), 7 anos, estuda a tarde;</li><li>- Larissa (filha), 4 anos, estuda pela manhã, não mora no barraco pois é insalubre e a criança acaba adoecendo facilmente;</li><li>- 2 filhos que moram em São Paulo, mas que visitam a Paraíba todo ano, porém ela não consegue recebe-los pois a casa não é adequada;</li><li>- Alfredo, gato de estimação.</li></ul>
História da casa	Dora mora há 2 anos na Vila do Amanhecer. Ela comprou o lote que está localizado ao lado da casa do seu pai e construiu sozinha sua casa. Comprou algumas placas de zinco, restos de eletrodomésticos, como geladeiras e máquinas de lavar, e utilizou para erguer sua casa. Teve a ajuda de um morador da Vila, seu Nilton, na construção do contrapiso. E todas as instalações ela mesma quem fez (elétrica, hidráulica, fossa).



### A casa de José (56 anos)

Ocupação	Trabalha com reciclagem, sai para o trabalho cerca de 3x na semana e armazena o material nos fundos de casa.
Moradores	Mora sozinho, mas tem vontade de encontrar alguém para compartilhar a vida.
História da casa	A casa de José é inteiramente de telhas de fibrocimento, vedações e coberta. Ele mora na Vila há 2 anos e comprou a casa pronta, do jeito que está.

### A casa de Everaldo (58 anos)

Ocupação	Trabalha com calçamento (autônomo) e, quando pode e quer, trabalha com pesca. Não tem uma rotina definida de trabalho.
Moradores	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lucia (companheira), 52 anos, mora há 1 ano com Everaldo e é dona de casa</li> <li>- Carlos (enteado), 15 anos, estuda a tarde</li> <li>- Beethoven, cachorro de estimação</li> </ul>
História da casa	Mora na Vila há cerca de 15 anos, ou seja, desde o início da ocupação naquela área. E como não era um pedaço de terra regularizado disseram-lhe que não poderia construir a casa com alvenaria convencional, então, ele mesmo construiu a casa utilizando-se do sistema construtivo da taipa de mão. Dois anos depois disseram-lhe que poderia construir a casa com tijolo mas ele já havia erguido a casa de taipa e não possuía mais dinheiro para mudanças e assim a casa ficou até hoje.

**Dora**

Mais	<ul style="list-style-type: none"><li>- Não pagar aluguel;</li><li>- Caixa d'água/água encanada;</li><li>- Gosta das coisas que tem pois ela mesma quem construiu;</li></ul>
Menos	<ul style="list-style-type: none"><li>- Temperatura elevada da casa;</li><li>- Piso esburacado, não dá sequer para passar pano;</li><li>- Sala pequena, só tem uma mesa;</li><li>- Piso afundando;</li></ul>
Problemas	<ul style="list-style-type: none"><li>- Chão esburacado;</li><li>- Buracos nas telhas;</li><li>- Ventilação comprometida;</li><li>- Fossa inadequada;</li><li>- Circulação;</li><li>- Poço longe;</li><li>- Sala pequena;</li><li>- Cupim nas madeiras;</li><li>- Fiação exposta.</li></ul>

**José**

Mais	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Espaço na frente de casa, é bom porque tem uma árvore com sombra agradável;</li> <li>- Rio nos fundos de casa;</li> </ul>
Menos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Temperatura elevada dentro de casa;</li> <li>- Estrutura ruim, insegura;</li> <li>- Vazamentos sempre que chove.</li> </ul>
Problemas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Telhas da coberta com furos;</li> <li>- Cupim nas madeiras;</li> <li>- Paredes de telha.</li> </ul>

**Everaldo**

Mais	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Área nobre em que a casa está localizada com toda a ventilação e a natureza;</li> <li>- Poder plantar;</li> </ul>
Menos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sala e quartos pequenos.</li> </ul>
Problemas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Taipa que dá muitos bichos como traça ou cupins;</li> <li>- Tamanho da casa, pois ele considera pequena.</li> </ul>

Após os exercícios de escuta, o planejamento era fazer uma oficina de levantamento. Quando perguntei sobre o contato deles com trenas, todos disseram saber manusear a trena e que possuíam uma em casa. Combinamos, então, que iríamos iniciar o levantamento juntos e eles terminariam no decorrer da semana. Logo partimos para conhecer as casas. Nesse momento, Everaldo se ausentou e fomos apenas eu, Vanessa, Dora e José.

Iniciamos pela casa de José e conhecemos primeiramente o lado externo da casa, seguindo para os fundos onde ele tem, aparentemente, uma oficina e mais aos fundos um barraco para guardar seus materiais de coleta seletiva. Andando um pouco mais adiante, chegamos à beira do rio. Lá José brincou dizendo que aquela era sua piscina particular e que acorda às 5h da manhã, escova os dentes e vai dar um mergulho no rio. Voltamos para conhecer o interior da casa que tem 5 cômodos: sala de estar, quarto, sala de jantar, cozinha e banheiro. É uma casa de bom tamanho, visto que só tem um morador. Possui um pé direito alto e temperatura interna incrivelmente quente. Percebi que não há circulação de vento, pois a casa só possui 1 janela e 2 portas – uma na sala e outra na cozinha. No momento em que estávamos conversando sobre a temperatura dentro da casa, Dora mostrou ter ideias de como resolver iluminação e ventilação, propondo algumas aberturas altas nas vedações, seguindo o desenho da cobertura. Enxerguei em Dora esperteza e criatividade com essa solução.

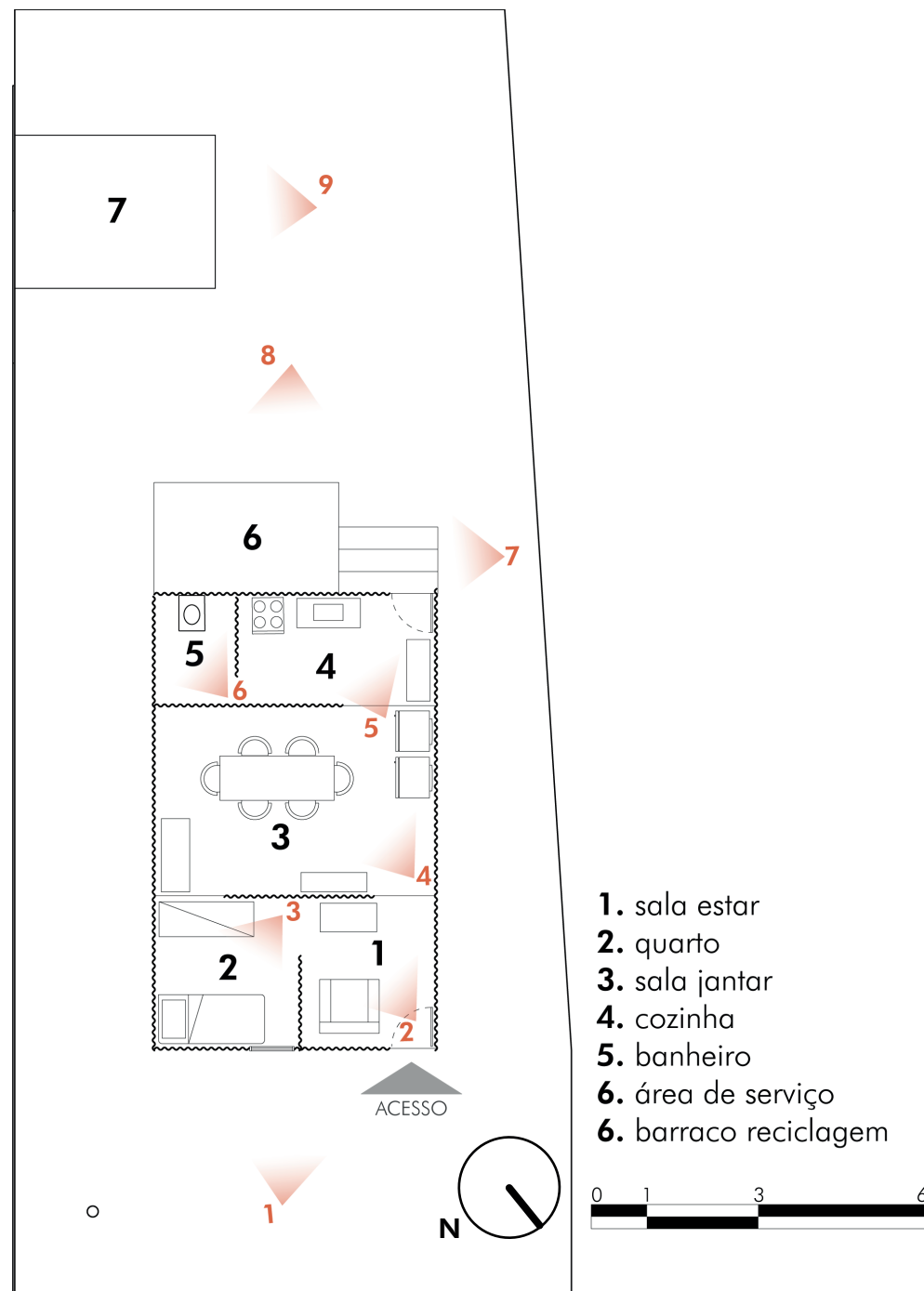


Figura 27: Planta baixa da casa de José e imagens da casa.  
Fonte: elaborado pela autora.



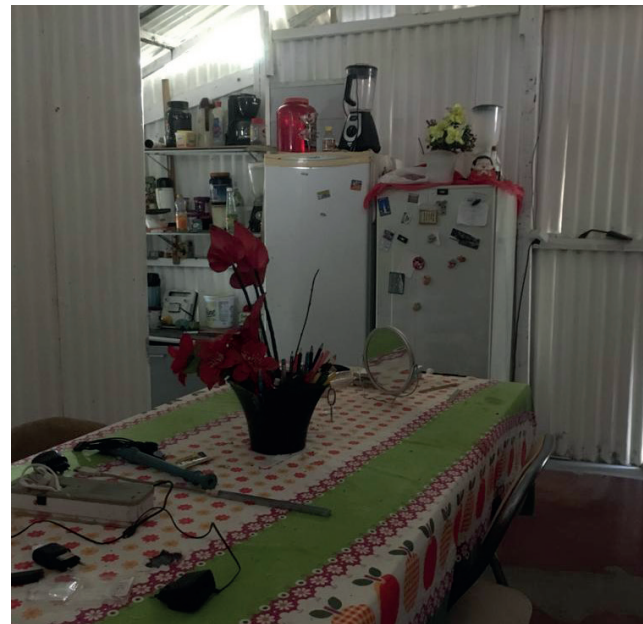
visão 1



visão 2



visão 3



visão 4



visão 5





visão 6



visão 7



visão 8



visão 9



Depois de percorrermos a casa de José, comecei a desenhar a planta para começarmos a fazer o levantamento como combinado. Enquanto desenhava tentei explicar a eles a planta para que pudessem entender e visualizar. José perguntou se eu não sabia desenhar de um jeito que desse pra ver tudo que tem dentro de casa, expliquei que tinha como desenhar os móveis naquele desenho que estava fazendo, mas ele disse que não era desse jeito e eu fiquei sem entender.

Dora logo se dispôs a mostrar como seria o desenho, mesmo tendo alegado não saber desenhar, e desenhou num papel o que seria a sua casa dos sonhos: 1º andar, quarto para os filhos, janelas em todos os ambientes, sala de visitas e sala para a família ver tv. Elogiei o desenho e disse que ela estava enganada quanto a não saber desenhar, pois conseguimos entender tudo em seu desenho. Nesse momento Everaldo juntou-se a nós novamente, mas o relógio já marcava umas 12h, o que em outras palavras, quer dizer: sol quente e fome. Todos já havíamos conversado bastante e por isso estávamos cansados. Nenhum deles teve mais ânimo para continuar os levantamentos e combinamos que iriam realizar os levantamentos sozinhos para o próximo encontro e caso não conseguissem seria a nossa primeira tarefa do encontro seguinte.

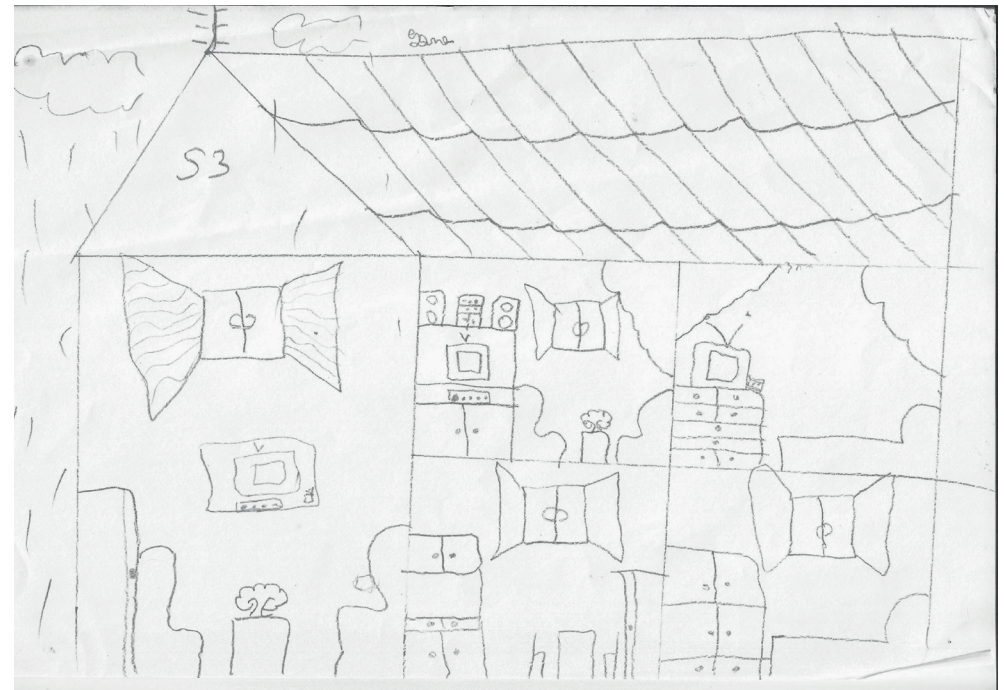


Figura 28: Desenho da casa dos sonhos de Dora.  
Fonte: acervo da autora.

Acertados todos os encaminhamentos, continuamos visitando as casas e a próxima foi a de Everaldo, vizinho de frente do José. Assim que entramos, conhecemos logo seu cachorro, Beethoven, que fica na varanda da casa. Entramos na casa de 6 cômodos: sala, 2 quartos, cozinha, cozinha externa/ serviço e banheiro. A casa é toda de taipa, tendo algumas paredes sem acabamento final, estando com o barro a vista. Além disso, é também uma casa muito quente e escura, há apenas uma lâmpada para iluminar os 4 ambientes internos (sala, cozinha e 2 quartos), duas portas e uma janela alocada em um dos quartos.

Everaldo nos mostrou algumas soluções construtivas executadas por ele: um muro de arrimo improvisado, já que a casa fica na encosta do morro; e sistema de drenagem com uso de canaletas que escoam a água para fora do terreno.

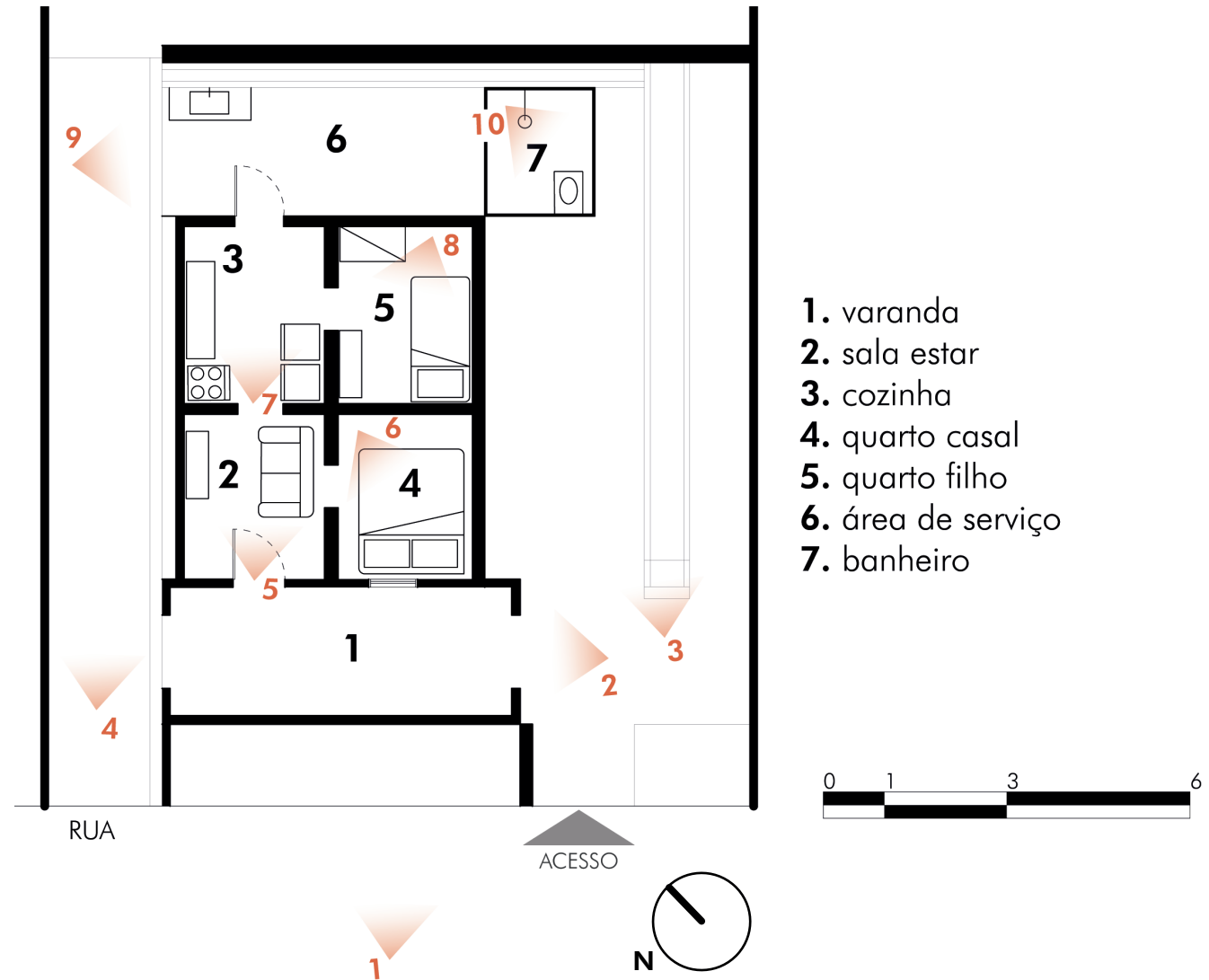


Figura 29: Planta baixa da casa de Everaldo e imagens da casa.  
Fonte: elaborado pela autora.





visão 1



visão 2



visão 3



visão 4





visão 5



visão 6



visão 7



visão 8



visão 9



visão 10

De lá fomos conhecer a casa de Dora, a habitação mais a leste da Vila do Amanhecer. Fica num terreno estreito, de 5m x 30m. Tem 5 ambientes em um cômodo só: cozinha, sala, 2 quartos e banheiro. Os ambientes são divididos com lençóis. O barraco é muito quente e escuro, pois não há janelas, apenas a abertura da porta de entrada da casa, além das vedações que são de metal.

### ensinamentos e recomendações

Essa primeira reunião, mesmo que não tenha acontecido totalmente como o planejado, o que já se era esperado, me fez perceber a importância da escuta e o quanto essas pessoas precisam de serem ouvidas, pois geralmente estão inseridas num grupo que é esquecido pelo poder público e carecem de várias coisas. Com isso, é recomendável que para próximas aplicações, sejam programados para o primeiro encontro apenas os exercícios de escuta, deixando a parte prática de levantamento para posteriormente.

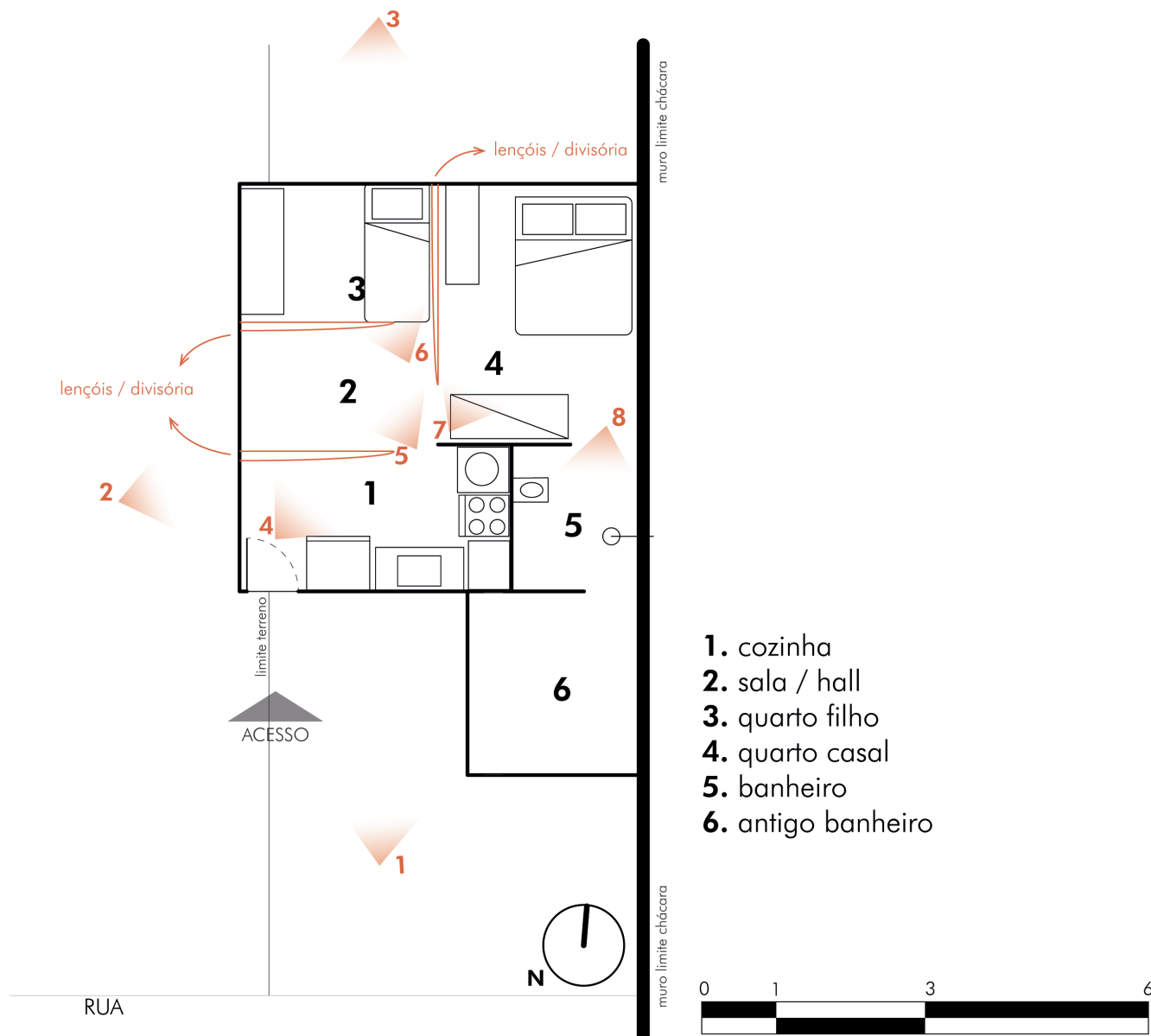


Figura 30: Planta baixa da casa de Dora e imagens da casa.  
Fonte: elaborado pela autora.





visão 1



visão 2





visão 3



visão 4





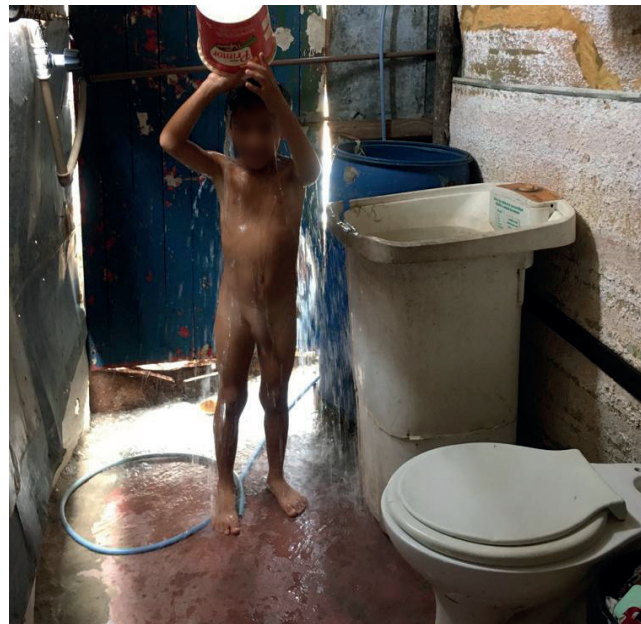
visão 5



visão 6



visão 7



visão 8



Para o segundo encontro não houve um grande planejamento, pois já havia previsto atividades para o encontro anterior que não puderam ser realizadas, facilitando a construção desse roteiro de trabalho.

### **roteiro do 2º encontro avaliação e definição de prioridades**

Retomar o que aconteceu no encontro passado e pedir para apresentarem os levantamentos feitos por eles, perguntar se houve dificuldade e quais foram. Caso não tenham feito, acompanhá-los para a realização do levantamento em suas casas.

Em seguida, realizar os 2 exercícios de escuta programados para o encontro passado e a partir disso já iniciar o processo criativo em que eles passarão a pensar como querem as futuras habitações, levando em consideração seus desejos e prioridades.

Levar materiais como papel kraft, fita adesiva e tesoura, para o caso de alguma necessidade para visualização e entendimento de desenhos de planta baixa.

### **09.03 2º encontro com Dora, José e Everaldo avaliação e definição de prioridades**

O encontro aconteceu pela manhã, como combinado. Começamos a reunião retomando o que tínhamos acordado sobre o levantamento. José que já tinha o desenho da casa, feito por mim no encontro anterior, foi o primeiro a mostrar o seu levantamento. Percebemos que a casa dele é toda modular. Em seguida Dora apresentou o levantamento que fez, com uma forma de desenhar que é só dela. Usou cores e desenhou os móveis da casa. Everaldo não realizou o levantamento, pois disse não saber desenhar, mas mostrou o desenho de como ele queria a fachada da casa dele. Um desenho muito bom que me fez discordar do fato dele não saber desenhar. Nesse caso ele apenas teve dificuldades de representar sua casa em planta. Percebendo essa dificuldade, apresentei o desenho da planta baixa da casa de José, mas ele continuava sem conseguir visualizar. Dora tentou ajudar na compreensão de Everaldo, explicando que era como se fosse a sapata da casa. Como vi que ainda assim ele não compreendia, resolvi utilizar papel kraft e fita adesiva para demonstrar o que eram paredes e aberturas no desenho, permitindo uma visualização 3D. Com isso, ele conseguiu visualizar e compreender. Em seguida fui com ele fazer o levantamento da casa, de uma forma rápida e bem básica mesmo, apenas com medidas gerais. Apenas eu e Everaldo realizamos a atividade em sua casa e, enquanto isso, Vanessa ficou acompanhando Dora e José. Nesse momento José utilizou do tempo para desenhar e pensar em como queria sua casa.

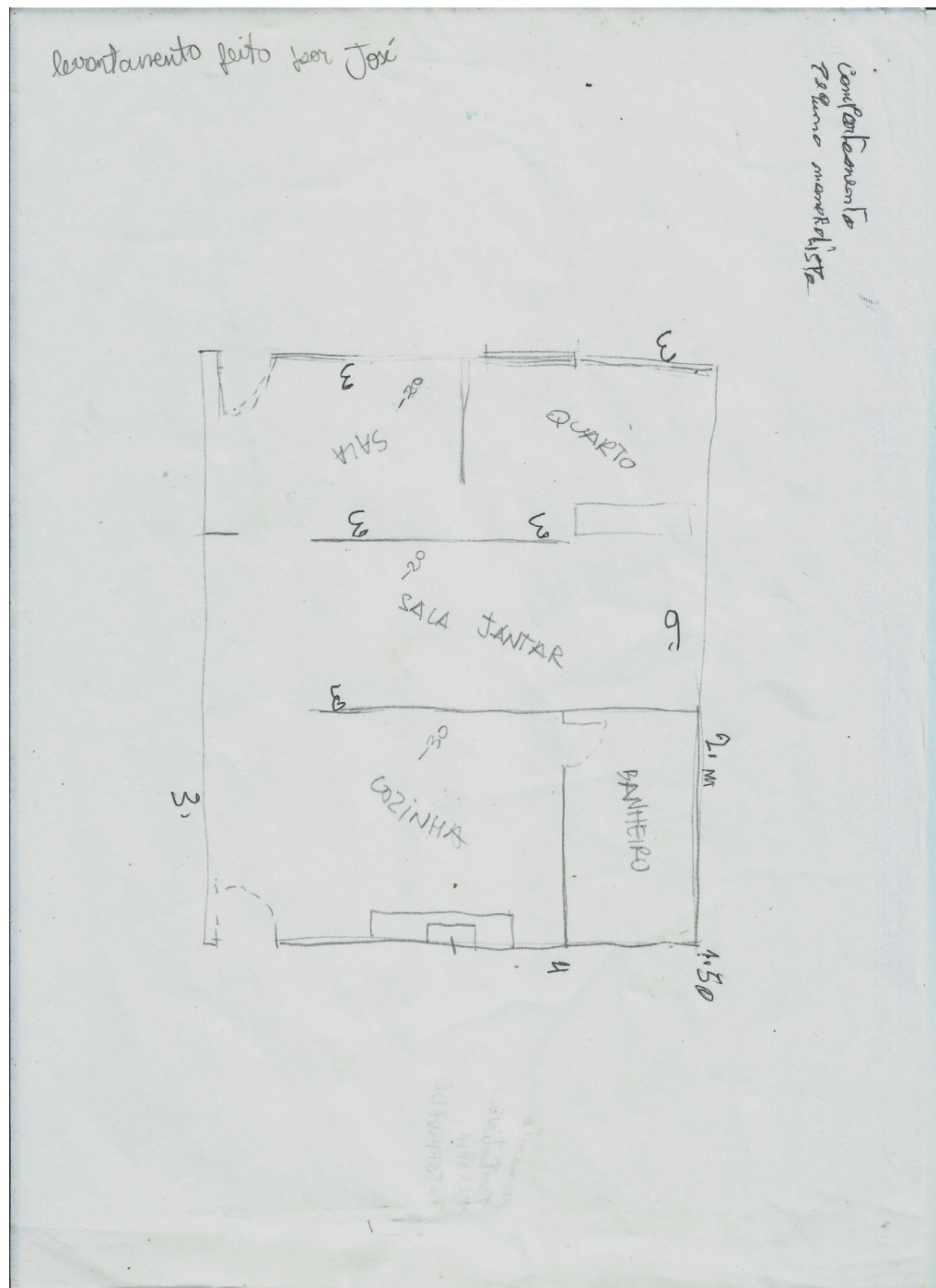


Figura 32: Levantamento feito por José.  
Fonte: acervo da autora.

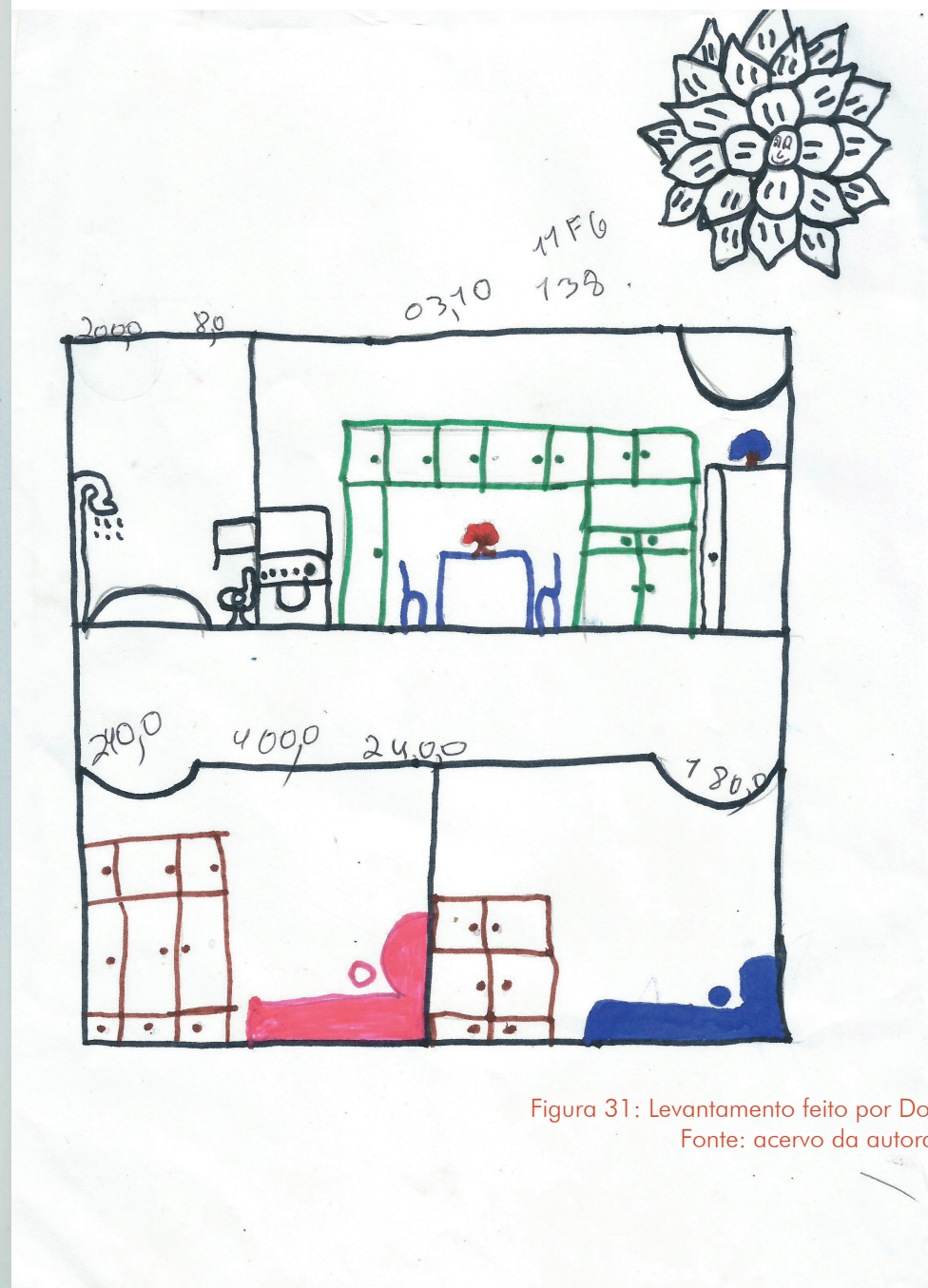


Figura 31: Levantamento feito por Dor.  
Fonte: acervo da autora.



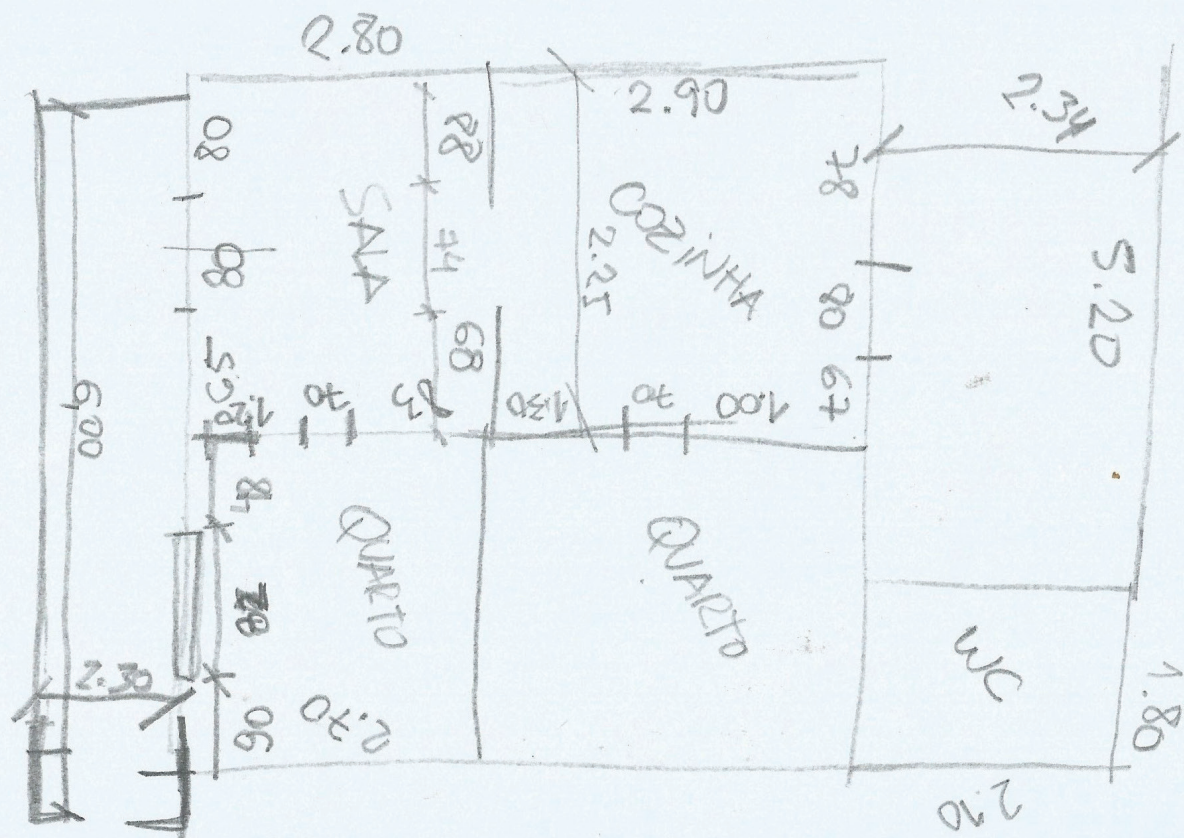
LEVANTAMENTO  
EJERALDO

Figura 33: Levantamento feito pela autora e por Everaldo.  
Fonte: acervo da autora.

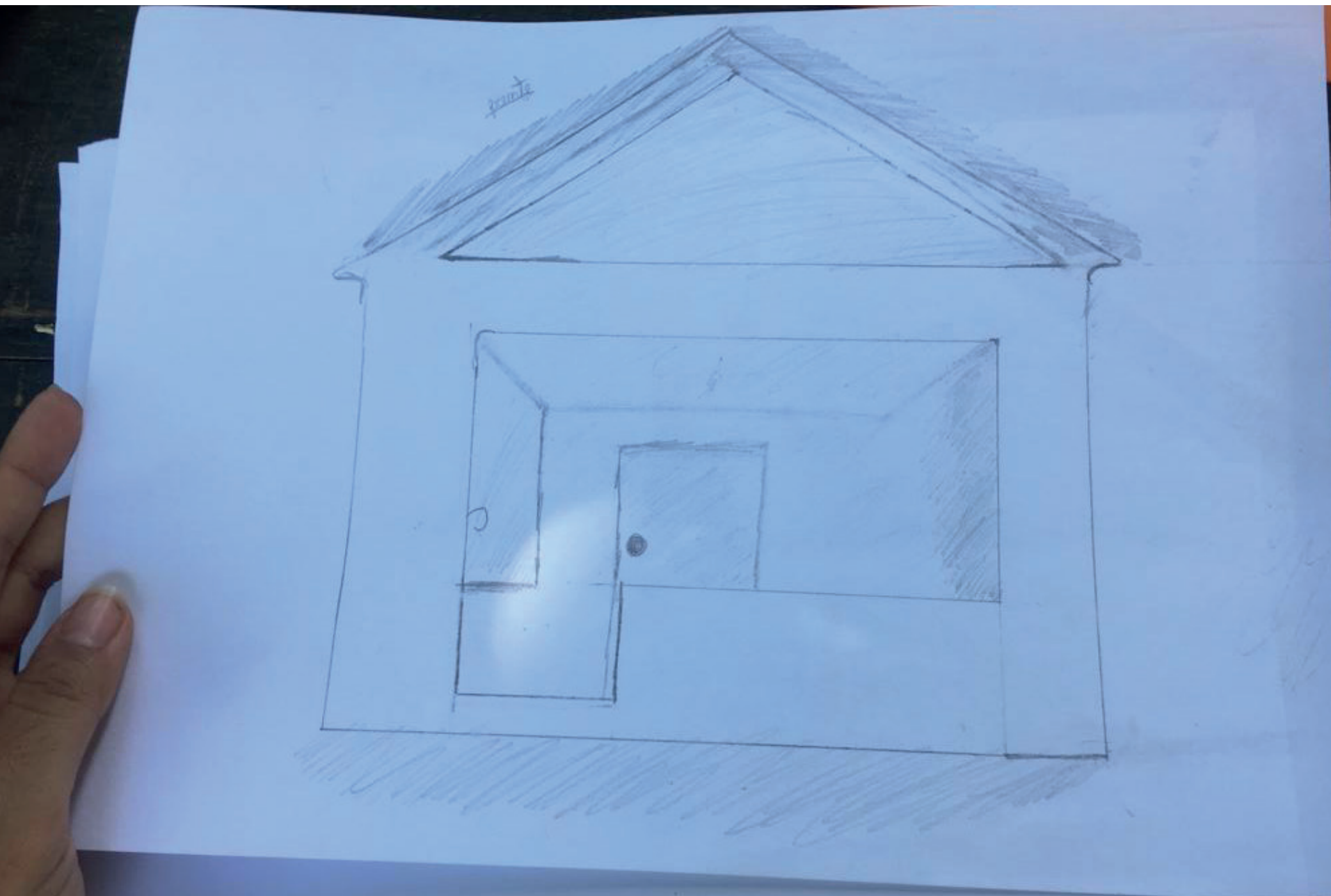


Figura 34: Desenho de fachada feito por Everaldo.  
Fonte: acervo da autora.

Em seguida, propus o exercício de escuta “casa dos sonhos”, disse que aquele momento era para eles sonharem, se esquecerem da realidade deles e falarem como seria a casa dos sonhos deles, sem se preocupar se poderiam realizá-los ou não. Frisei que era apenas um exercício. E também que muitas vezes achamos que nossos sonhos são intocáveis, quando na verdade, podem sim, serem realizados e planejados, mesmo que com simplicidade. Depois desse exercício eu disse “agora vamos colocar os pés no chão e pensar quais as prioridades de vocês, o que é mais urgente pra vocês... os sonhos estarão aqui anotados e a gente tenta encaixá-los nos projetos com o passar do tempo”. Esse exercício de “colocar os pés no chão” é importante para não se esquecer do que é realmente necessário e urgente para eles. Essa conversa gerou os dados incluídos nos quadros que seguem.

### Dora

desejos	prioridades
<ul style="list-style-type: none"> <li>- casa não precisa de luxo;</li> <li>- casa primeiro andar, sala e cozinha térreo, quartos 1 andar;</li> <li>- 4 quartos;</li> <li>- 2 banheiros;</li> <li>- conceito aberto sala + cozinha no térreo</li> <li>- varanda;</li> <li>- jardim na frente;</li> <li>- horta nos fundos;</li> <li>- área de serviço e lazer nos fundos;</li> <li>- piscina;</li> <li>- quarto com prateleiras para deixar o quarto dos filhos arrumados com as coisinhas deles;</li> <li>- filhos por perto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- paredes levantadas;</li> <li>- piso;</li> <li>- coberta</li> </ul>

**José**

desejos	prioridades
<ul style="list-style-type: none"> <li>- uma casa que caiba as coisas dele;</li> <li>- tamanho não é documento;</li> <li>- casa com cerâmica;</li> <li>- forro de gesso;</li> <li>- varanda;</li> <li>- jardim;</li> <li>- muito menino dentro de casa;</li> <li>- área de serviço;</li> <li>- muro;</li> <li>- ar condicionado;</li> <li>- carro da garagem</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- paredes</li> <li>- coberta</li> </ul>

**Everaldo**

desejos	prioridades
<ul style="list-style-type: none"> <li>- ter uma casa com 12m x 7m;</li> <li>- suíte;</li> <li>- banheiro para visitas;</li> <li>- cozinha ampla;</li> <li>- terracinho;</li> <li>- muro;</li> <li>- área de lazer;</li> <li>- jardineira;</li> <li>- 3 quartos;</li> <li>- 1 quarto para visitas;</li> <li>- casinha pro cachorro.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- muro de arrimo</li> <li>- drenagem</li> <li>- sapata</li> </ul>



Depois da escuta, sugeri que começássemos a pensar como queriam as futuras casas. Comecei por José que já havia desenhado uma proposta enquanto estava fazendo o levantamento na casa de Everaldo. José pensou sua casa muito parecida com o que ele tem hoje, já incluindo as medidas dos ambientes. Resolvi, então, redesenhar a proposta de José em escala e incluir no terreno e, enquanto isso, sugeri aos outros, Dora e Everaldo, que comesçassem a desenhar também e pensar suas casas. Vanessa os auxiliou nesse processo enquanto desenhava junto a José.

Ao concluirmos a proposta inicial de José, Everaldo apresentou a mim a sua proposta. Nela os banheiros estavam separados, então perguntei o que ele achava de deixá-los próximos para economia do encanamento e logo ele concordou pois gostou da ideia. Desenhei por cima utilizando um papel vegetal acrescentando esse ajuste e, em seguida, direcionei minha atenção à Dora. Ela me apresentou a sua ideia, mas quando fomos incluir no terreno, percebemos que não seria possível pois o terreno dela é muito estreito para a planta que ela havia pensado, pois

tinha uma forma mais “convencional”, quadrada, exigindo um mínimo de 7m de largura. Logo percebi que Dora se desanimou. Ela acha que seu terreno é muito pequeno e que com isso não poderá ter uma casa boa e bonita, “que preste”, como ela mesma disse. Dora nos contou que o terreno foi comprado junto com o pai dela, que mora vizinho, e que iriam dividir, mas no momento da divisão ele acabou cedendo uma parte menor do terreno, gerando insatisfação e visível mágoa por parte de Dora. Tentamos animá-la dizendo que era, sim, possível ter uma casa boa com aquelas medidas e para mostrar que era possível, ter uma casa boa e que caiba no seu terreno, recortamos pedaços de kraft com medidas base dos ambientes necessários e tentamos, junto a ela, pensar numa configuração interessante que ela pudesse se agradar e enxergar que era possível. Ainda assim ela não se animou tanto e sinto que será um desafio. Tentarei de toda maneira fazê-la enxergar que há essa possibilidade de conceber uma boa habitação em seu terreno para que ela não deixe “a peteca cair”.

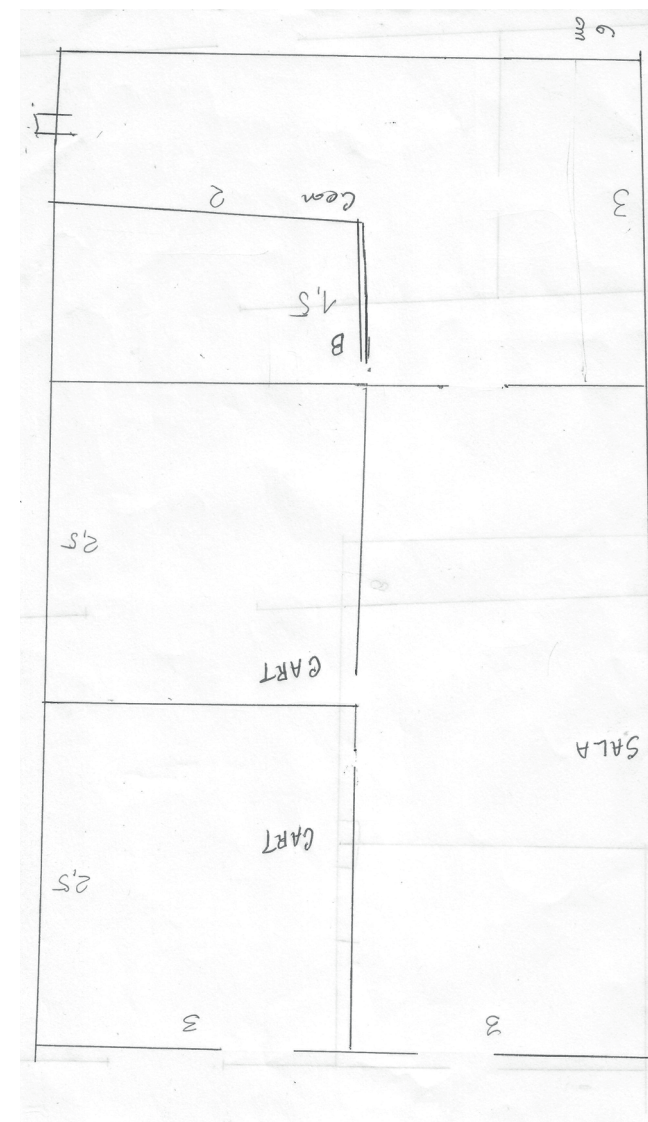


Figura 35: Proposta elaborada por José.  
Fonte: acervo da autora.









Figura 39: Diagrama de peças kraft para elaboração da proposta de Dora. As medidas dos ambientes são: varanda 1,5m x 5m; cozinha 1,4m x 3m ; sala 2,8m x 3,5m ; quartos 3m x 2,8m ; wc 1,5m x 2m.

Fonte: elaborado pela autora

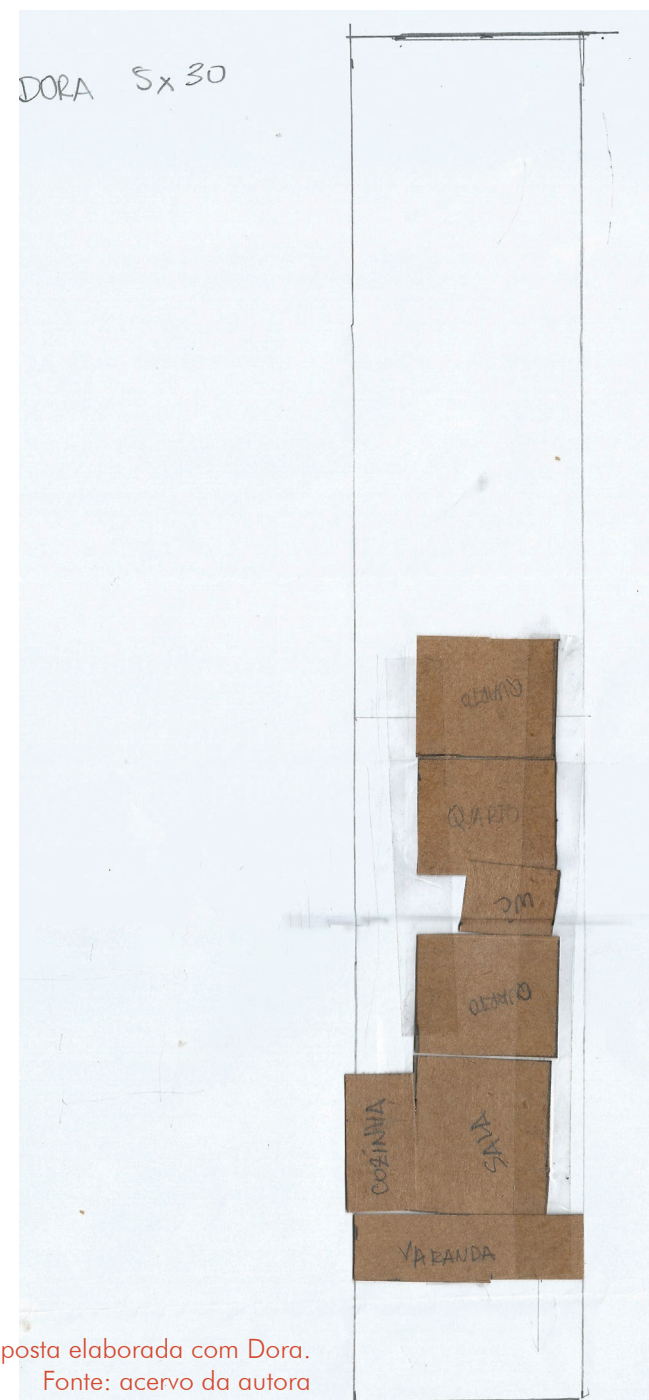


Figura 40: Proposta elaborada com Dora.

Fonte: acervo da autora

## ensinamentos e recomendações

O exercício da “casa dos sonhos” me fez perceber que Dora era a mais sonhadora, talvez por ter a casa mais precária ou por se tratar apenas da sua essência como pessoa mesmo. Além disso, vi que para eles as prioridades estão sempre em torno das estruturas das casas. Diziam que se dessem a eles só a sapata já estava bom, que eles construiriam o resto. Isso me fez refletir em relação ao que eles tinham absorvido sobre o trabalho que estou realizando junto a eles e se estava gerando expectativas irreais quanto a construção de suas casas. Portanto, durante o processo é de extrema importância lembrá-los que a construção das obras ainda é incerta, mas que existe o desejo de ir atrás da captação de recursos.

Percebi que os levantamentos, apesar de terem sido feitos, poderiam ter sido melhores caso tivesse realizado uma oficina estruturada no encontro passado. Então, é recomendável que em próximas experiências os levantamentos sejam feitos junto aos moradores ou que seja realizada uma oficina completa.

Outro ponto a ser observado é que, no momento em que os moradores forem iniciar o seu processo criativo quanto a elaboração de propostas para suas habitações, é importante que os terrenos sejam apresentados e utilizados, respeitando as medidas, para evitar possíveis transtornos como aconteceu com Dora. Isso se aplicaria mais a construções de novas casas, não tanto para reformas e ampliações, pois senti que para José e Everaldo que já possuem uma casa mais estruturada não apresentaram grandes dificuldades, pois já tem uma base para início dessa criação, que são suas

próprias habitações. Já para Dora o processo mostra-se dificultoso, visto que o conceito que ela tem de casa muito se distancia da realidade do terreno que ela possui. Além disso o espaço em que ela vive atualmente não lhe transmite inspirações para pensar a composição e distribuição dos ambientes de sua futura casa.

Findada a última reunião, tentei marcar com eles a próxima, mas Dora disse que precisaria se ausentar nas próximas semanas pois teria uma viagem marcada para uma ação da Litro de Luz. Combinei então que quando ela retornasse, avisasse a mim para marcarmos a próxima reunião com todos, mas que iria nos próximos dias para conferir os levantamentos feitos por eles. Desde o início da experiência, o contato com eles era feito através de Isabel, representante da associação de moradores, pois era mais fácil a comunicação com ela, já que nem todos possuem telefone. Combinei então com Isabel o dia de ir realizar os levantamentos e lhe pedi que avisasse a todos.

### 14.03

#### visita à Vila do Amanhecer

#### conferir medidas / levantamento terreno

Eu e Vanessa fomos à tarde na Vila do Amanhecer para realizar os levantamentos dos terrenos e conferir os levantamentos que eles já haviam realizado.

Iniciamos pela casa de Dora. Quando chegamos lá, aparentou-se que ela não estava esperando por nós. Talvez ela não tenha sido avisada e se foi, não estava disposta a receptividade, então fizemos apenas o levantamento da área externa, em que marcamos as árvores existentes e a localização do barraco e caixa d'água.

Em seguida fomos ver a casa de José e Everaldo, que ficam próximas uma da outra. Nesse momento a rua estava com um certo movimento de pessoas, dentre elas, a presidente da associação de moradores, Nega. Pudemos conhecê-la e tivemos uma conversa breve em que ela me explicou melhor como foi a escolha dos 3 participantes. Nega nos disse que seguiu a lógica das pessoas que mais necessitavam na comunidade e por isso decidiu por Dora, José e Everaldo.

Percebi, nesse dia, sem a presença de Dora, que algumas pessoas da comunidade têm uma opinião formada quanto a ela, dizem que é mentirosa e uma pessoa difícil. Depois de muito refletir sobre essa situação, cheguei a conclusão que Dora, muito provavelmente, é do tipo de mulher que incomoda a sociedade. É o tipo de mulher livre, dona de si. E por essa característica se diferencia dos demais perfis de família da comunidade, que assim como todos nós, são vítimas do patriarcado e machismo, fazendo-os enxergar a mulher livre como a “mulher que não presta”. Essa suposição pode, ou não, ser verdadeira, mas é válido destacar que há algo nela que incomoda e que isso pode ser um futuro gerador de conflitos.

#### roteiro 3º encontro

#### propostas

Tendo em vista que o encontro passado resultou em algumas plantas baixas iniciais dos projetos, pensadas pelos próprios moradores José e Everaldo, e de uma desanimação por parte de Dora, acredito que esse 3º encontro servirá para o desenvolvimento de propostas, podendo seguir alguns passos:

- 1 – Levar os terrenos e suas condicionantes para apresentar a eles;
- 2 – Explicar quais os desafios que os terrenos deles têm devido às diferenças de nível e a posição do norte (evidenciar questões de insolação e ventilação);
- 3 – Apresentar correlatos para Dora de maneira didática, em busca de soluções e também para mostrar que é possível fazer um bom projeto (o objetivo é fazer ela enxergar que mesmo com os desafios apontados, é possível encontrar soluções para eles);
- 4 – Desenvolver os projetos junto a eles, tentar fazer com que aconteça de maneira coletiva. Fazê-los pensar em suas atividades diárias em casa, os acessos, aberturas, espaços sem uso e flexibilização de alguns espaços.

Importante continuar levando papéis (sulfite e vegetal), tesoura, papel kraft e fita adesiva.



## 27.03

### 3º encontro com Dora, José e Lucia propostas

Chegamos na Vila do Amanhecer no começo da tarde, como combinado. Logo percebi uma movimentação diferente por parte dos moradores: estavam fazendo jardineiras com pneus para ornamentar a rua. Assim que encontrei Isabel, ela me avisou que Everaldo não iria participar da reunião pois teve um compromisso no mesmo horário. Quem iria participar no lugar dele seria sua companheira, a Lucia.

José nos cumprimentou e, enquanto Dora não chegava, foi pegar um coco verde para tomarmos água fresquinha. Quando Dora chegou pude perceber que ela não parecia disposta, tampouco animada para esse encontro. E aí como os outros estavam ausentes no momento, Lucia com o plantio de espécies nos vasos da rua e José colhendo os cocos, resolvi começar logo com Dora.

Iniciei a assessoria com Dora retomando o que tínhamos produzido no encontro passado que era uma ideia de setorização dos ambientes desejados por ela. Pus um papel vegetal por cima e resolvi desenhar conforme ela ia dizendo como queria sua casa. De início ela não estava tão disposta a colaborar, pois disse não estar mais empolgada com a futura casa e que passou por sua cabeça, inclusive, de se mudar da Vila e vender o terreno. Fiquei sem saber se era devido à mágoa com o pai, por conta do terreno, ou se por uma infelicidade com a vizinhança devido a alguns possíveis conflitos. Durante o seu discurso de insatisfação com as questões de sua moradia, ela reclamou que passava muito tempo trancada dentro de casa e, vi nesse discurso a oportunidade para animá-la e disse-lhe “então vamos pensar na sua casa nova, porque aí você vai passar mais tempo dentro de uma casa boa, confortável e



Figura 41: Assessoria junto à Dora.  
Fonte: acervo da autora

que você gosta, muito diferente do que você tem hoje". A partir daí, aos poucos ela começava a colaborar. Utilizei também de correlatos para fazê-la enxergar que seu terreno poderia dar uma boa habitação. Mostrei a planta da Casa Vila Matilde, do Terra e Tuma Arquitetos Associados, pois muito se assemelhava ao terreno dela, medindo 4,8m x 25m. Ao mostrar a planta e explicar como funcionava a casa, descobri que ao contrário do que Dora já havia dito, ela não tem interesse em jardim, pois não gosta de plantas ornamentais, apenas de plantas que possam servir de alimento, e que desejava uma cozinha simples, pequena e que não haveria necessidade de espaço para mesa.

A partir dessas informações, desenvolvemos um esquema de como ela gostaria da casa, tendo como ponto de partida um beco de 1m na face leste do terreno e a varanda colada com a rua. Serviço e horta nos fundos da casa. Ela propôs que todos os quartos fossem interligados, sem a criação de corredor, mas expliquei a importância de serem separados para poder dar privacidade. Perguntei qual seria a possibilidade de ter apenas 2 quartos, pois minimizaria os custos, mas ela disse que o ideal seriam 3 quartos mesmo, sendo um para cada filho.

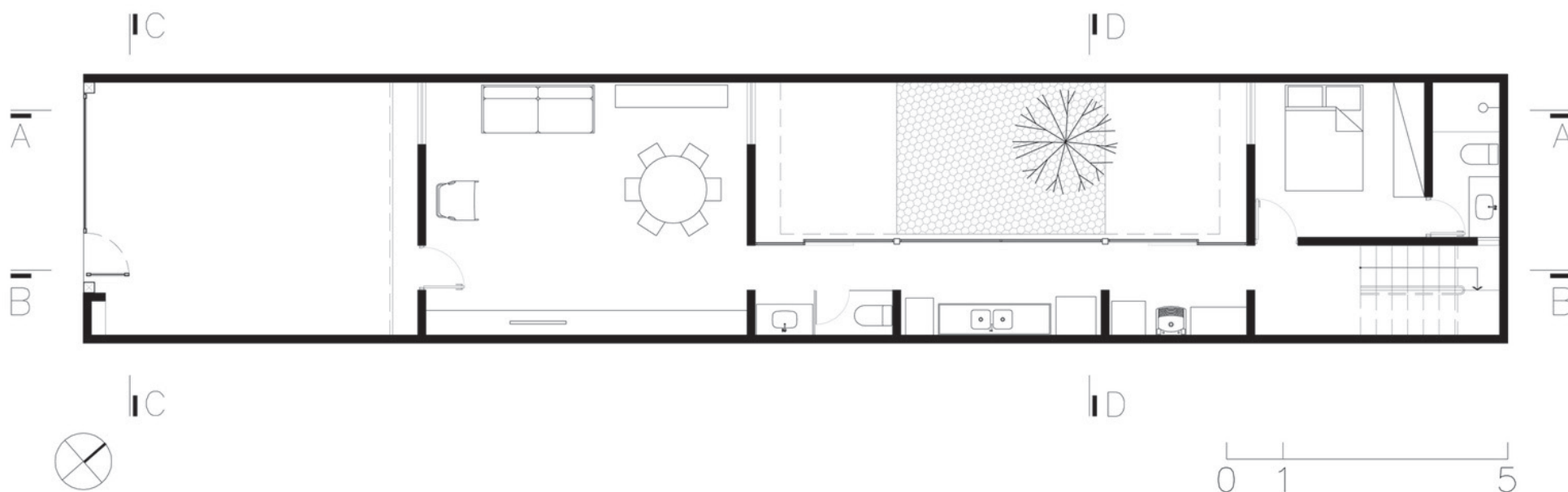


Figura 42: Planta baixa Vila Matilde

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/776950/casa-vila-matilde-terra-e-tuma-arquitetos>





Figura 43: Desenvolvimento de proposta para habitação de Dora em papel vegetal.  
Fonte: acervo da autora

Nesse momento, Isabel, assessora da presidente, interferiu e deu um discurso, em que ela direcionou a todos, dizendo que aquilo - o que eu estava fazendo com eles - era um ajuda, então, por ser uma ajuda, eles deveriam aceitar o que lhes oferecessem e não deveriam ficar exigindo nada. Acredito que, na visão de Isabel, Dora aparentou estar exigindo coisas, por isso resolveu se posicionar. Mas isso acabou gerando um mal estar e eu respondi que poderíamos pensar no projeto desejado, mas que a obra não necessariamente iria conter tudo, podendo ser construída em etapas e destaquei a importância de se ter o projeto pronto, pois mesmo que não dê para construir tudo, no momento em que houver recursos, dá pra concluir a obra ou parte do que falta. Ressaltei que um bom planejamento ajuda para que não haja desperdícios na obra. Portanto, não tinha problema em Dora desejar 3 quartos, desde que estivesse ciente da realidade quanto aos custos.

Alertei, também, que o terreno dela por ter um grande desnível talvez precisasse da criação de vários níveis na casa, pois se tivéssemos que colocar tudo em um nível só, haveria um gasto muito grande com terraplanagem, além da construção de um muro de arrimo. A partir daí, mostrei um projeto de habitação em dois níveis, que acompanha o nível do terreno e ainda há espaço para horta, podendo ser um tipo de solução para a casa dela. Percebi que ela não se agradou muito, pois tem em sua cabeça a visão de casa "boa e bonita" com um piso único, num mesmo nível. Um desafio a ser atravessado também é driblar o mau odor advindo de um chiqueiro da granja vizinha a Dora, que encontra-se bem no limite dos dois terrenos e está localizado na direção do vento.



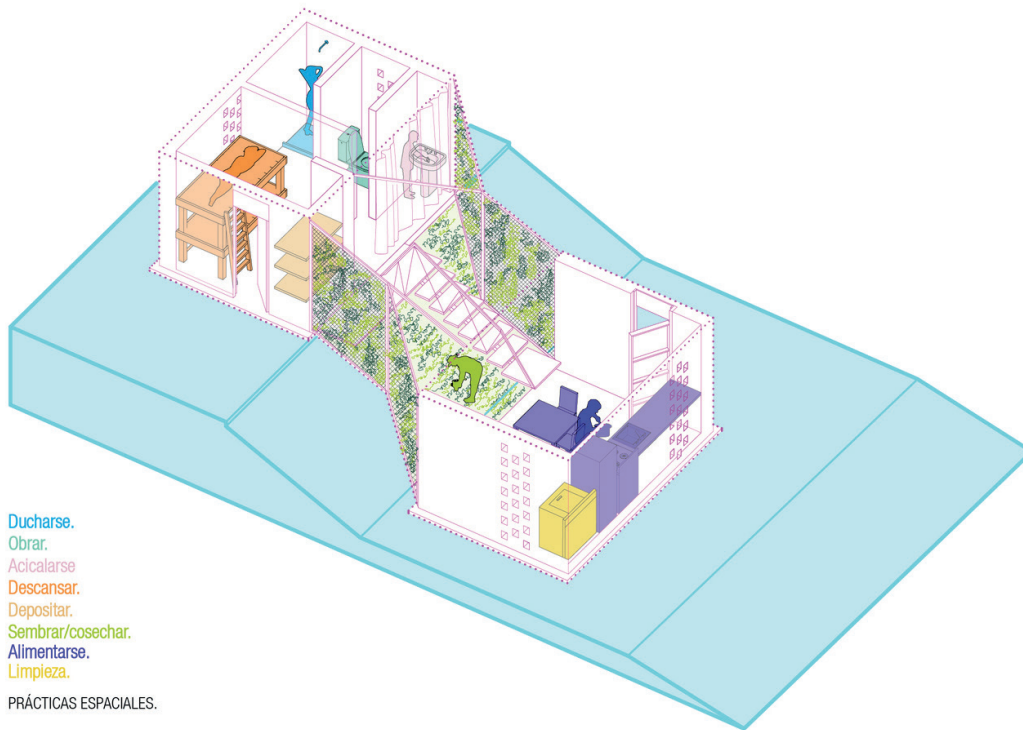
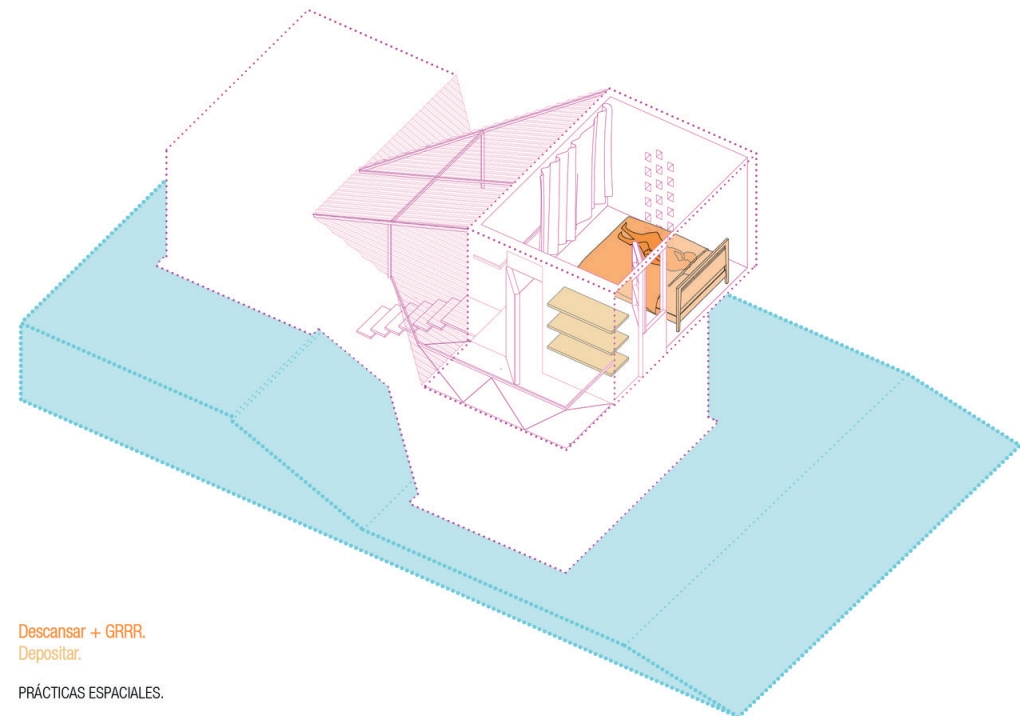
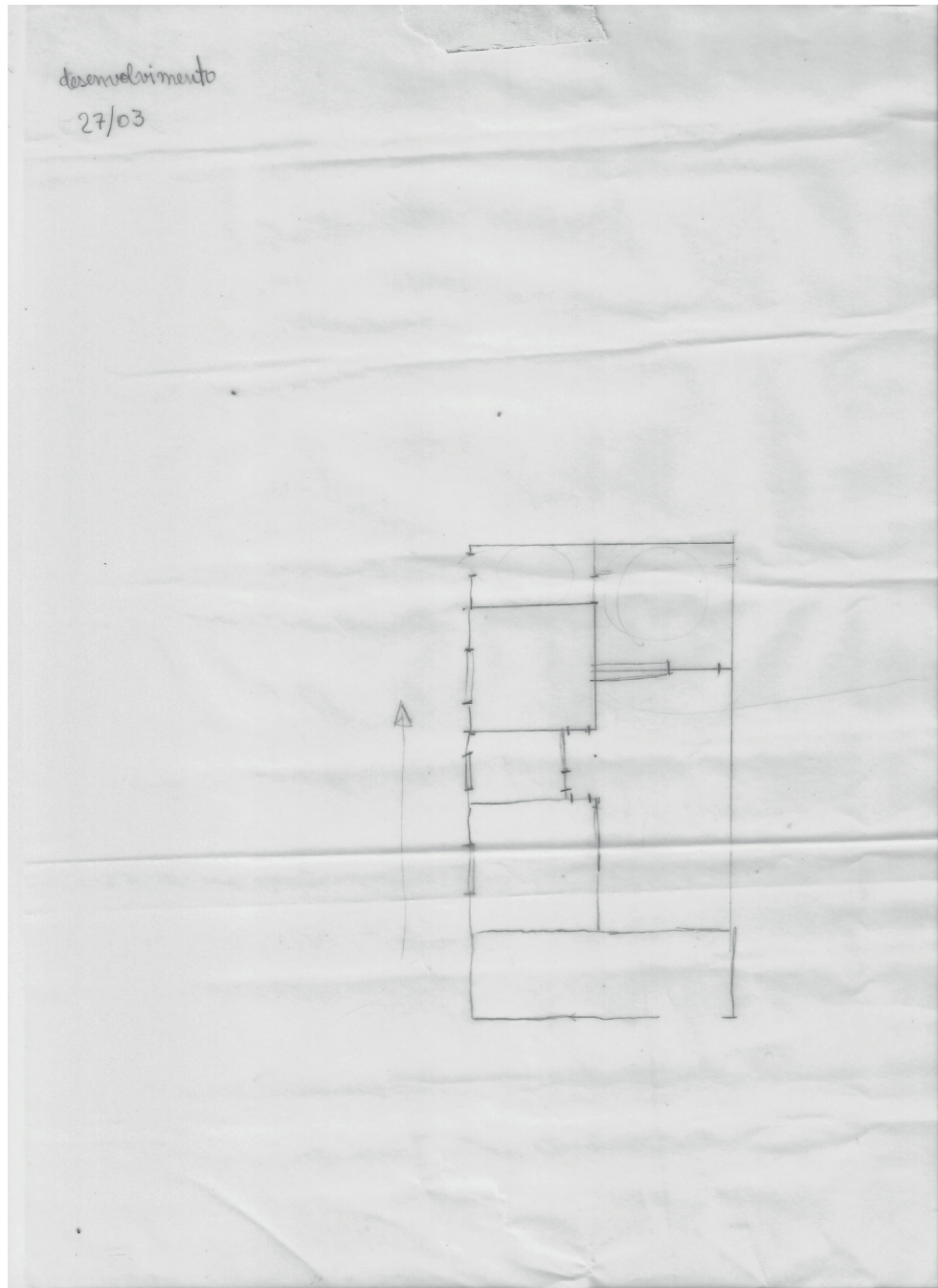


Figura 44: Perspectiva projeto de referência.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/904458/casa-nucleo-aga-estudio>

Figura 45: Perspectiva projeto de referência.  
Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/904458/casa-nucleo-aga-estudio>





Enquanto assessorava Dora, Vanessa pôde auxiliar iniciando uma conversa com José a fim de desenvolver o projeto que ele já tinha pensado no encontro passado. Pedi para que ela discutisse com ele a mudança do banheiro que não se encontrava num espaço bem pensado. Logo ele sugeriu que o banheiro poderia ficar entre os quartos e ainda propôs que as portas dos quartos ficassem uma de frente a outra, criando um mini hall entre quartos e banheiro. Dessa forma diminuiu o espaço da cozinha e incluiu a área de serviço no interior da casa.

Antes de começarmos os projetos perguntei a José se quando chovia entrava água em sua casa, para já começarmos a pensar em alternativas. José comentou que havia um muro no limite do terreno com a rua, mas precisou demolir quando fizeram o alargamento da via, o que facilitou a entrada de água no terreno que, por consequência, acaba infiltrando o interior de sua casa. Pensando nisso, ele propôs colocar algum tipo de contenção no limite do terreno com a rua como na casa vizinha, de Nega, que tem um jardim com pneus. Ele comentou que poderia plantar rosas. José se mostrou bem desenrolado e com boas ideias. O assessoramento foi rápido e bem prático.

Figura 46: Desenvolvimento da proposta de José em papel vegetal.  
Fonte: acervo da autora

Em seguida comecei a conversa com Lucia e resolvi aplicar os exercícios de escuta que havia feito com os outros nos encontros anteriores.

Lucia	
Mais	Menos
- Quintal	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Temperatura da casa</li> <li>- Banheiro do lado de fora</li> <li>- Pia fora da cozinha</li> </ul>
Problemas	Desejos
- Quartos pequenos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 3 quartos</li> <li>- Banheiro dentro de casa</li> <li>- Cozinha maior</li> <li>- Jardim</li> <li>- Cozinha americana</li> <li>- Hortinha</li> </ul>

Com essa conversa descobri que eles já fazem reuso de água de chuva, então acho importante incluir isso no projeto, bem como pensar no espaço para armazenagem dessa água. Atualmente a água recolhida fica armazenada em um galão grande na parte externa da casa. Depois de um bom tempo de conversa com Lucia, mostrei a planta que Everaldo já havia pensado e ela achou ótimo, apenas pediu para que a cozinha fosse americana, pois ela gostaria de ter plantas dentro de casa, para colocar

em cima da meia parede que irá separar a cozinha da sala. Dessa forma soube que Lucia adora plantar, faz uso de compostagem, e a sua horta tem: pimentão, coentro, cebolinha, pimenta do reino e tomate. Ou seja, é importante pensar um espaço para esse cultivo. Pedi a Lucia para entrar em sua casa pra tirar algumas fotos da casa que estavam em falta no meu acervo, com isso percebi que eles utilizam 2 geladeiras, então é importante pensar esse espaço a mais na cozinha. Lucia, além dos afazeres domésticos, vende dindin na comunidade.





Figura 47: Horta de Lucia  
Fonte: acervo da autora



Figura 48: Sistema de reuso de água de chuva  
Fonte: acervo da autora



## ensinamentos e recomendações

O processo, por ser coletivo e ter apoio e participação da associação de moradores, acaba tendo interferência e interpretações de diversas pessoas e isso tanto pode ajudar quanto pode atrapalhar. No caso específico desse encontro, essa participação chegou a gerar um conflito. E além desse conflito gerado, Dora também apresentou conflitos internos quanto às suas insatisfações e inseguranças. O que me fez chegar a reflexão de que lidar com pessoas exige muito cuidado e atenção, pois é uma parte do trabalho muito difícil e complicada, exigindo um saber e sensibilidade que nós arquitetas e arquitetos, por formação, não possuímos. Portanto, como mediar esses conflitos? Nesses casos, apenas a presença do arquiteto é suficiente?

Para além dessa questão, acrescento que a presença de Lucia nesse encontro mostrou-se importante e satisfatória, pois foi possível perceber outras necessidades e características da habitação e dos costumes familiares que não foram relatados por Everaldo. Essa experiência chama atenção para a participação dos integrantes da família no processo. Portanto, é recomendável que, sempre que possível, haja a participação de mais de um morador da habitação, sobretudo as mulheres que, na grande maioria das famílias, executam uma função muito importante no lar: elas cuidam da casa e dos filhos, além de passarem um tempo considerável sozinhas em casa, fator que pode ser gerador de sentimentos de insegurança por parte dessas mulheres. Enxergar o modo como elas enxergam sua moradia é de grande ajuda para a construção de uma habitação confortável e segura para todos os moradores.

## roteiro 4º encontro soluções técnicas

Levar diferentes opções desenvolvidas a partir dos assessoramentos e apresentá-las a fim de encontrar a solução ideal que respeite as necessidades e prioridades dos usuários.

Sabendo-se das características de cada caso, é preciso sanar algumas dúvidas quanto às particularidades de cada habitação.

### **Everaldo:**

- localização exata da fossa, para saber o máximo que a casa pode crescer;
- como funciona a estrutura do telhado;
- conferir medidas de até onde vão os limites das sapatas existentes que estão além dos limites das vedações da casa.

### **José:**

- perguntar qual o nível de importância para ele de acabar com os níveis existentes para deixar tudo em um nível só;
- verificar se há fundação ou se o piso existente é apenas um contrapiso;
- como funciona o fornecimento de água para sua casa;
- como pretende que seja a cobertura.

### **Dora:**

- Analisar se o terreno é mesmo tão inclinado quanto os levantamentos topográficos apontam;
- como funciona o abastecimento de água;

Esse encontro também servirá para conferir medidas dos mobiliários que eles já possuem e outras coisas possíveis de utilização nas novas construções, como pias de cozinha, por exemplo.

## 10.04

### 4º encontro com José e Lucia soluções técnicas

O encontro foi marcado com os 3 participantes, mas no dia anterior Dora avisou que não poderia comparecer. Chegando lá, soube que houve uma falha na comunicação e Dora poderia, sim, participar, mas não levei as propostas pensadas para a casa dela e combinamos de nos encontrar no dia seguinte, como já havíamos combinado na noite anterior.

Everaldo também não estava em casa pois tinha que resolver algo no banco. Sendo assim essa reunião foi apenas com José e Lucia, companheira de Everaldo.

Comecei a conversa com José e mostrei as possibilidades. A ideia seria continuar com os níveis já existentes da casa atual para diminuir custos com nivelamento e facilitar a construção, mas logo perguntei o que ele achava da ideia e se era importante nivelar o piso, pois ouvi em outro momento que ele gostaria de acabar com os desníveis na casa dele, mas não tinha certeza já que ele não disse isso diretamente a mim. Ele me disse que era muito importante para ele e que “imagina a pessoa doente tendo que ficar descendo e subindo degrau”. Logo entendi que pra ele era imprescindível que a casa não continuasse com os níveis diferentes e avisei que se tivéssemos que planificar tudo, teríamos que economizar em outra coisa, mas José, sempre com sua simplicidade, disse que tudo bem. Comentei que talvez fosse necessário abdicar da varanda para minimizar os custos, mas que poderia verificar. Caso contrário, continuaríamos com a ideia principal, que possui varanda.

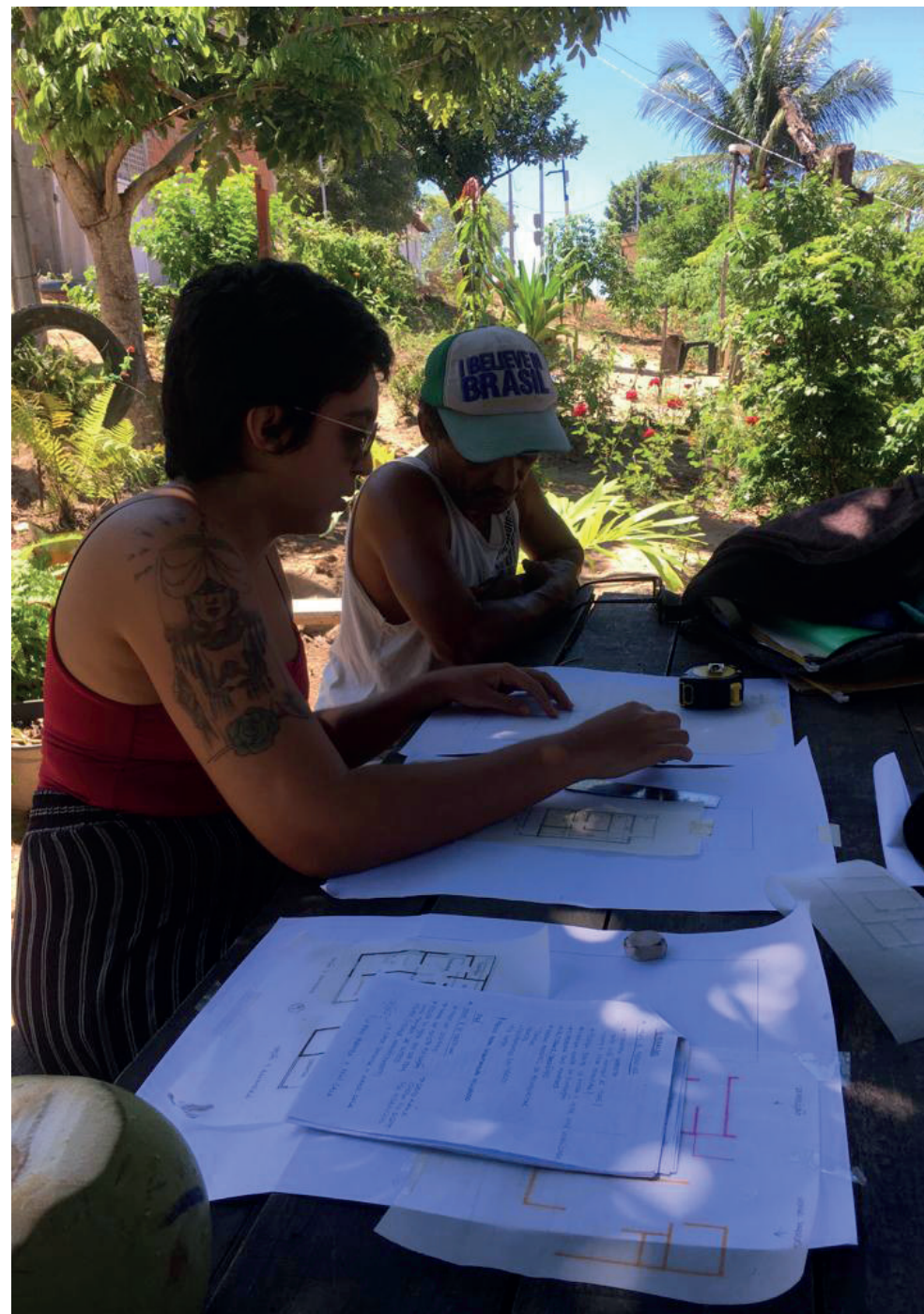


Figura 49: Assessoria junto à José.  
Fonte: acervo da autora



Tirei algumas dúvidas com José quanto o abastecimento de água, e ele explicou que é fornecida a partir da caixa d'água da casa vizinha, onde mora Nega, presidente da associação, e que eles dividem as contas, em que cada um paga um mês. Questionei sobre a fundação da casa, se existia ou se era apenas um contrapiso e José confirmou o que já imaginava: existe apenas um contrapiso na casa. Por fim perguntei como José pensava o telhado de sua futura casa e ele disse-me que gostaria de continuar com um telhado de duas águas, da forma como é hoje.

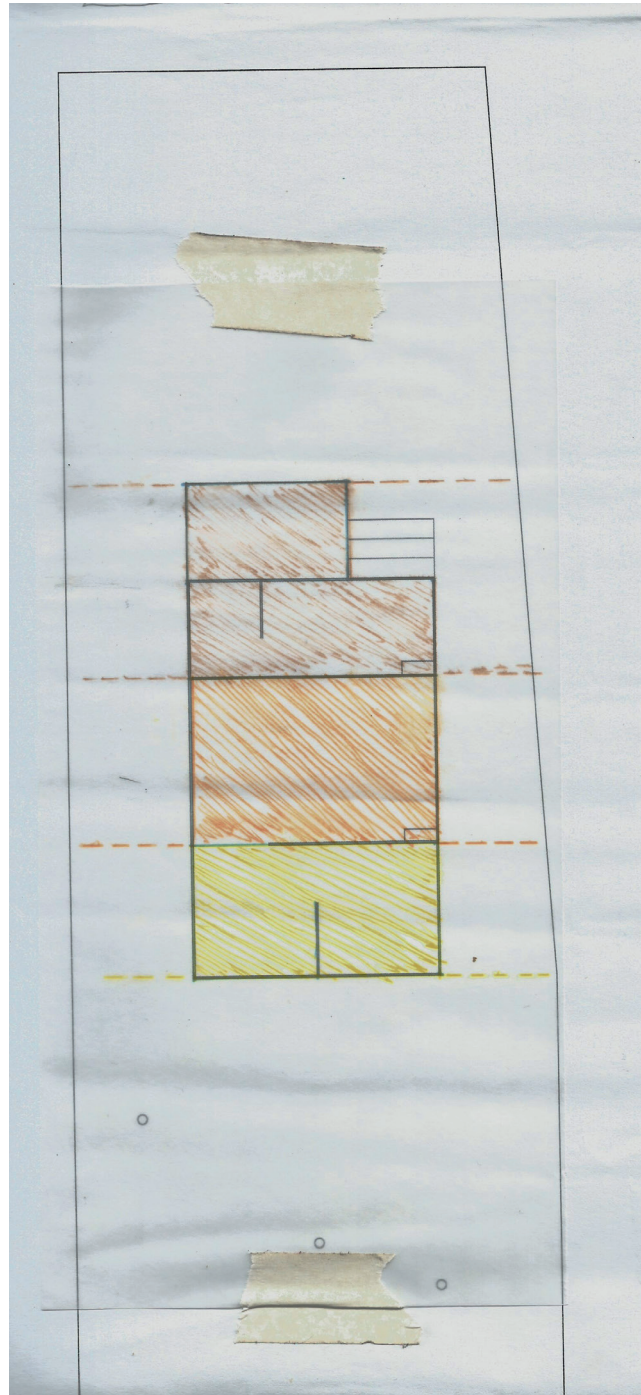


Figura 50: Planta baixa esquemática dos níveis da casa de José.  
Fonte: acervo da autora



Figura 51: Planta baixa da proposta apresentada para José.  
Fonte: acervo da autora

Em seguida fui conversar com Lucia sobre a casa de Everaldo e, enquanto isso, pedi para Vanessa ir com José tirar medidas dos móveis que ele já tem e de coisas que poderiam ser utilizadas na casa nova e assim pensar os espaços de maneira que haja espaço para os móveis que ele já possui.

Na assessoramento com Lucia, antes de apresentar as opções desenvolvidas, perguntei se ela conseguia entender o desenho. No que disse não conseguir entender, expliquei que ela poderia se imaginar vendo a casa dela de cima, do céu, sem o telhado e fui mostrando a planta da casa como é hoje e ela conseguiu enxergar e entender o desenho. A partir desse entendimento, mostrei as opções e expliquei que modifiquei um pouco a ideia de Everaldo, mas que poderia ser revisto, caso quisessem. Na ideia original ele queria continuar com a varanda que tem hoje, mas dessa forma a sala continuaria bem pequena, então eles teriam que decidir entre uma sala grande e varanda pequena ou sala pequena e varanda grande. Lucia logo se posicionou dizendo que prefere uma sala maior, pois a sala que eles têm hoje é muito pequena e ela não gosta. Mostrei que as possibilidades variam entre 'dois banheiros e área de serviço pequena' ou 'um banheiro e área de serviço maior'. Lucia não se posicionou e perguntou se ela poderia ficar com os desenhos para mostrar a Everaldo. Concordei, já que iria voltar lá no dia seguinte para o encontro com Dora. Expliquei os desenhos duas vezes para confirmar que Lucia tinha entendido e conseguiria passar a informação para Everaldo. Em seguida fui conferir algumas medidas que faltavam e também medir os mobiliários da casa de Lucia e Everaldo, assim como foi feito na casa de José.

Percebi que colocaram um material, parecido com tapume, na frente da casa, que obstrui a visão da parte lateral esquerda, bem como dificulta o acesso. Perguntei o porquê de terem instalado e Lucia disse que se sente insegura às vezes, por isso colocou essa espécie de tela, mas que futuramente gostaria de construir muros nos limites do terreno.



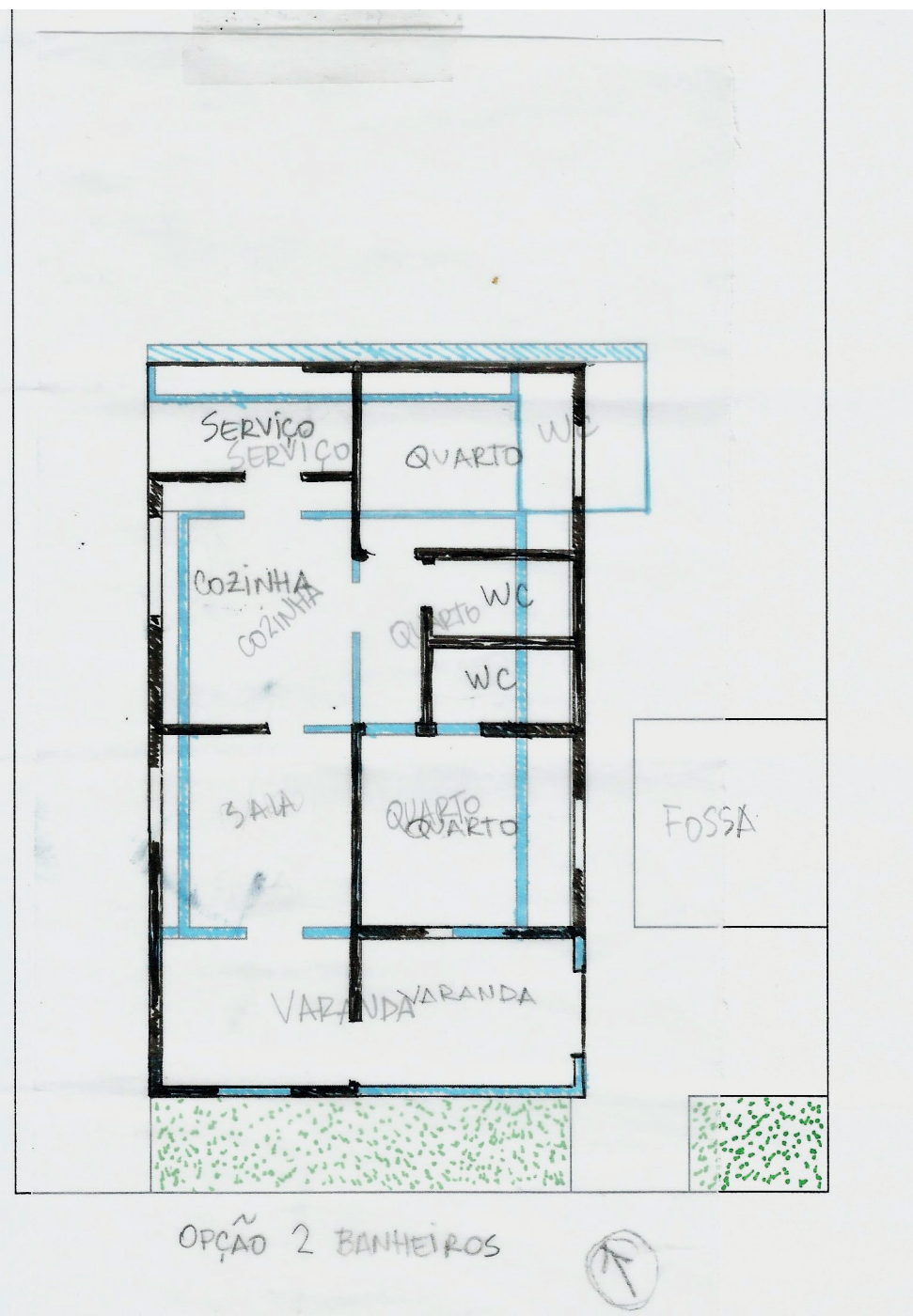


Figura 52: Proposta Everaldo 2 banheiros.  
Fonte: acervo da autora

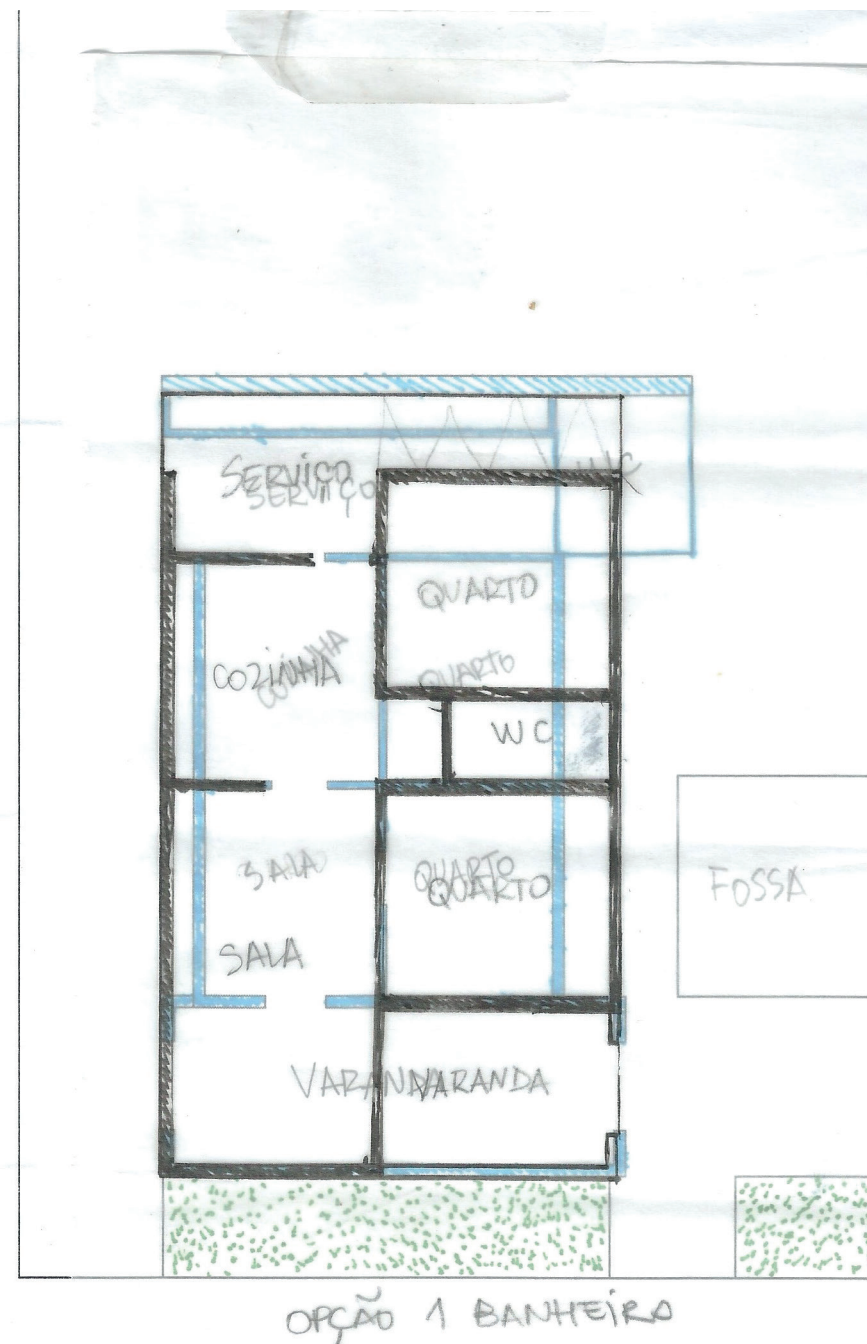


Figura 53: Proposta Everaldo 1 banheiro.  
Fonte: acervo da autora



## ensinamentos e recomendações

Foi percebido, nesse encontro, uma falha na comunicação que levou a falsa necessidade de um encontro extra. Dessa forma, é muito importante que as informações sejam passadas de maneira muito clara e direta, bem como do contato ser estabelecido com os próprios moradores, sem intermediação de terceiros.

Como concludente do curso de arquitetura e urbanismo, percebo que a falta na formação quanto aos materiais e custos de obra dificulta a assessoria pois quase nunca tenho informações sólidas sobre o que pode ou não ser executado. Acredito que seja uma dificuldade encontrada também para arquitetas e arquitetos recém formados, não apenas para estudantes. A recomendação é que dentro do curso de arquitetura e urbanismo haja um estreitamento na relação com as práticas construtivas e orçamentárias.

### 11.04

#### 4º encontro com Dora e Everaldo soluções técnicas

Como combinado, cheguei na vila durante a tarde e fui me encontrar com Dora. Senti que a conversa com ela, sem a presença dos outros, pôde ser mais fluida e interessante. Apresentei a proposta pensada para a casa dela. De início, Dora gostou da proposta, mas logo ela pôs alguns questionamentos em evidência. Ela disse que gostaria que os quartos dos filhos fossem um só, grande, sem paredes e que ela pudesse depois dividir com uma cortina mesmo ou uma placa de gesso. Questionei de qual seria o problema em ter a parede se ela já iria colocar a placa de gesso. Ela disse que é porque gosta de espaços livres, para poder modificar as coisas quando desse vontade. Percebi, então, que se trataria de um ambiente mais

amplo e flexível. Perguntei se seria interessante para ela se eu pensasse num tipo de divisória que pudesse abrir e fechar quando ela quisesse. Ela gostou da ideia e disse achar interessante. Alertei que não poderia prometer que essa solução fosse viável, já que os custos não foram definidos, então no que pudermos economizar, melhor, mas que era uma possibilidade a ser estudada.

No 2º encontro quando começamos a pensar como seriam as casas, Dora comentou que por ela poderiam haver portas que interligassem todos os quartos, sem necessariamente ter uma circulação fora dos ambientes dos quartos, como um corredor, por exemplo. Lembro de tê-la alertado sobre a privacidade e já dessa vez ela disse-me que o quartos das crianças poderia ser único e amplo, mas que o quarto dela era melhor que pudesse ser todo fechado, com paredes e porta. Em certo momento ela disse que, por ela, teria a casa como a que ela tem hoje, dividindo tudo apenas com lençóis, com os espaços abertos, para que a casa fosse bem ventilada. Acrescentou que ambientes muito fechados a deixam agoniada, pois sente-se presa. Tentei extrair dela se a questão das divisórias de lençol e os espaços amplos eram importantes quanto elementos essenciais ou se isso, em sua cabeça, era o que proporciona uma casa mais ventilada e percebi que pra ela o importante é que a casa tenha uma ventilação adequada. Usei o comentário que ela fez de estímulo para lhe lembrar que o pátio proposto seria aberto e estaria ligado à cozinha/sala, servindo também para entrada de ar no quarto e ela logo propôs que não houvesse nenhum tipo de parede e que o pátio fosse coberto, mas lhe expliquei que não poderia cobrir tudo pois ele serviria de ventilação para o quarto, visto que a ventilação vinha daquela direção. Mas encontrei um meio termo e disse-lhe que poderia cobrir até a metade e ela concordou com a proposta.



Figura 54: Proposta Dora.  
Fonte: acervo da autora

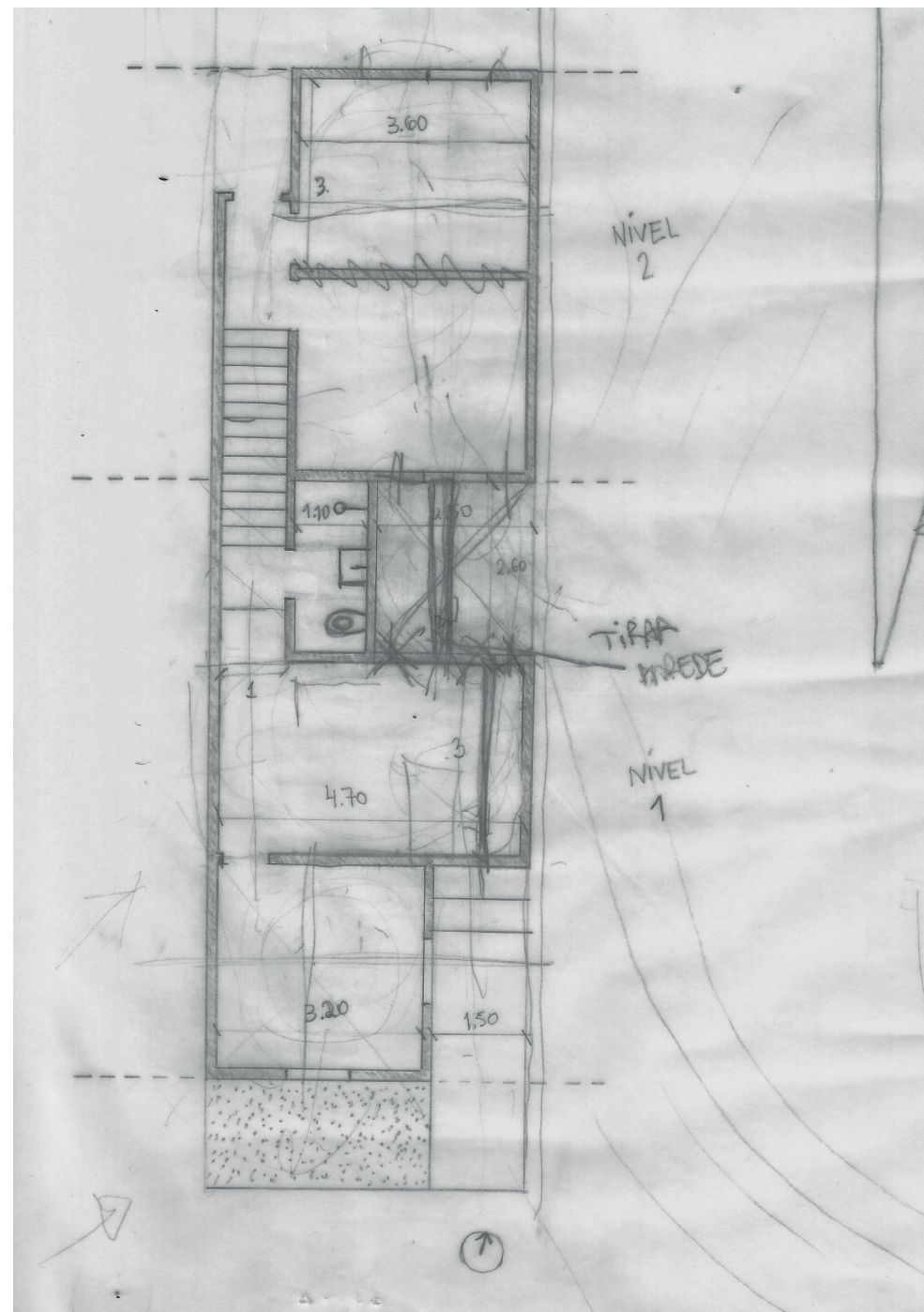


Figura 55: Proposta Dora com modificações no papel vegetal.  
Fonte: acervo da autora

Enquanto discutimos a proposta, Dora insistiu que não precisaria de escada, pois dava pra planificar o terreno e que seria melhor pra ela. Contou que tem um amigo que poderia ir lá com a máquina e planificar tudo. Falei que segundo os levantamentos o terreno dela era muito desnivelado, mas que vendo de perto o terreno não parecia ter tanto desnível pois ela já havia feito intervenções no terreno, em outro momento, deixando tudo menos desnivelado. Com a planta que estamos trabalhando é possível manter a mesma disposição dos ambientes sem utilizar as escadas, substituindo por um corredor, ou seja, não haveria grandes modificações, quanto à disposição dos ambientes, caso a casa possa ficar em um único nível. Mas prometi a Dora que iria verificar a possibilidade.

A partir de um croqui, mostrei-lhe como poderia ser a coberta dela - em duas águas - e logo ela disse que não a agradava, pois parecia casa de índio. Aproveitou pra dizer que gostaria do telhado como é hoje a coberta do seu barraco, de uma água só.

Depois de um tempo de conversa, ela voltou a dizer que a ideia que ela tinha era de fazer um beco de 1m de largura na casa para acessar o quintal, tentamos desenhar e pensar em novas ideias se baseando nisso mas chegamos a conclusão de que os quartos teriam que ficar na face oeste e expliquei a ela que essa disposição não era boa, pois o sol incidirá nos quartos a tarde inteira, esquentando o ambiente, e que eu não sugeriria isso, que conforme o tempo passasse ela iria perceber que não foi a melhor decisão pois os quartos ficariam muito quentes. Depois de um tempo de negociação, ela percebeu que não seria a melhor ideia e disse que do jeito que tinha sido proposto já estava bom. Por fim, questionei sobre o funcionamento abastecimento de água, pois ela havia

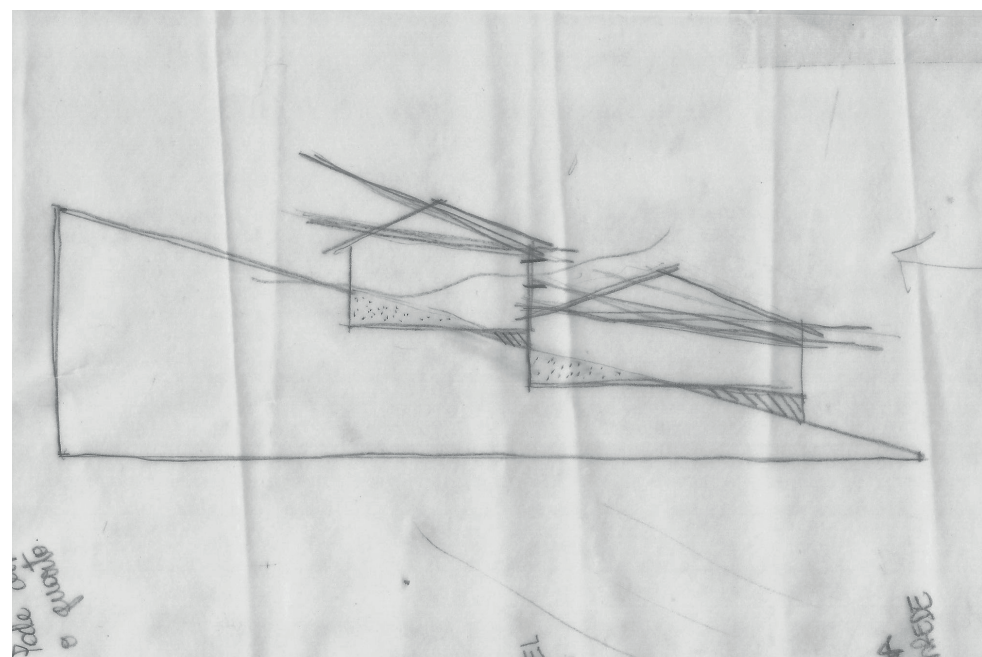


Figura 56: Croqui da cobertura proposta para habitação Dora.

Fonte: acervo da autora



comentado que estava sem água. Dora disse-me que sua bomba de água havia quebrado, impedindo o bombeamento da água que vem da cacimba do vizinho para sua caixa d'água, que encontra-se alocada no ponto mais alto do terreno.

Achei a conversa e as discussões bem produtivas, mas fiquei com o pensamento de que o projeto proposto ainda precisaria de modificações para maior agrado de Dora. Anotei todas as questões mencionadas por ela e fui conversar com Everaldo.

Ao iniciar a conversa com Everaldo, segui a mesma lógica de quando expliquei a Lucia, mostrei primeiro a questão da varanda e ele concordou que seria melhor uma sala maior e uma varanda menor, mas ainda ficou um tempo refletindo se a varanda, nas proporções que foram apresentadas, ficaria bonita ou não. Percebi que ficou tentando imaginar como seria e, no fim das contas, conseguiu enxergar beleza. Em seguida expliquei que haviam duas opções - opção 2 banheiros e área de serviço pequena e opção 1 banheiro e área de serviço grande - e, sem muita discussão, ele logo optou pela opção de apenas um banheiro, pois para ele é melhor ter uma área de serviço maior, porque se tem mais coisas para guardar e para fazer. Entendi que pra ele não importa a privacidade de um banheiro apenas para o casal.

Com a opção decidida por ele, resolvi lhe perguntar sobre a localização exata da fossa, bem como de suas medidas exatas, pois com isso saberia o quanto poderia crescer os quartos, pois ainda não estavam com boas dimensões. Seguimos então para sua casa e tiramos as medidas da fossa, verificando que os quartos ainda poderiam crescer cerca de 1m de largura. Everaldo contou que construiu a fossa no local onde está pois já pensava numa futura ampliação da casa. Além disso, mencionou que estava projetando uma rampa mais adequada para o acesso principal, pois a que se tem hoje não possui boa inclinação e que pretendia

continuar com a drenagem que já existe, mas que tinha a ideia de fechar a vala para não ficar aparente como é hoje. Em seguida questionei sobre o muro nos limites do terreno e ele confirmou que tinha a intenção de construir muros, por segurança.

### **ensinamentos e recomendações**

Dora, por ter um terreno estreito acabou demonstrado dificuldades para a elaboração da proposta de sua habitação em todo o processo, o que me fez “tomar as rédeas” da situação e desenvolver o projeto com base em todas as conversas que já havíamos tido até então. Dessa forma, senti dificuldades nesse encontro pois percebi que o projeto agradava à ela, mas nem tanto. Percebi que a escuta é de fato muito importante nesse processo, mas além disso, é necessário que haja uma compreensão nas entrelinhas do que o usuário deseja, pois nem sempre o usuário deixa claro o que quer. Então é muito importante que o arquiteto escute, questione e busque a informação de maneira clara.

Senti que em alguns momentos a negociação com Dora foi difícil, sobretudo no momento em que ela sugeriu que os quartos ficassem na face oeste da edificação. Dessa forma, fiquei refletindo sobre até que ponto a sugestão do arquiteto é coerente do ponto de vista da responsabilidade técnica e não da imposição de padrões e ideias. Acredito que há uma linha muito tênue nessa questão e que deve-se tomar bastante cuidado quanto a isso.

Enquanto esperava para assessorar Everaldo, fiquei conversando no terraço de José e ele me contou que depois de ter ido com Vanessa medir os móveis que tem em casa, percebeu o quanto era acumulador e que deveria se desfazer de muitas coisas que ele tem. Dessa forma, achei que o levantamento dos mobiliários foi positivo pois proporcionou esse tipo de reflexão.





Figura 57: Sistema de drenagem da casa de Everaldo.  
Fonte: acervo da autora



Figura 58: Rampa de acesso da casa de Everaldo.  
Fonte: acervo da autora

5



# PROPOSTAS

As propostas habitacionais que foram desenvolvidas a partir dos assessoramentos estarão apresentadas em cadernos individuais contidos nos anexos deste trabalho.

6

# CONSIDERAÇÕES FINAIS



A experiência vivenciada neste trabalho demonstrou o quão desafiador pode ser a assessoria técnica para famílias de baixa renda. Primeiro porque esse não é um tipo de trabalho que seja viável realizar sozinho, é necessário que haja uma equipe formada não apenas de arquitetos e arquitetas, mas de outros campos profissionais, sobretudo das áreas humanas e sociais. Lidar com esses indivíduos, seus desejos, necessidades e frustrações - que são, quase sempre, de uma realidade social distante dos profissionais de arquitetura - é tarefa difícil e delicada.

Em segundo lugar, porque há um distanciamento entre a prática profissional e o ensino de arquitetura. Os alunos, durante a graduação, pouco tem contato com a rotina de atendimento de arquitetura, pois a lida com pessoas se dá majoritariamente com os próprios alunos ou professores. Além disso, a proximidade com canteiro de obras, materiais e técnicas construtivas também deixa a desejar durante o curso. Dessa maneira, arquitetos recém-formados, caso não tenham vivenciado em um estágio esse tipo de rotina, encontrarão dificuldades na prática. Sobre tudo se essa prática for voltada para demandas da população de baixa renda, que são, majoritariamente, autoconstrutores de suas moradias.

Acredito que a inserção de disciplinas que abordem mais profundamente as questões acerca de patologias construtivas, técnicas construtivas com foco na sustentabilidade, logística e orçamento de obra, projetos de reforma, levantamento arquitetônico, assistência e assessoria técnica, habitação de interesse social, metodologias participativas no processo de projeto,

formariam profissionais mais bem qualificados para o mercado de trabalho e para atender demandas advindas de diferentes classes sociais.

Porém, além das dificuldades encontradas, considero a experiência positiva pois ela pode servir de impulso para novas discussões dentro do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPB. Por se tratar de assessoria técnica, este trabalho pôde alinhar-se às diretrizes de atuação do TRAMA - Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo será continuado através do Projeto de Extensão “PROJETO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA EM ARQUITETURA E URBANISMO ELABORADO POR PROCESSO PARTICIPATIVO NO MUNICÍPIO DE CONDE”, selecionado a partir de edital da PRAC “UFPB no seu Município”, garantindo assim, para Dora, José e Everaldo, o acesso à moradia digna. Além de envolver outros estudantes e professores no processo, fortalecendo cada vez mais a iniciativa.

7



# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei nº 11.888, de 24 de dezembro de 2008. **Lei da Assistência Técnica**. Brasília, DF. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11888.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11888.htm)> Acesso em: 23 de abril de 2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 19 de abril de 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2015**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html?=&t=o-que-e>>. Acesso em 09 set. 2018.

OXFAM BRASIL. **País Estagnado: Um Retrato das Desigualdades Brasileiras 2018**.

SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Por uma cultura de direitos humanos. **Direito à moradia adequada**. Brasília, 2013. 76 p.

ESTUDIO LIVINGSTON. Disponível em: <<http://estudiolivingston.com.ar>>. Acesso em: 09 set. 2018.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Déficit habitacional no Brasil 2015**. Belo Horizonte, 2018.

VILLAÇA, Flávio. **O que todo cidadão precisa saber sobre habitação**. São Paulo: Global, 1986.

FERREIRA, João Sette Whitaker. **POLÍTICAS HABITACIONAIS NO BRASIL PÓS BNH**. Concurso Livre Concurso Livre-Docência Docência - Prova Didática. [s.a.]. 51 slides. Disponível em <[http://www.escoladegoverno.org.br/attachments/3343\\_LD\\_provadid.pdf](http://www.escoladegoverno.org.br/attachments/3343_LD_provadid.pdf)>. Acesso em: 19 de abril de 2019.

LACERDA, Danielle Pereira de. **Práticas de arquitetura para famílias de baixa renda**. In: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 16., 2016, São Paulo. Anais... Porto Alegre: ANTAC, 2016.

SANTOS, Jakeline Silva dos. **Lei da Assistência Técnica Pública e Gratuita: Um estudo de aplicação para municípios paraibanos**. 2014. 113p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

CUT BRASIL. **Assistência Técnica para construção de moradia é direito do cidadão**. Revista Projetar: revista da assistência técnica na habitação social, 2016.

KAPP, Silke; BALTAZAR DOS SANTOS, Ana Paula; NOGUEIRA, Priscilla Silva. **Arquiteto sempre tem conceito – esse é o problema**. In: PROJETER 2009, São Paulo. Projeto como investigação: antologia. Organização de Ruth Verde Zein. São Paulo: Editora Alter Market, 2009.

BALTAZAR, A. P., KAPP, S. **Assessoria Técnica com Interfaces**. In: IV ENANPARQ – Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Porto Alegre, 2016.

DEMARTINI, Juliana. **Assessoria técnica para o habitar popular**. In: IV ENANPARQ – Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Porto Alegre, 2016.

Silva, Emilia Stefany de Sousa e. **Cidade pelas pessoas: Uma experiência de assessoria e participação na ZEIS do Bom Jardim**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2017.

GRUPO DE ESTUDOS MORAR DE OUTRAS MANEIRAS. Disponível em: <<http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/index.html>>. Acesso em: 02 de maio de 2019.

GRUPO DE ESTUDOS MORAR DE OUTRAS MANEIRAS. **Síntese El Metodo, Rodolfo Livingston.** Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 14p. Disponível em: <[http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/19\\_arquitetos\\_familia/El\\_Metodo.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/19_arquitetos_familia/El_Metodo.pdf)>. Acesso em: 02 de maio de 2019.

GRUPO DE ESTUDOS MORAR DE OUTRAS MANEIRAS. **Entrevista com mulheres participantes da experiência proposta pela pesquisa “Arquitetura na Periferia: uma experiência de assessoria técnica para grupo de mulheres”, de Carina Guedes de Mendonça, 2014.** Disponível em: <[http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/05\\_videos/carina\\_entrevistas\\_v1.mp4](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/05_videos/carina_entrevistas_v1.mp4)>. Acesso em: 02 de maio de 2019.

**Arquitetura na Periferia: uma experiência.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cHSG8tiFMwo&feature=youtu.be>>. Acesso em: 02 de maio de 2019.

MENDONÇA, Carina Guedes de. **Arquitetura na Periferia: uma experiência de assessoria técnica para grupo de mulheres.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

NOGUEIRA, Priscilla Silva. **Práticas de Arquitetura para Demandas Populares: a experiência dos Arquitetos da Família.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

**LITRO DE LUZ.** Disponível em: <<https://www.litrodeluz.com/>>. Acesso em: 22 de abril de 2019.

PNUD, FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO e IPEA. **Perfil do Município de Conde – PB | Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013.** Disponível em: <[http://ideme.pb.gov.br/servicos/perfis-do-idhm/atlasidhm2013\\_perfil\\_conde\\_pb.pdf](http://ideme.pb.gov.br/servicos/perfis-do-idhm/atlasidhm2013_perfil_conde_pb.pdf)>. Acesso em: 22 de abril de 2019.

**PREFEITURA DO CONDE.** Disponível em: <<http://conde.pb.gov.br/>>. Acesso em: 22 de abril de 2019.

CONDE. Lei Complementar nº 001/2018, de 10 de setembro de 2018. **Lei de Zoneamento.** Conde, PB. 2018.

CONDE. **Cartilha para consulta pública: Lei do Zoneamento. Secretaria de Planejamento.** Conde, PB. 2018, 21p.

CONDE. Ofício nº 193/2017/SEPLAN. **Regularização Fundiária para Assentamentos Informais na cidade de Conde/PB.** Secretaria de Planejamento. Conde, PB. 2017, 5p.

CONDE. TERMO DE REFERÊNCIA PARA CONCESSÃO DE PATROCÍNIO EM ASSISTÊNCIA TÉCNICA EM HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL– ATHIS PARA O CAU/PB. **Plano De Trabalho: Assistência Técnica em Regularização Fundiária Para a Comunidade Vila Do Amanhecer – Conde/PB.** Secretaria de Planejamento. Conde, PB. 2018, 12p.

CONDE. Edital de Credenciamento. **Credenciamento de interessados na prestação de Assistência Técnica para melhorias habitacionais no município de Conde/PB.** Secretaria de Planejamento. Conde, PB. 2018, 25p.

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DE SANTA CATARINA. **ATHIS – Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social. É um direito! E muitas possibilidades.** Santa Catarina, 2018, 62p.

INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL. **Manual para a Implantação da Assistência Técnica Pública e Gratuita a Famílias de Baixa Renda para Projeto e Construção de Habitação de Interesse Social.** 2010, 35p.





caderno de proposta  
habitacional para

**DORA**



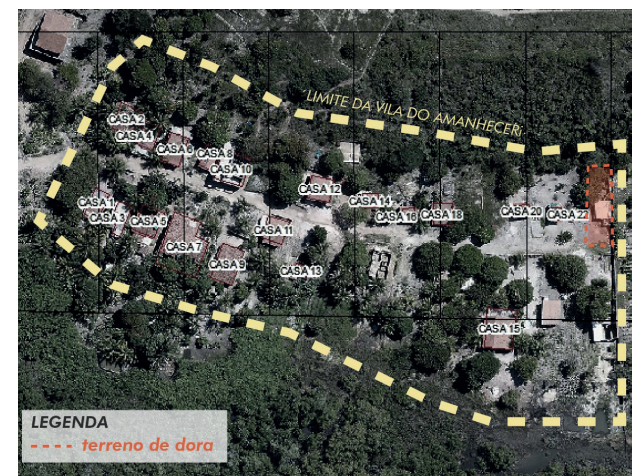
## a casa de DORA

Dora é uma mulher sorridente, sonhadora e bem falante. Ela mora na Vila do Amanhecer há cerca de 2 anos, quando comprou o terreno que fica ao lado da casa do seu pai. Por não ter recursos suficientes para a construção de uma habitação digna, comprou placas de zinco e restos de eletrodomésticos, como geladeiras e máquinas de lavar, e ergueu a sua moradia com as próprias mãos, tendo ajuda apenas de um vizinho na construção do contrapiso. Atualmente Dora vive com um dos seus três filhos, o Moisés, mas o seu sonho é poder ter um espaço digno para morar com os filhos ou, pelo menos, poder recebê-los com conforto e segurança.



## localização

A Vila do Amanhecer faz parte do loteamento Village de Jacumã e está inserida em uma Zona Especial de Interesse Social Consolidada. O barraco de Dora está localizado no último lote à leste da Vila do Amanhecer. O terreno em aclave, de topografia acidentada, tem dimensões de 5m largura x 30m de profundidade.



**DORA**

39 anos  
chefe da casa  
embaixadora do programa  
litro de luz



**MOISES**

7 anos  
filho  
estuda a tarde



**ALFREDO**

gato de estimação



**LARISSA**

4 anos  
filha  
estuda a tarde

não reside com Dora pois  
devido a insalubridade da  
habitação, a criança sempre  
adoece.

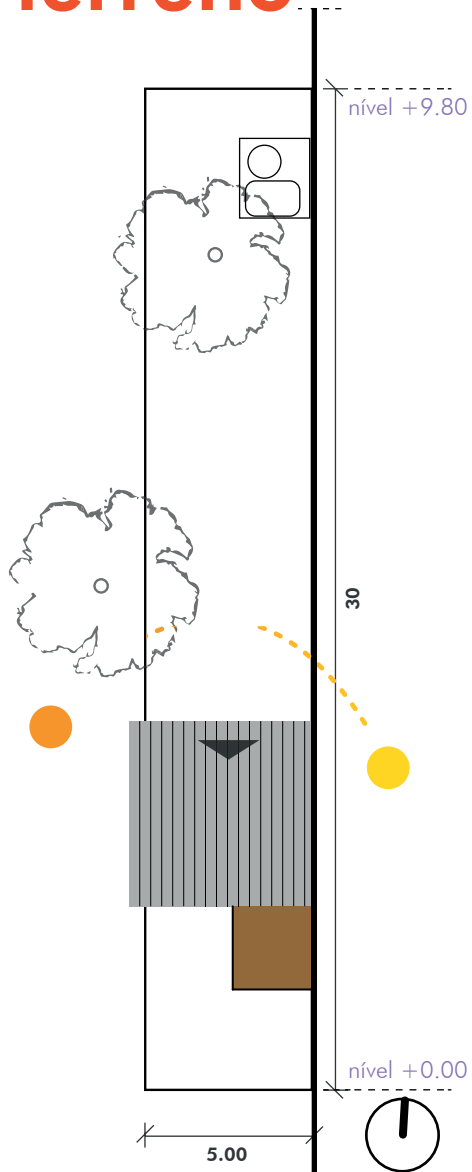


**+ 2 FILHOS**

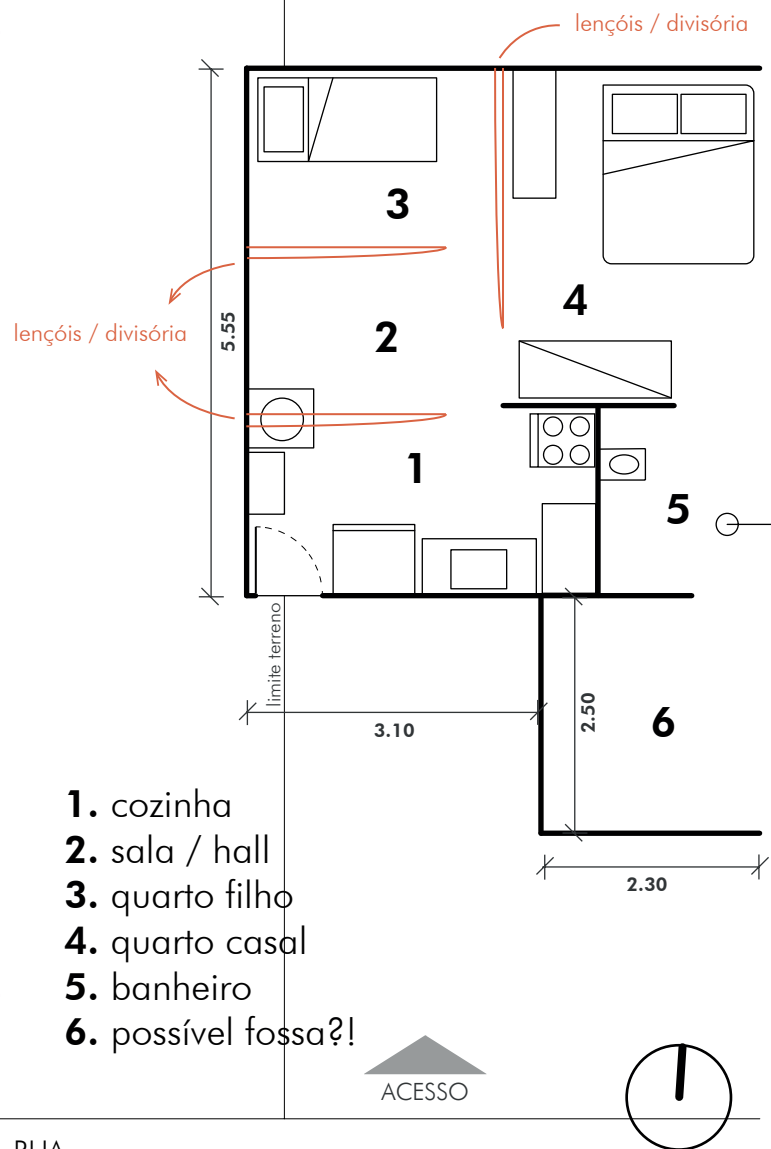
residem em São Paulo  
visitam pelo menos 1x ao ano



## terreno



## casa atual



## características

**área**  
30m<sup>2</sup> | terreno 5 x 30

**nº dormitórios**  
2

**nº banheiros**  
1

**estrutura e vedação**  
placas de zinco e geladeira

**cobertura**  
telha fibrocimento

**esquadras**  
1 porta | 0 janelas

**acabamentos internos**  
lençóis

**acabamentos externos**  
-

**conforto térmico e iluminação**  
quente e escuro

**patologias / umidade**  
choques, umidade e cupins

**água**  
cacimba de um dos vizinhos

**esgoto**  
fossa improvisada

**luz**  
fornecimento desde março/2019

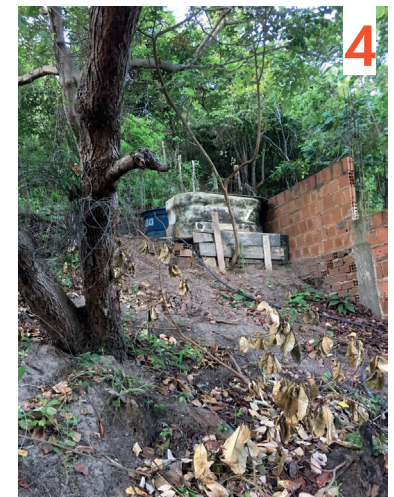
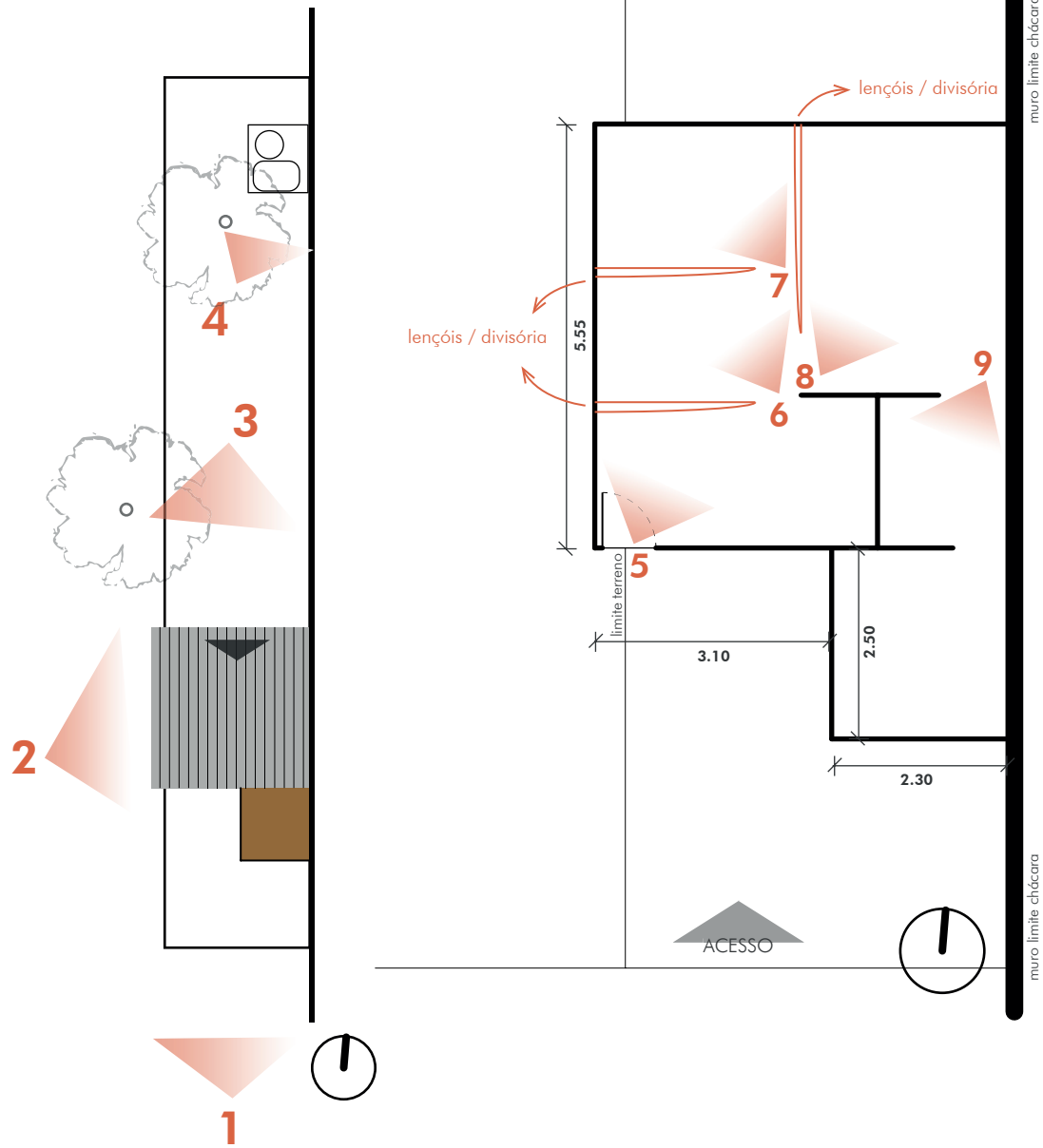
**coleta de lixo**  
composteira para lixo orgânico  
seleção de recicláveis para José

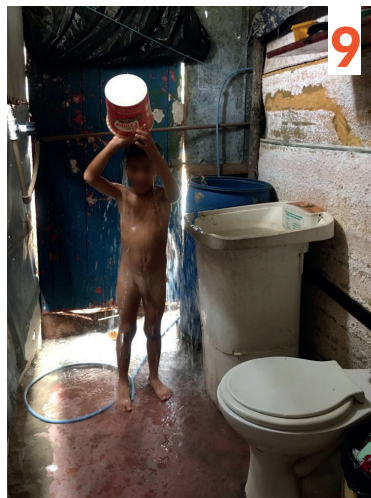
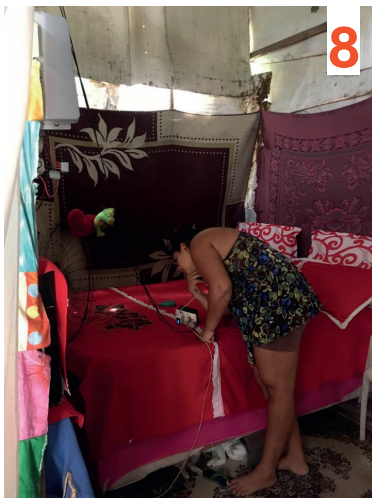
muro limite chácara

muro limite chácara



## conhecendo o espaço





**1. Fachada frontal/sul:** a moradia de Dora possui uma espécie de anexo na parte frontal da casa onde antes funcionava o seu banheiro, mas por ser ao ar livre, ela o transferiu para o interior do barraco.

**2. Fachada lateral/oeste:** Além dos metais utilizados para vedações da casa, Dora faz uso de lonas para melhor proteção da chuva.

**3. Fachada fundos/norte:** Essa fachada, assim como todas as outras, não contem aberturas.

**4. Caixa d'água:** A caixa d'água encontra-se no ponto mais alto do terreno para facilitar a distribuição de água dentro da habitação. Essa caixa d'água é uma conquista recente de Dora, antes ela carregava a água em baldes para casa.

**5. Cozinha:** a entrada da moradia dá acesso inicialmente a cozinha, um espaço pequeno, mas com layout bem distribuído.

**6.** Há um espaço entre a cozinha e os quartos que tem função de circulação, bem como para guardar uma coisa ou outra

**7. Quarto Moisés:** em algum momento Dora comentou que queria ter prateleiras nos quartos dos filhos para que eles guardassem seus brinquedos e pertences, percebi que ela já faz isso atualmente, mesmo que de forma humilde. A pequena prateleira de Moisés é pequena e toda ocupada com seus brinquedos.

**8. Quarto Dora:** Os aspectos mais interessantes desse cômodo é a forma que Dora utiliza dos lençóis para, de alguma forma, melhorar a aparência do espaço e o ventilador, que ela mesma construiu.

**9. Banheiro:** o banheiro tem medidas comuns, porém, não há presença de pia no ambiente.





# desejos e necessidades

## 1º encontro

No primeiro encontro foram propostos alguns exercícios de escuta para compreensão da relação dos moradores com suas habitações, quais os problemas enxergados por eles e que o que mais e menos gostam em suas casas.

O resumo das informações passadas por Dora nesse encontro, estão apresentadas no quadro ao lado.

### MAIS

- não pagar aluguel;
- caixa d'água / água encanada;
- gosta das coisas que tem pois ela mesma fez;

### MENOS

- temperatura da casa
- piso esburacado, "não dá nem pra passar um pano";
- sala pequena, só uma mesa;
- piso afundado.

### PROBLEMAS

- chão esburacado;
- buracos nas telhas;
- ventilação comprometida;
- fossa inadequada;
- circulação;
- poço longe;
- sala pequena;
- cupim nas madeiras;
- fiação exposta.

## 2º encontro

Para concluir a coleta de dados que auxiliou no processo de desenvolvimento das propostas foram realizados mais dois exercícios de escuta.

Dora mostrou-se sonhadora e com prioridades básicas estruturais.

### DESEJOS

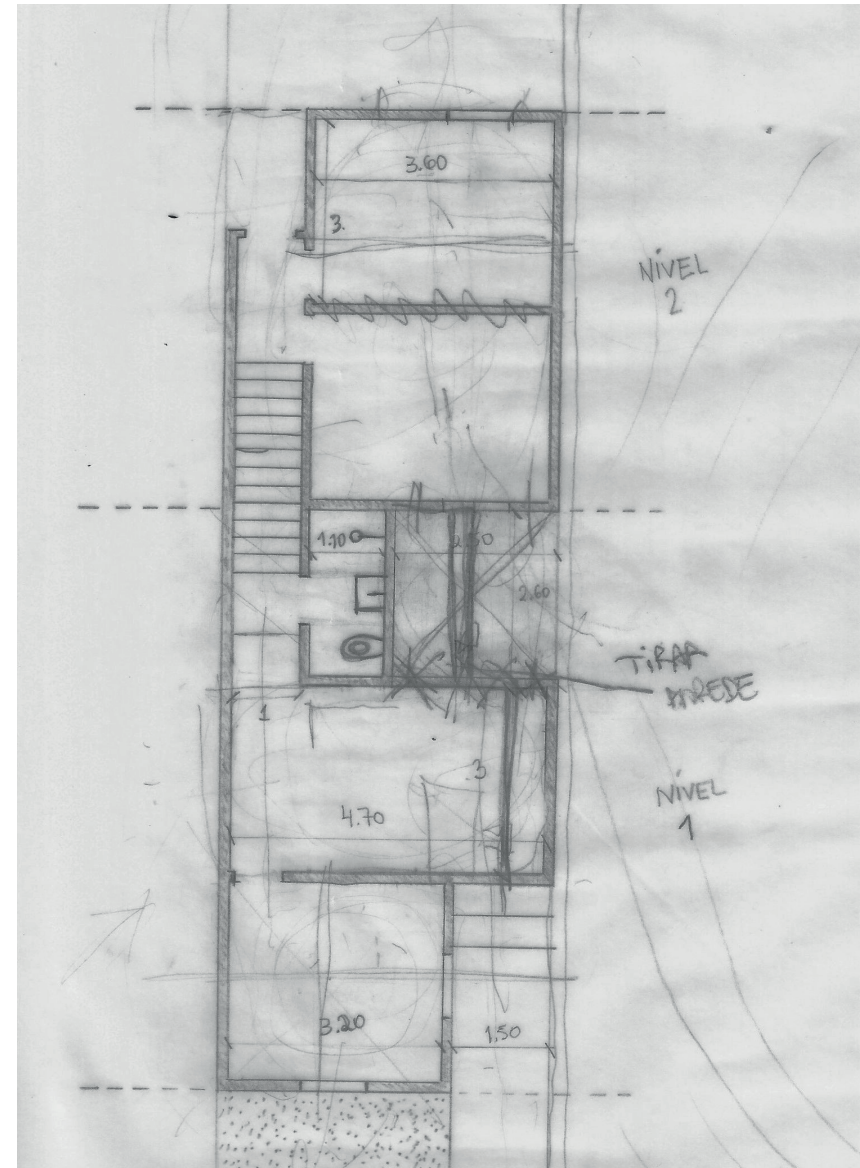
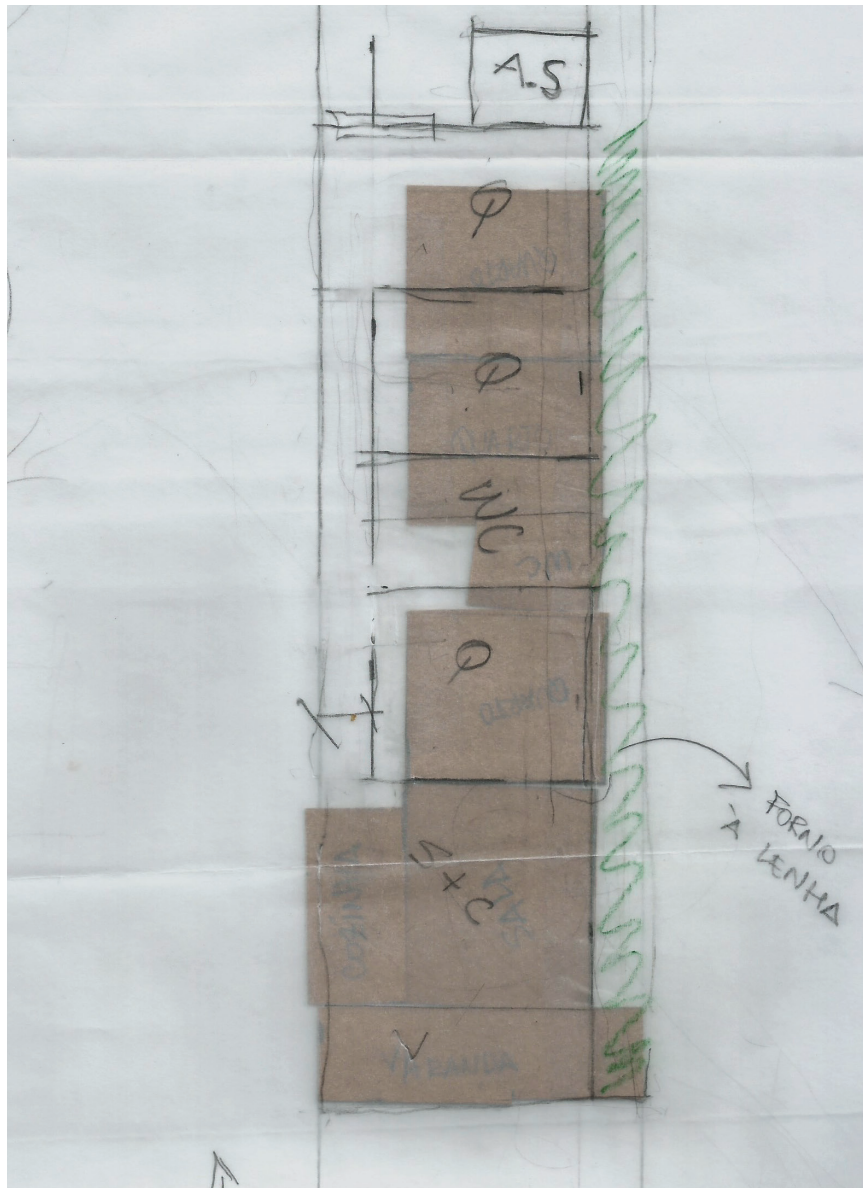
- casa não precisa de luxo;
- casa primeiro andar, sala e cozinha, térreo, quartos 1º andar;
- 4 quartos;
- 2 banheiros;
- conceito aberto sala + cozinha no térreo;
- varanda;
- jardim na frente;
- horta nos fundos;
- área de serviço e lazer nos fundos;
- piscina;
- quarto com prateleiras pra deixar o quarto dos filhos arrumado com as coisinhas dele;
- filhos por perto;

### PRIORIDADES

- paredes levantadas;
- piso;
- coberta;



# evolução da proposta



# proposta final

NOTA: É importante destacar que a proposta apresentada ainda não foi discutida com Dora, devido ao tempo incompatível com a produção desse trabalho. A proposta foi pensada, levando em consideração, os comentários e discussões realizados no último encontro, dia 11/04/2019.

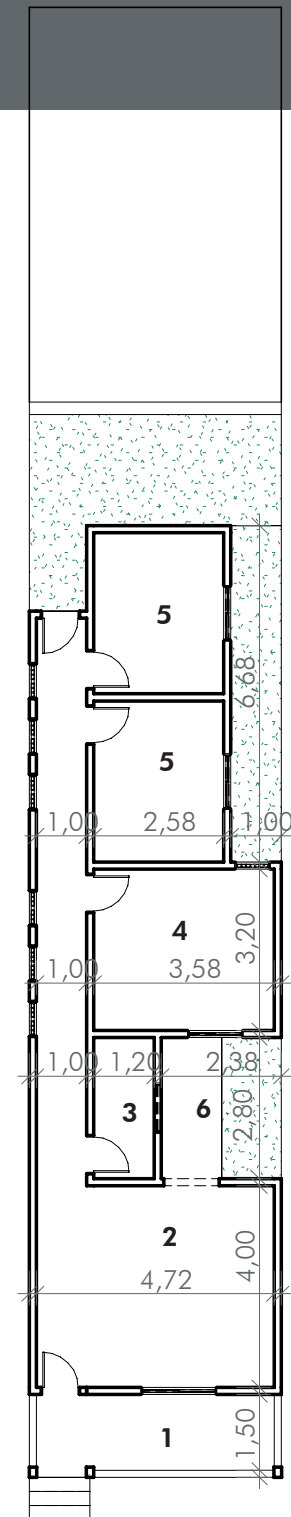
As ideias que nortearam o desenvolvimento da proposta foram: a criação de uma circulação única, um pátio interno – para ventilação e acomodação de áreas de serviço e horta – e afastamentos laterais nas áreas dos quartos – para melhor ventilação desses espaços. Foi pensado um ambiente único para abrigar estar e cozinha, atendendo ao desejo de Dora de uma cozinha americana. Os quartos das crianças, inicialmente eram independentes, mas como Dora demonstrou um desejo de flexibilização desses espaços, propõe-se divisórias móveis entre esses ambientes.

Levando em consideração o gosto de Dora por telhados de uma água só, propõe-se uma cobertura única, de apenas uma água, para os cômodos da casa e uma cobertura menor, também de uma água, mas dessa vez fazendo uso de platibanda, apenas para a área da circulação interna.

A topografia do terreno tem um desnível considerável, mas para atender o desejo de Dora, a casa proposta tem um único nível, mas para a viabilidade da construção

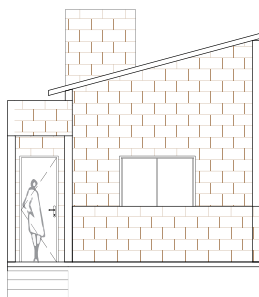
- 1 varnada
- 2 sala estar / cozinha
- 3 wcb
- 4 quarto dora
- 5 quarto crianças
- 6 pátio [área de serviço]

planta baixa | esc. 1:150

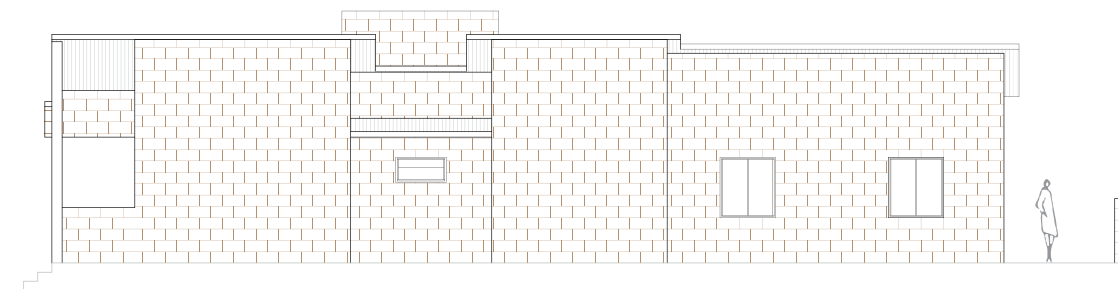




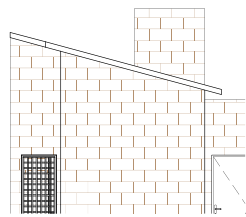
# fachadas



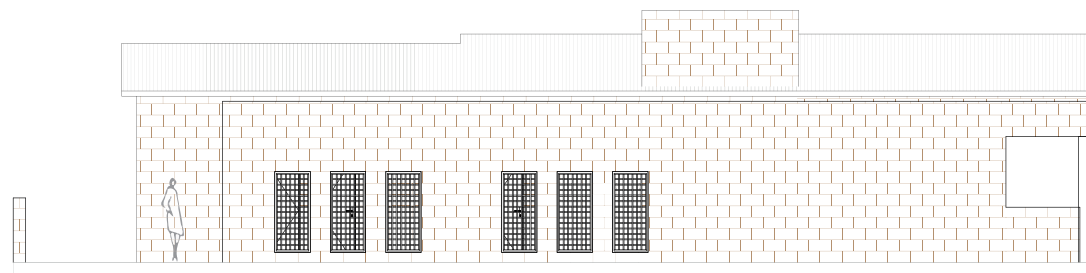
fachada sul | esc. 1:150



fachada leste | esc. 1:150

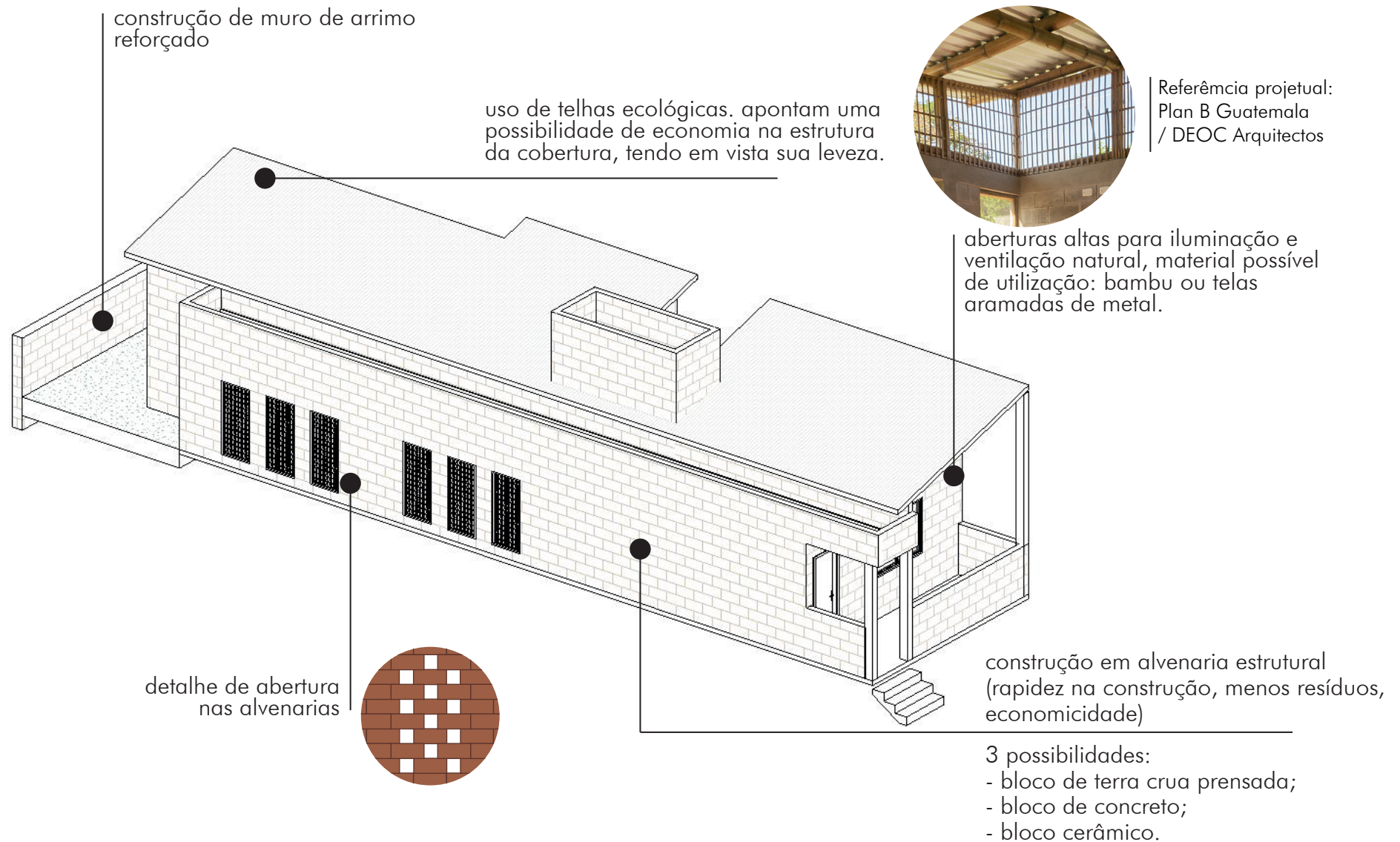


fachada norte | esc. 1:150



fachada oeste | esc. 1:150

# possibilidades construtivas



# diretrizes para consolidação da obra

Tendo em vista a continuação desse projeto através do projeto de extensão “PROJETO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA EM ARQUITETURA E URBANISMO ELABORADO POR PROCESSO PARTICIPATIVO NO MUNICÍPIO DE CONDE”, propõe-se diretrizes norteadoras para o desenvolvimento dos projetos e futura consolidação da obra.

## ALVENARIA

- realizar teste com a terra do local para avaliar se é possível a produção dos blocos de terra crua, pois os blocos de terra só apresentarão economia e sustentabilidade se houver a possibilidade de uso da terra do local;
- para a construção de alvenaria estrutural em blocos, é necessário que seja realizado um estudo da modulação dos blocos, a fim de evitar desperdícios;
- atualmente existe uma prensa para produção de bloco de terra crua prensada na UFPB, mas que necessita de manutenção. Dessa forma, é preciso estabelecer contato com o professor Normando;
- Perazzo para checar as possibilidades de uso;
- além da UFPB, existe a ONG casa dos sonhos, localizada em Santa Rita, que detém de prensa para produção de blocos prensados de terra crua e promove oficinas de construção com terra. Estabelecer contato com a ONG seria importante para avaliar qual a possibilidade de uso da prensa para o projeto e de futuras parcerias;
- o uso do bloco de concreto ou cerâmico só será viável caso não haja possibilidade de utilização dos blocos de terra;

## COBERTURA

- investigar a durabilidade e o desempenho das telhas ecológicas;

## TOPOGRAFIA

- há uma suposição de que o levantamento topográfico disponibilizado pela prefeitura não esteja condizente com a realidade, visto que Dora mencionou ter movimentado o terreno. Além disso, visualmente, o terreno não aparenta ter o desnível que o levantamento indica, podendo ter um desnível menor que o indicado. Portanto, é necessário que seja feito o levantamento topográfico atual do terreno para que as medidas sejam confirmadas e, dessa forma, verificar se, de fato, há possibilidade de construção da proposta apresentada.



## **ETAPAS DA CONSTRUÇÃO**

- é importante considerar que a obra seja realizada por etapas, a fim de evitar que Dora e Moisés fiquem desabrigados durante a construção da moradia;
- mas também é válido perguntar à Dora se ela teria onde se abrigar durante as obras;

## **DRENAGEM**

- visto que a habitação está situada num terreno em aclive, é importante que nas próximas etapas de desenvolvimento do projeto, além do muro de arrimo, sejam desenvolvidas soluções para o sistema de drenagem do terreno, para que se evite alagamentos no interior da habitação;

## **REUSO DE ÁGUA DE CHUVA E ENERGIA SOLAR**

- sabendo que Dora trabalha com energia solar, através do programa Litro de Luz, é importante investigar a possibilidade de propor o uso de placas solares para o sistema elétrico da habitação;
- considerar a proposição de uma cisterna para reuso de água de chuva, dessa forma, facilitaria o acesso à água;

## **VIZINHANÇA**

- verificar se a chácara vizinha à Dora de fato cria os porcos ao lado de sua residência e investigar se há ilegalidade. Se confirmado, entrar com algum tipo de ação junto aos órgãos públicos para a remoção ou deslocamento desse criadouro de porcos;

## **RECURSOS**

- apesar do apoio da Prefeitura do Conde e da Universidade para o desenvolvimento desse projeto através da extensão universitária, os recursos financeiros ainda são escassos. Proponho uma conversa com os moradores para saber o seu posicionamento quanto à abertura de um financiamento coletivo através de plataformas virtuais, como o Catarse ou Vakinha. Além disso, tentar descontos ou doações de materiais de construção em fábricas ou lojas do ramo. Ter o apoio da universidade nessa empreitada pode facilitar eventuais doações/descontos.

caderno de proposta  
habitacional para

**JOSÉ**



## a casa de JOSÉ

José é um homem simples, gentil e prestativo. Ele mora na Vila do Amanhecer há cerca de 2 anos, quando comprou a casa onde vive hoje sozinho, mas deseja um dia encontrar uma companheira. José tem vários familiares que moram na comunidade, o que favoreceu sua mudança para o local, e diz gostar muito de onde mora, pois é tranquilo e próximo da natureza. Sua moradia de 45m<sup>2</sup> foi construída com telhas de fibrocimento, tanto na cobertura quanto nas vedações. Aos fundos de sua moradia, o catador de materiais recicláveis tem um barraco, onde ele separa e trata os materiais recicláveis que recolhe. Além do limite dos fundos do seu lote está localizado o Rio Gurugi, onde José toma um banho matinal todos os dias, religiosamente. José diz que o rio é a sua piscina particular.



**JOSÉ**

56 anos

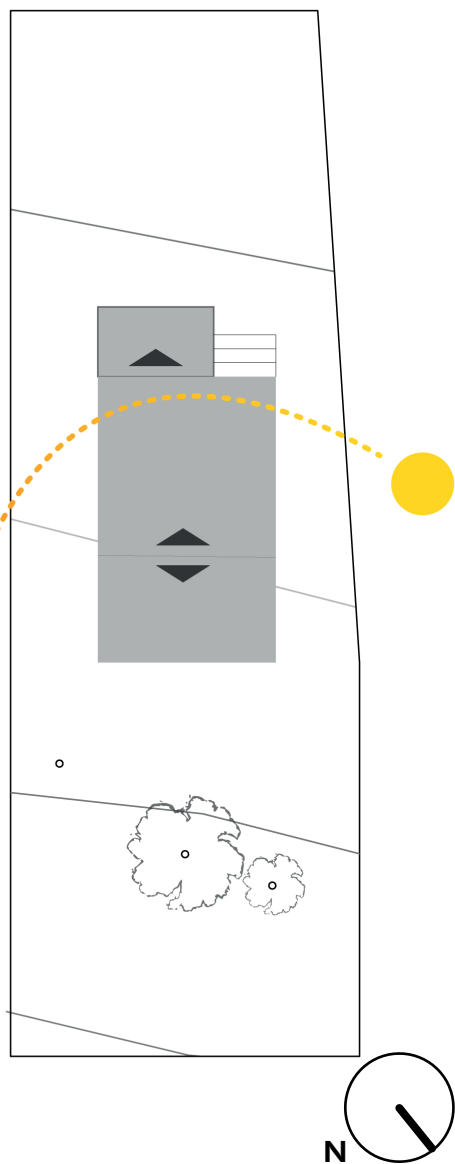
Trabalha com reciclagem, sai para o trabalho cerca de 3x na semana e armazena o material nos fundos de casa.

## localização

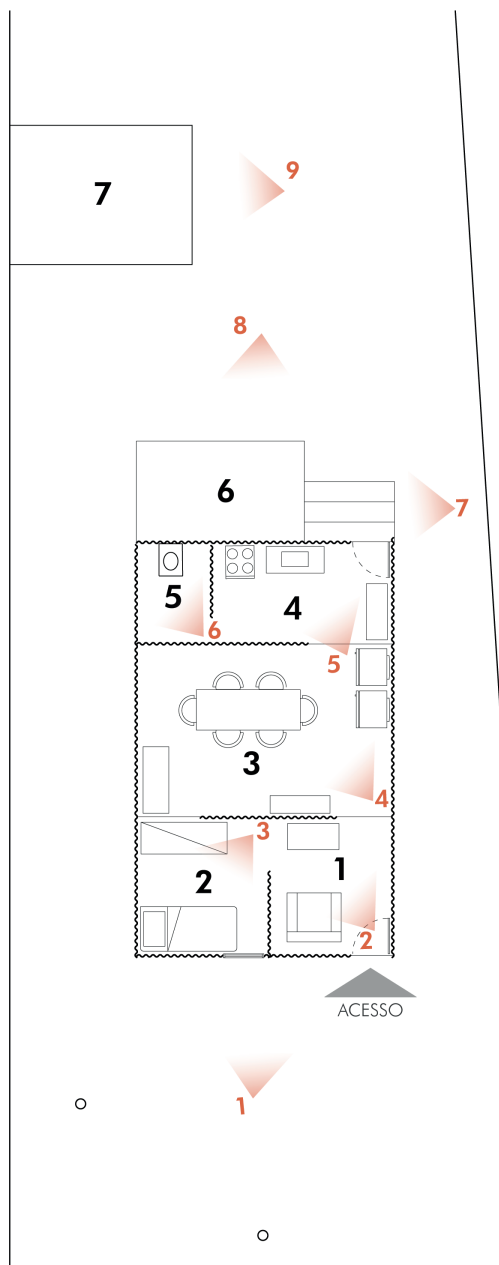
A Vila do Amanhecer faz parte do loteamento Village de Jacumã e está inserida em uma Zona Especial de Interesse Social Consolidada. A casa de José está localizada próximo da entrada da comunidade, voltada para sul, ou seja, para o lado do Rio Gurugi. O terreno em declive, de topografia acidentada, tem dimensões de 10m largura x 30m de profundidade.



## terreno



## casa atual



1. sala estar
2. quarto
3. sala jantar
4. cozinha
5. banheiro
6. área de serviço
7. barraco reciclagem



## características

### área

45m<sup>2</sup> | terreno 10 x 30

### nº dormitórios

1

### nº banheiros

1

### estrutura e vedação

madeira e telhas de fibrocimento

### cobertura

telha fibrocimento

### esquadras

2 portas | 1 janela

### acabamentos internos

pintura nas telhas

### acabamentos externos

pintura nas telhas

### conforto térmico e iluminação

telhas rachadas e furadas, cupins nas madeiras

### patologias / umidade

cupins nas madeiras

### água

cacimba

### esgoto

fossa

### luz

fornecimento desde março/2019

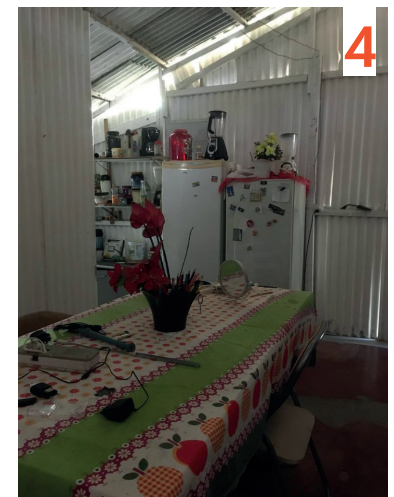
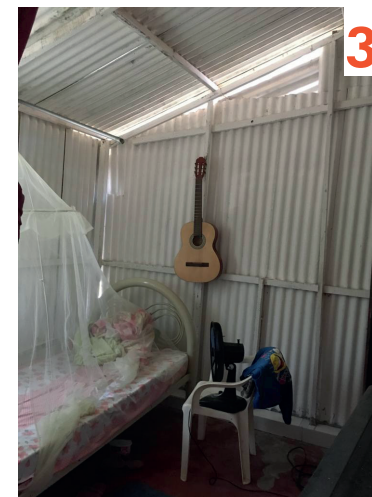
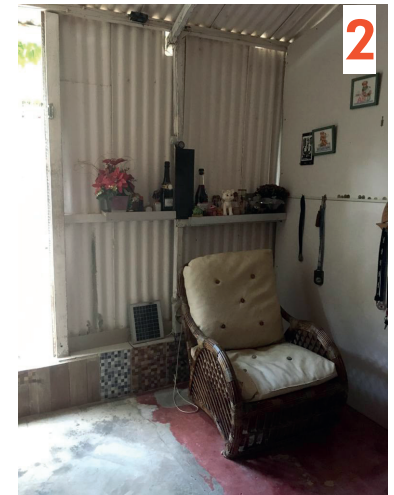
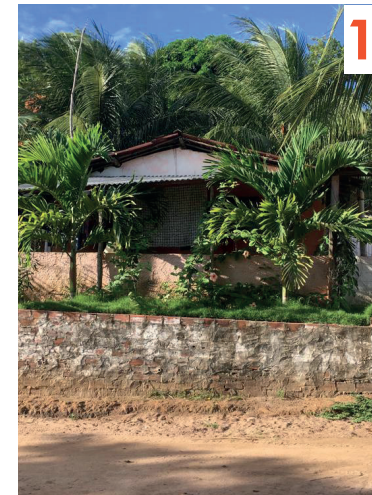
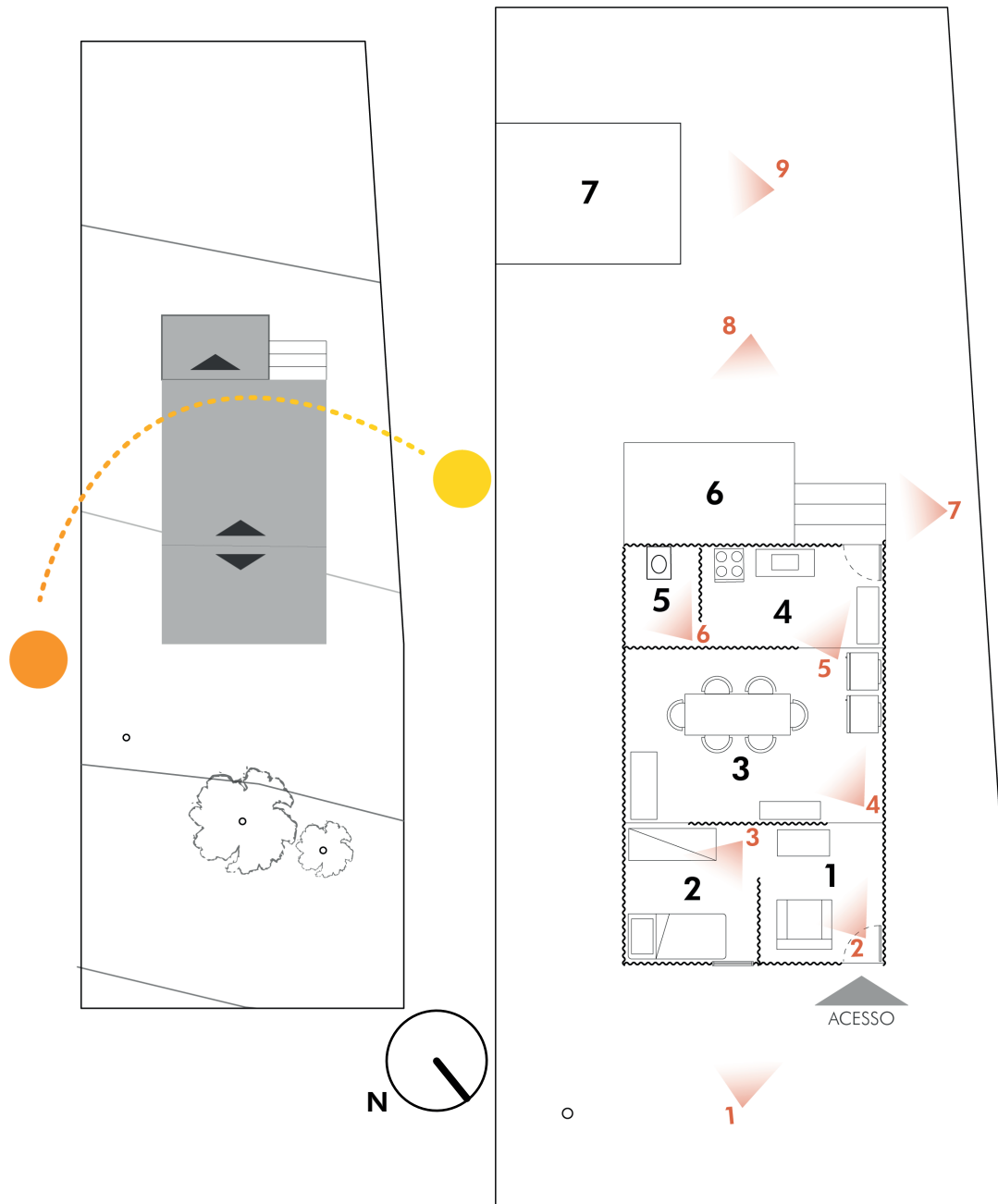
### coleta de lixo

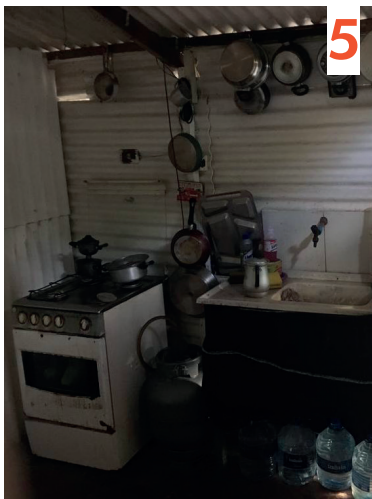
seleção de recicláveis para ele mesmo





# conhecendo o espaço





5



6



7

1. Fachada fronta / nordeste:
2. Sala estar:
3. Quarto José:
4. Sala jantar:
5. Cozinha:
6. Banheiro:
7. Área de serviço:
8. Fachada fundos / sudoeste:
9. Barraca de reciclagem



8



9



# desejos e necessidades

## 1º encontro

No primeiro encontro foram propostos alguns exercícios de escuta para compreensão da relação dos moradores com suas habitações, quais os problemas enxergados por eles e o que mais e menos gostam em suas casas.

O resumo das informações passadas por José nesse encontro, estão apresentadas no quadro ao lado.

### MAIS

---

- Espaço na frente de casa, é bom porque tem uma árvore com sombra agradável;
- Rio nos fundos de casa;

### MENOS

---

- Temperatura elevada dentro de casa;
- Estrutura ruim, insegura;
- Vazamentos sempre que chove.

### PROBLEMAS

---

- Telhas da coberta com furos;
- Cupim nas madeiras;
- Paredes de telha.

## 2º encontro

Para concluir a coleta de dados que auxiliou no processo de desenvolvimento das propostas foram realizados mais dois exercícios de escuta.

José teve dificuldades para sonhar com a casa ideal, mas ao final da escuta, chegou até a desejar vários filhos.

### DESEJOS

---

- uma casa que caiba as coisas dele;
- tamanho não é documento;
- casa com cerâmica;
- forro de gesso;
- varanda;
- jardim;
- muito menino dentro de casa;
- área de serviço;
- muro;
- ar condicionado;
- carro da garagem

### PRIORIDADES

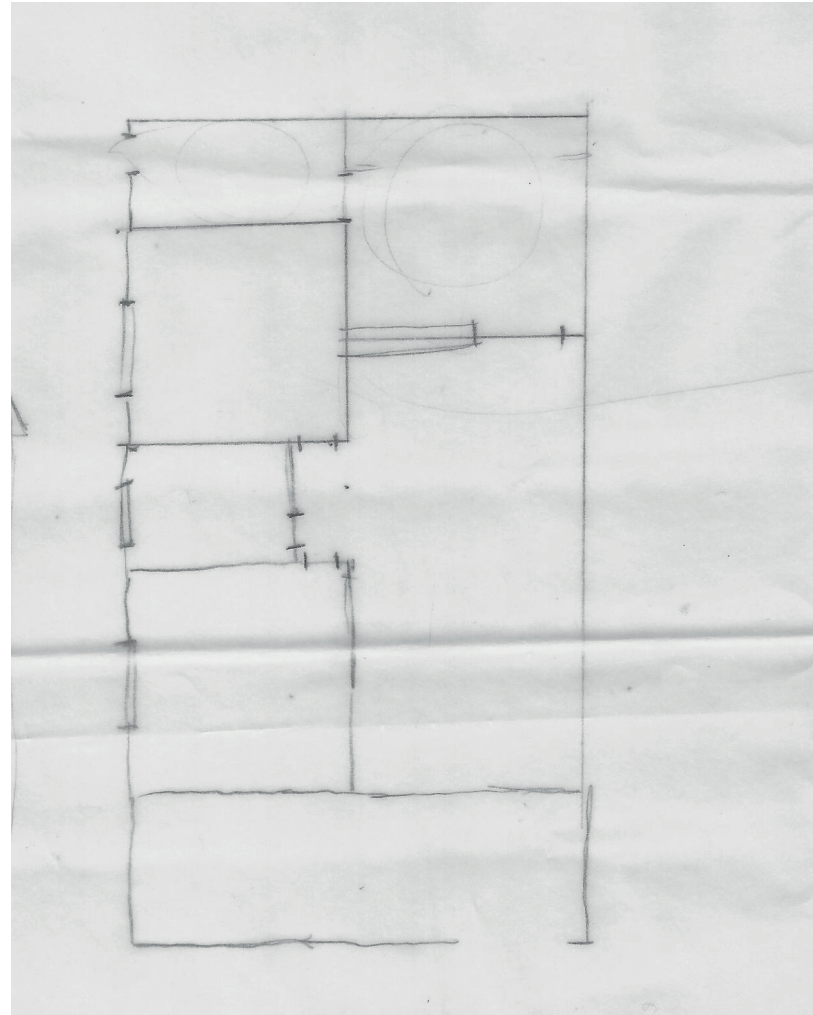
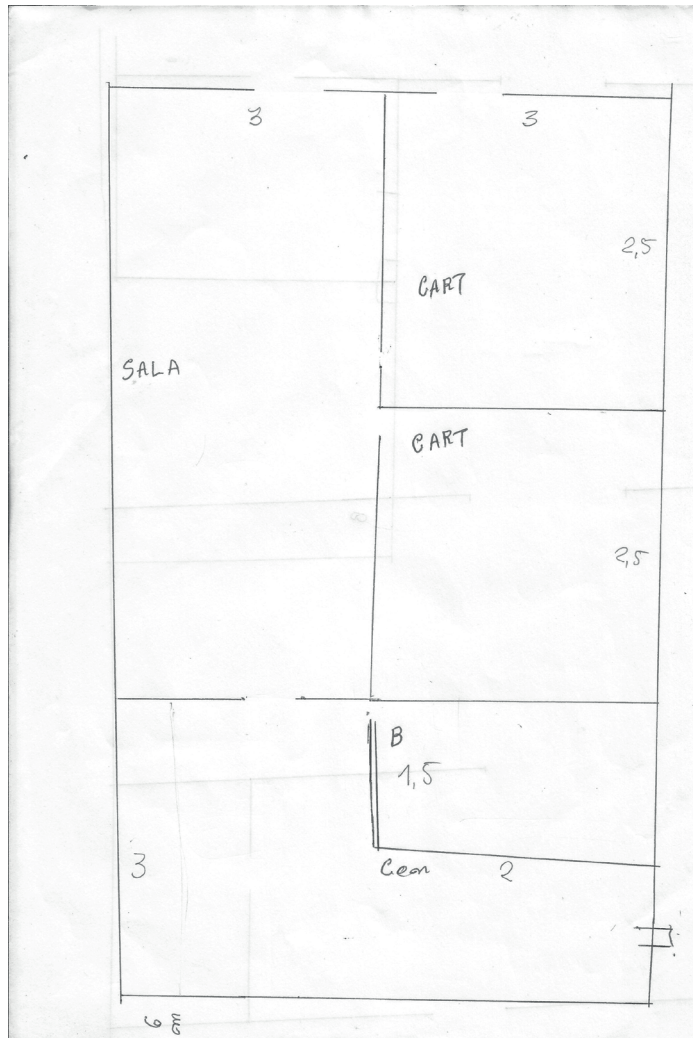
---

- paredes
- coberta





# evolução da proposta





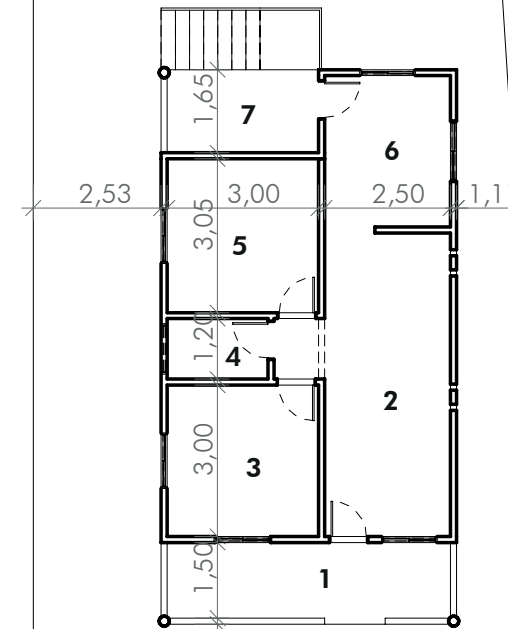
# proposta final

NOTA: É importante destacar que a proposta apresentada ainda não foi discutida com José, devido ao tempo incompatível com a produção desse trabalho. A proposta foi pensada, levando em consideração, os comentários e discussões realizados no último encontro, dia 10/04/2019.

A proposta para a nova casa de José foi desenvolvida de forma clara e rápida, pois José se mostrou muito decisivo quanto aos seus desejos e ideias. A planta é dividida em 2 eixos, o social e o privativo. De um lado estão localizados os quartos e banheiro – e a área de serviço, que se encontra na parte externa da habitação –, e do outro lado estão a sala de estar + jantar e cozinha.

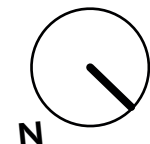
A casa atual de José possui três níveis de pisos internos, característica que o incomoda, dessa forma a habitação proposta apresenta apenas um nível.

A cobertura da casa é em duas águas, no mesmo sentido que o telhado de sua casa atual, conforme desejo de José.

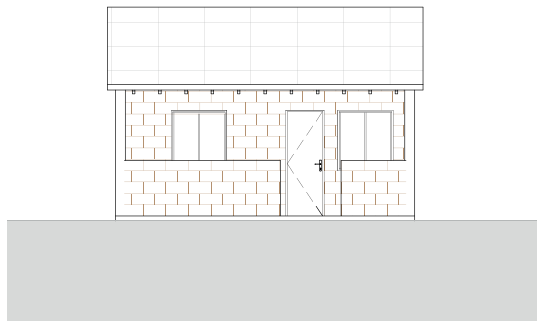


- 1 varnada
- 2 sala estar / jantar
- 3 quarto José
- 4 wcb
- 5 quarto visitas
- 6 cozinha
- 7 área de serviço

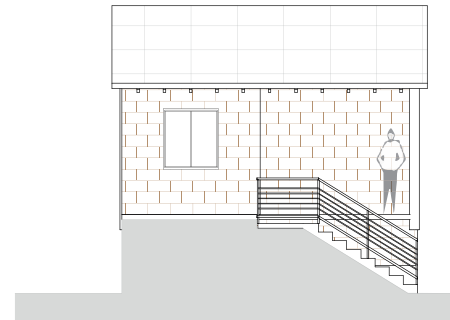
planta baixa | esc. 1:150



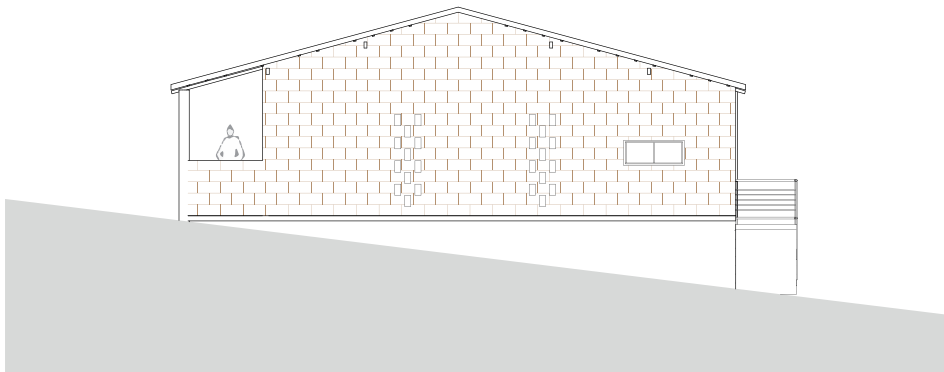
# fachadas



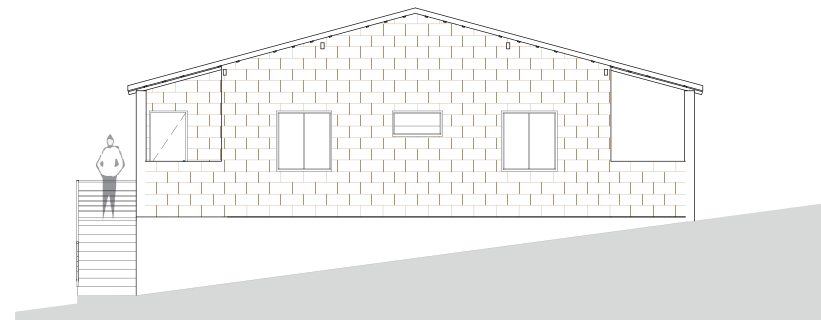
fachada frontal | esc. 1:150



fachada de fundos | esc. 1:150

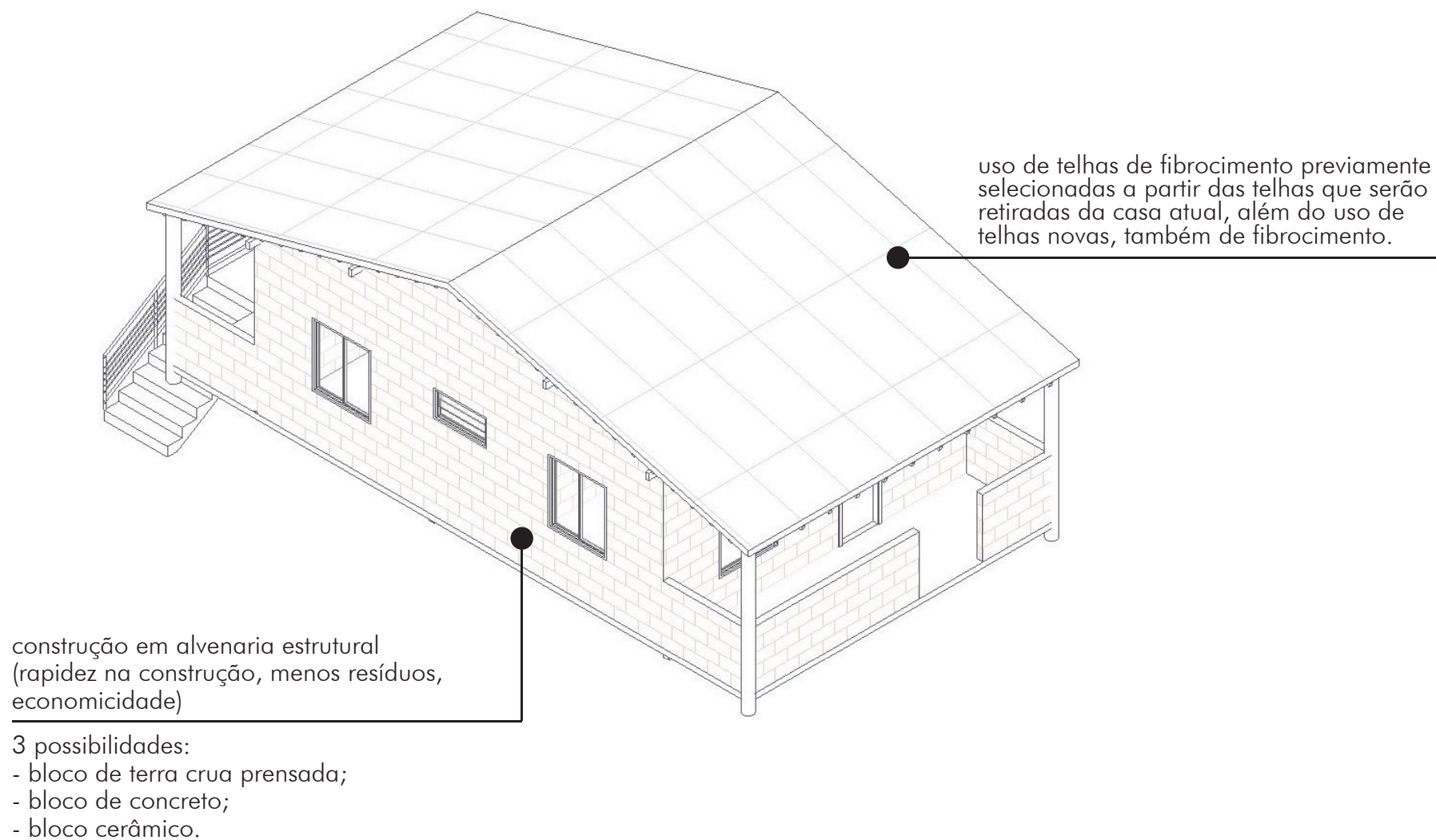


fachada lateral oeste | esc. 1:150



fachada lateral leste | esc. 1:150

# possibilidades construtivas



# diretrizes para consolidação da obra

Tendo em vista a continuação desse projeto através do projeto de extensão “PROJETO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA EM ARQUITETURA E URBANISMO ELABORADO POR PROCESSO PARTICIPATIVO NO MUNICÍPIO DE CONDE”, propõe-se diretrizes norteadoras para o desenvolvimento dos projetos e futura consolidação da obra.

## ALVENARIA

- realizar teste com a terra do local para avaliar se é possível a produção dos blocos de terra crua, pois os blocos de terra só apresentarão economia e sustentabilidade se houver a possibilidade de uso da terra do local;
- para a construção de alvenaria estrutural em blocos, é necessário que seja realizado um estudo da modulação dos blocos, a fim de evitar desperdícios;
- atualmente existe uma prensa para produção de bloco de terra crua prensada na UFPB, mas que necessita de manutenção. Dessa forma, é preciso estabelecer contato com o professor Normando Perazzo para checar as possibilidades de uso;
- além da UFPB, existe a ONG casa dos sonhos, localizada em Santa Rita, que detém de prensa para produção de blocos prensados de terra crua e promove oficinas de construção com terra. Estabelecer contato com a ONG seria importante para avaliar qual a possibilidade de uso da prensa para o projeto e de futuras parcerias;
- o uso do bloco de concreto ou cerâmico só será viável caso não haja possibilidade de utilização dos blocos de terra;

## ETAPAS DA CONSTRUÇÃO

- é importante considerar que a obra seja realizada por etapas, a fim de evitar que José fique desabrigado durante a construção da moradia;
- mas também é válido perguntar à José se ele teria onde se abrigar durante as obras;

## DRENAGEM

- visto que a habitação está situada num terreno em declive, é importante que nas próximas etapas de desenvolvimento do projeto, além da contenção proposta com pneus no limite frontal do terreno, sejam desenvolvidas soluções para o sistema de drenagem do terreno, para que se evite alagamentos no interior da habitação.



## **REUSO DE ÁGUA DE CHUVA**

- considerar a proposição de uma cisterna para reuso de água de chuva, dessa forma, facilitaria o acesso à água;

## **COBERTURA**

- sabendo que as vedações passarão de telhas para blocos (de terra, concreto ou cerâmicos), propõe-se a reutilização dessas telhas que, eventualmente, possam estar em boas condições, para a nova cobertura. Dessa maneira é possível economizar com materiais e diminuir consideravelmente os resíduos provenientes da obra e demolição.

## **RECURSOS**

- apesar do apoio da Prefeitura do Conde e da Universidade para o desenvolvimento desse projeto através da extensão universitária, os recursos financeiros ainda são escassos. Proponho uma conversa com os moradores para saber o seu posicionamento quanto à abertura de um financiamento coletivo através de plataformas virtuais, como o Catarse ou Vakinha. Além disso, tentar descontos ou doações de materiais de construção em fábricas ou lojas do ramo. Ter o apoio da universidade nessa empreitada pode facilitar eventuais doações/descontos.

caderno de proposta  
habitacional para  
**EVERALDO**



## a casa de EVERALDO

Everaldo é um homem simples, um pouco calado e muito gentil. Ele mora na Vila do Amanhecer desde o início da ocupação da área, há cerca de 14 anos. Construiu sua casa com as próprias mãos e diz que ama o lugar que vive, perto da natureza, longe do caos da cidade. Everaldo é casado com sua companheira, Lúcia, há pouco mais de 1 ano. Lúcia é uma mulher sorridente, doce e muito gentil. Além deles, mora também na casa o filho adolescente de Lúcia, o Carlos.



MORADORES FIXOS



**EVERALDO**

58 anos

Trabalha com calçamento  
trabalha com pesca  
não tem uma rotina  
definida de trabalho



**LÚCIA**

52 anos

mora há 1 ano  
com Everaldo  
dona de casa



**CARLOS**

15 anos

enteado  
estuda a tarde

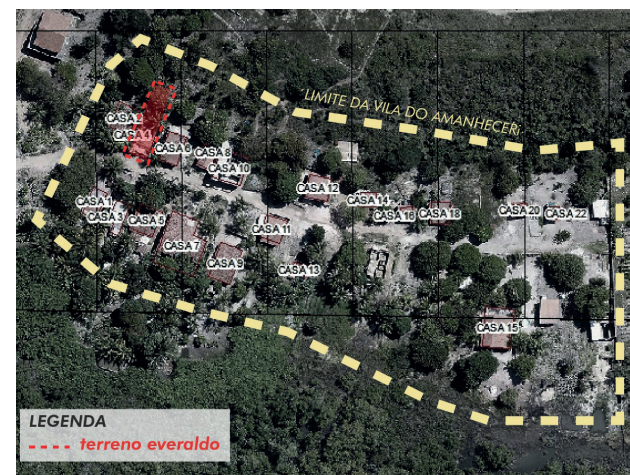


**BETHOVEN**

cachorro de estimação

## localização

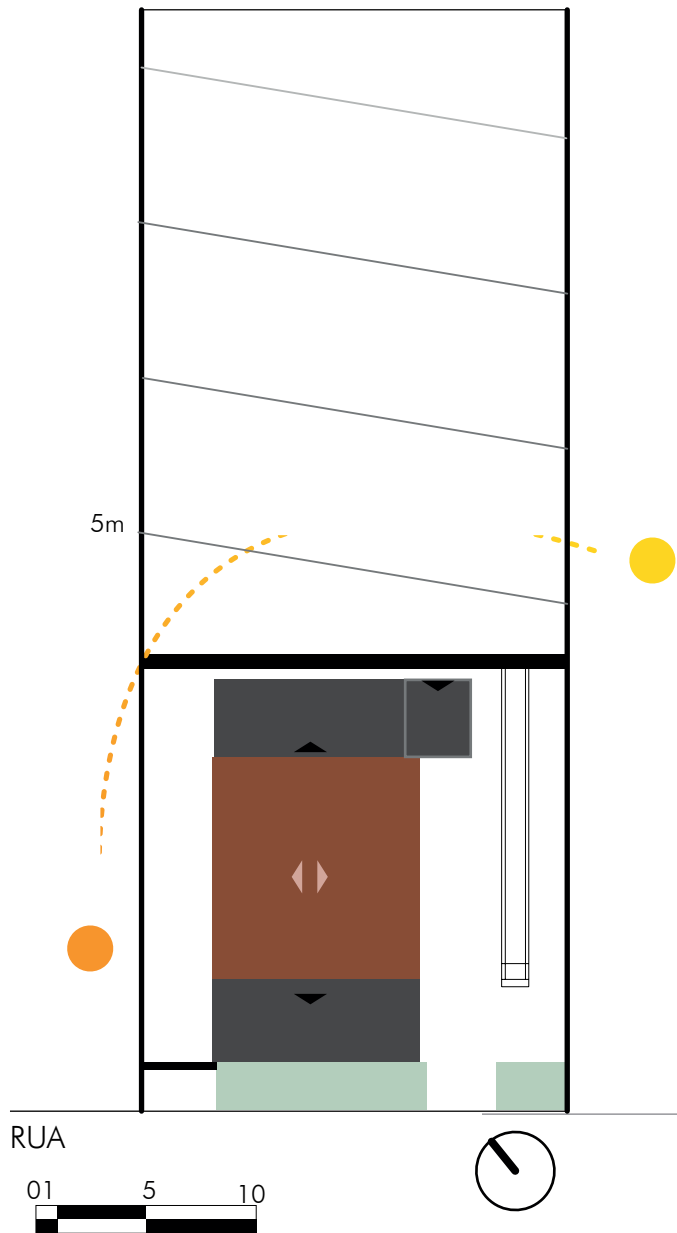
A Vila do Amanhecer faz parte do loteamento Village de Jacumã e está inserida em uma Zona Especial de Interesse Social Consolidada. A casa de Everaldo está localizada próximo da entrada da comunidade, voltada para norte, ou seja, para o lado da barreira. O terreno em aclave, de topografia acidentada, tem dimensões de 12m largura x 30m de profundidade.



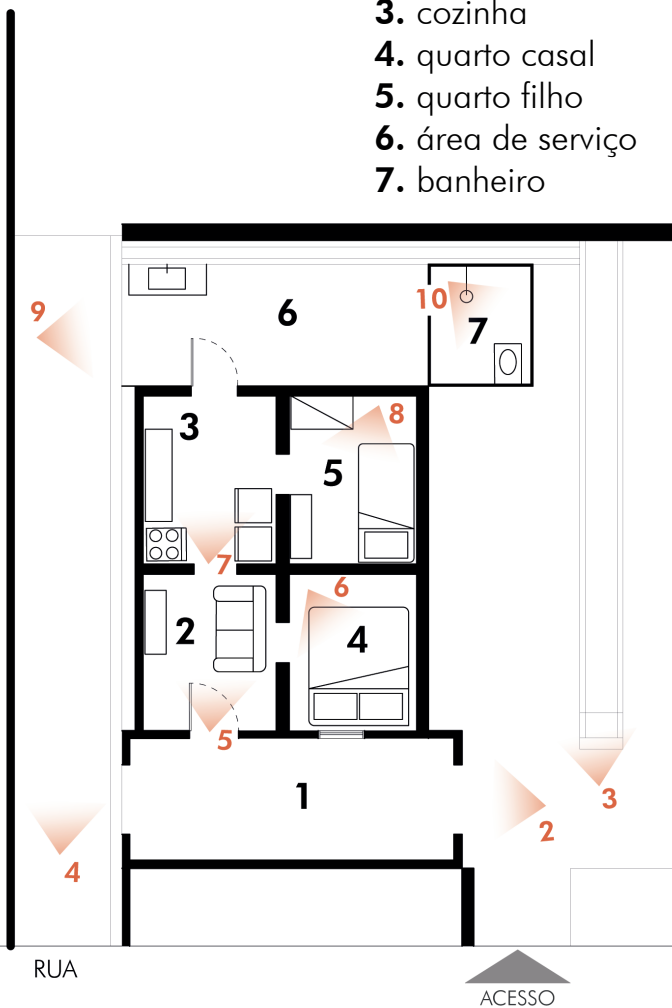
# terreno

**casa atual**

## características



1. varanda
2. sala estar
3. cozinha
4. quarto casal
5. quarto filho
6. área de serviço
7. banheiro



**área**

58m<sup>2</sup> | terreno 12 x 30

nº dormitórios

2

nº banheiros

1

## estrutura e vedação

madeira e taipa de mão

cobertura

telha cerâmica e fibrocimento

**esquadras**

2 portas | 1 janela

## acabamentos internos

pinturas

## acabamentos externos

—

## conforto térmico e iluminação

quente e escuro

patologias / umidade

cupins nas madeiras

água

cacimba

**esgoto**

fossa

**luz**

fornecimento desde março/2019

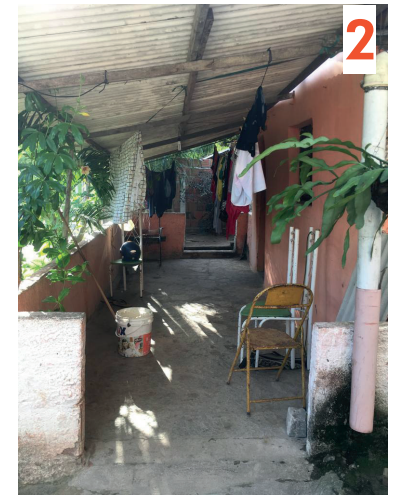
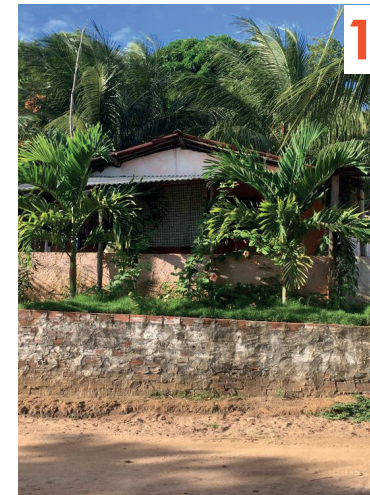
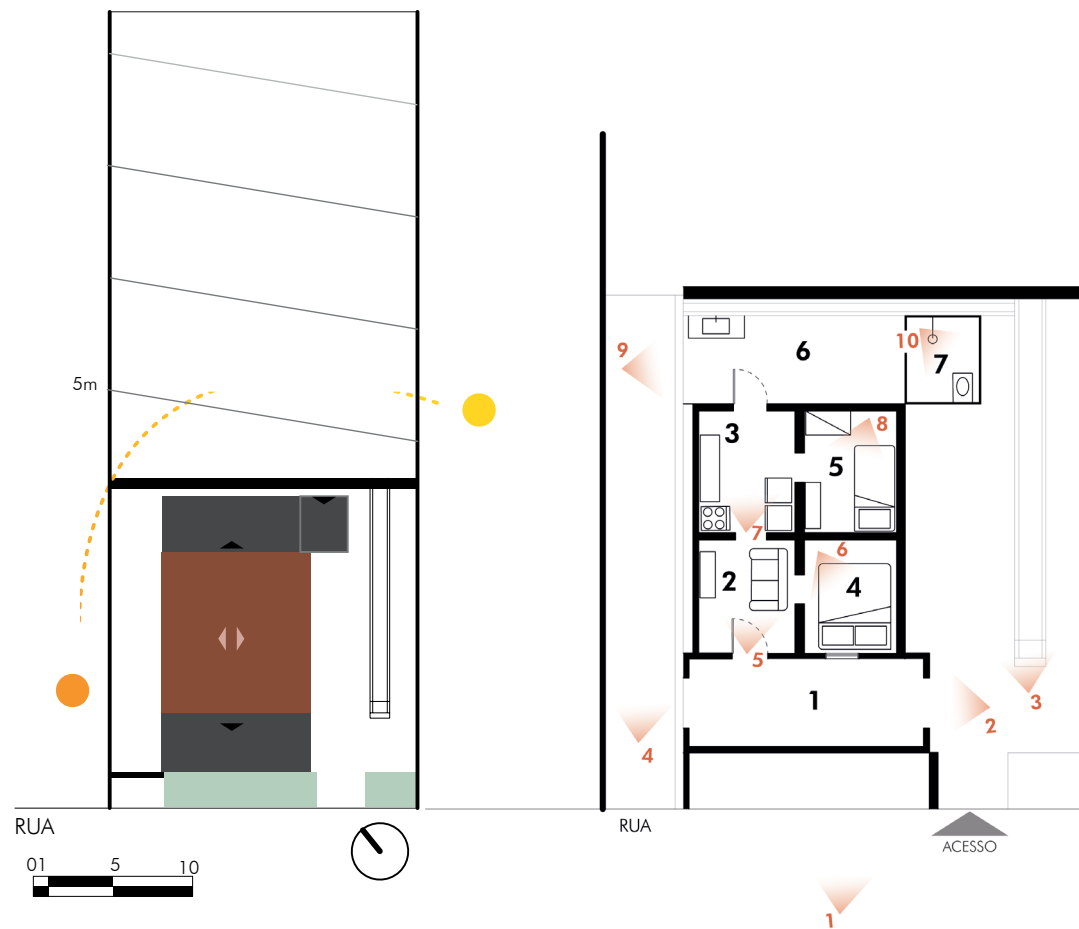
**coleta de lixo**

seleção de recicláveis para José





# conhecendo o espaço

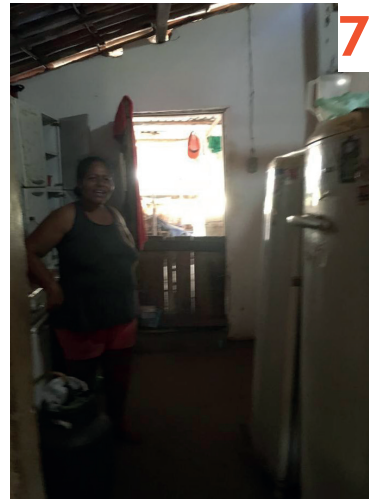




5

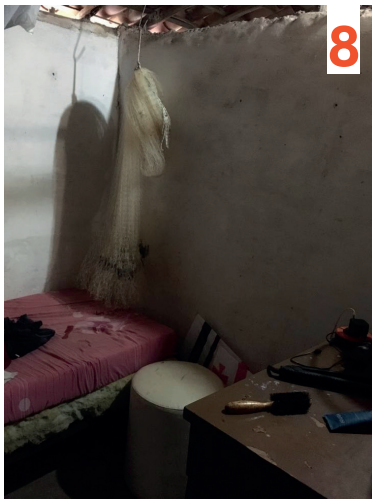


6



7

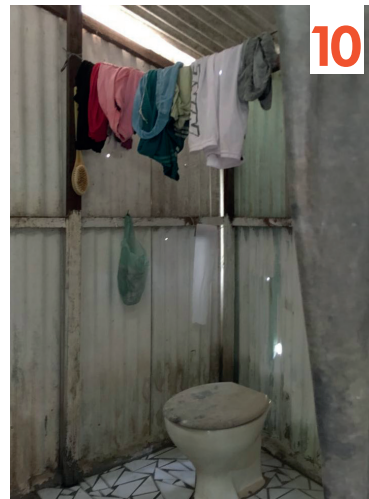
1. Fachada frontal / sudoeste:
2. Varanda:
3. Área externa lateral direita:
4. Área externa lateral esquerda::
5. Sala de estar:
6. Quarto de Everaldo e Lucia:
7. Cozinha:
8. Quarto de Carlos:
9. Área de serviço:
10. Banheiro:



8



9



10



# desejos e necessidades

## 1º encontro

No primeiro encontro foram propostos alguns exercícios de escuta para compreensão da relação dos moradores com suas habitações, quais os problemas enxergados por eles e o que mais e menos gostam em suas casas.

O resumo das informações passadas por Everaldo nesse encontro, estão apresentadas no quadro ao lado. Além disso, foram incluídas as informações dadas por Lucia no 3º encontro.

### MAIS

- Área nobre em que a casa está localizada com toda a ventilação e a natureza;
- Poder plantar;

### MENOS

- Sala e quartos pequenos.

### PROBLEMAS

- Taipa que dá muitos bichos como traça ou cupins;
- Tamanho da casa, pois ele considera pequena.

## 2º encontro

Para concluir a coleta de dados que auxiliou no processo de desenvolvimento das propostas foram realizados mais dois exercícios de escuta.

Everaldo demonstrou sonhar com uma casa maior e com mais cômodos, dando ideia de desejo de ampliação.

### DESEJOS

- casa não precisa de luxo;
- casa primeiro andar, sala e cozinha, térreo, quartos 1º andar;
- 4 quartos;
- 2 banheiros;
- conceito aberto sala + cozinha no térreo;
- varanda;
- jardim na frente;
- horta nos fundos;
- área de serviço e lazer nos fundos;
- piscina;
- quarto com prateleiras pra deixar o quarto dos filhos arrumado com as coisinhas dele;
- filhos por perto;

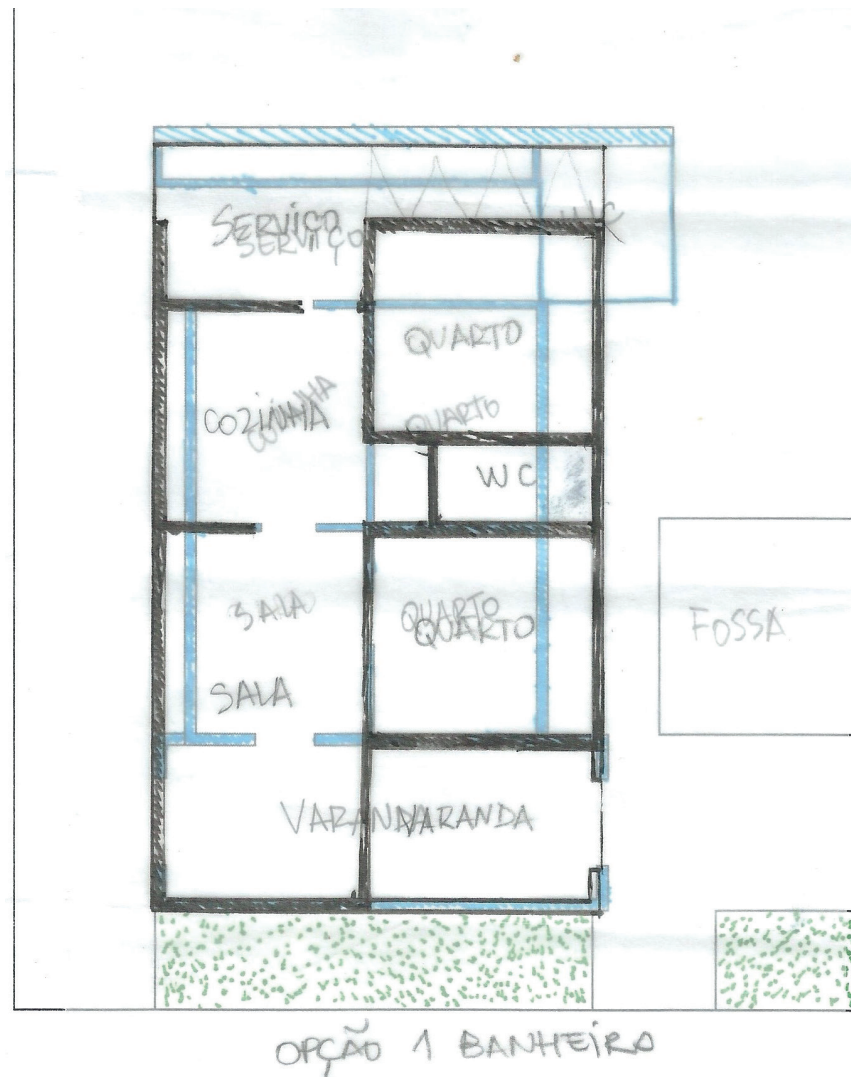
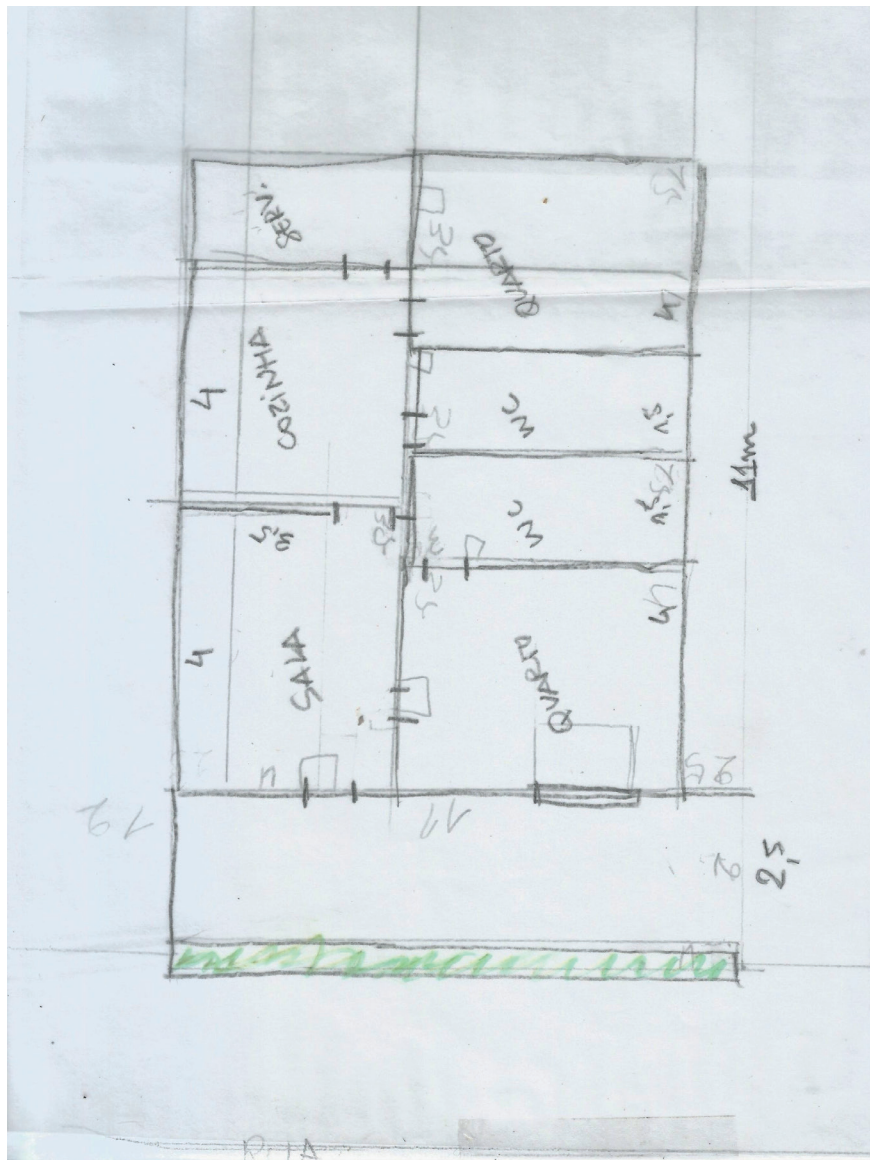
### PRIORIDADES

- paredes levantadas;
- piso;
- coberta;





# evolução da proposta





# proposta final

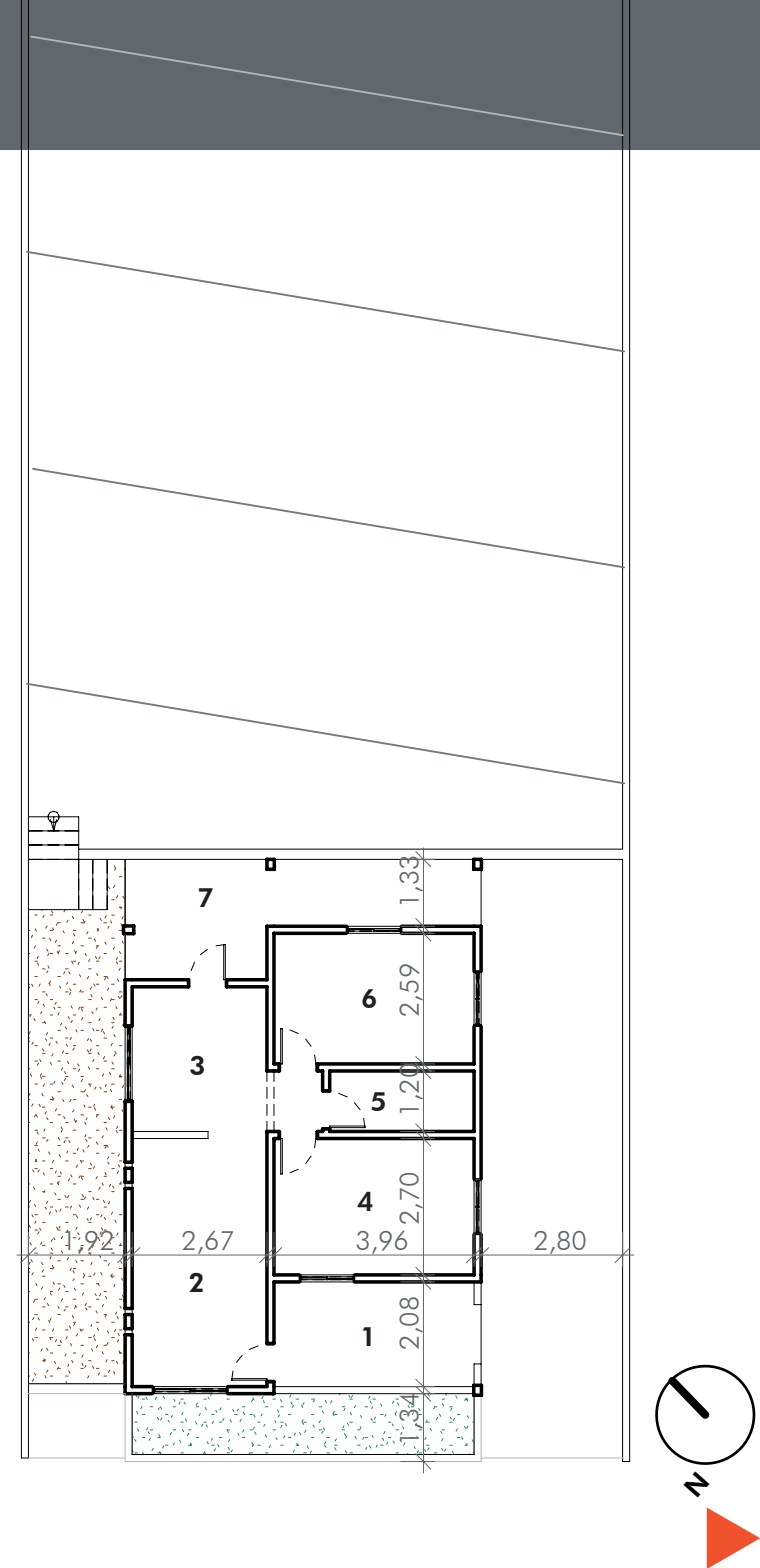
NOTA: É importante destacar que a proposta apresentada ainda não foi discutida com José, devido ao tempo incompatível com a produção desse trabalho. A proposta foi pensada, levando em consideração, os comentários e discussões realizados no último encontro, dia 11/04/2019.

A proposta desenvolvida para casa de Everaldo levou em consideração os limites referente a barreira existente no terreno. Dessa forma, se limitou à uma ampliação das áreas da residência e uma disposição um pouco diferente da atual.

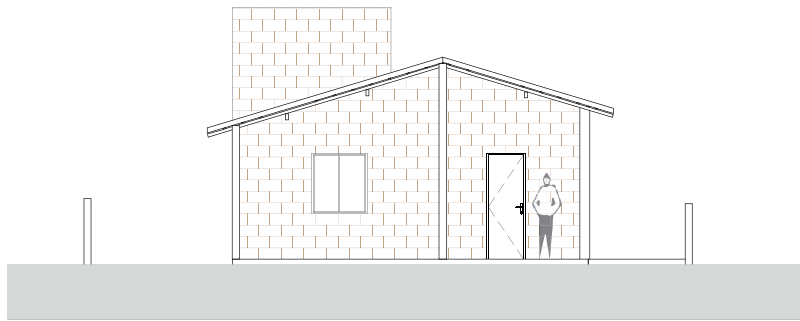
A varanda deixou de ser elo de ligação das áreas laterais dos terrenos e passou a ter medidas menores, proporcionando um aumento de área para a sala de estar e jantar. O banheiro passou a localizar-se no interior da casa e os quartos passam a ter uma área maior, tornando o espaço mais confortável.

- 1 varnada
- 2 sala estar / jantar
- 3 cozinha
- 4 quarto lucia e everaldo
- 5 wcb
- 6 quarto carlos
- 7 área de serviço

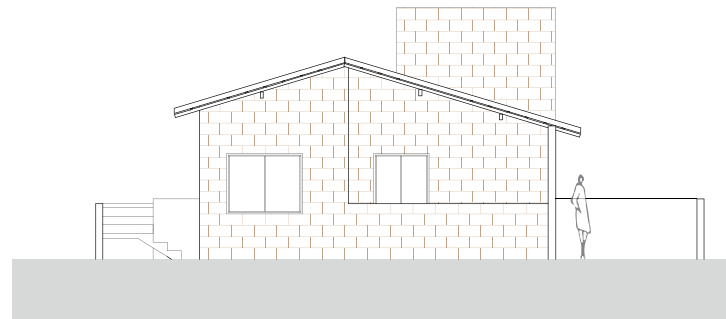
planta baixa | esc. 1:150



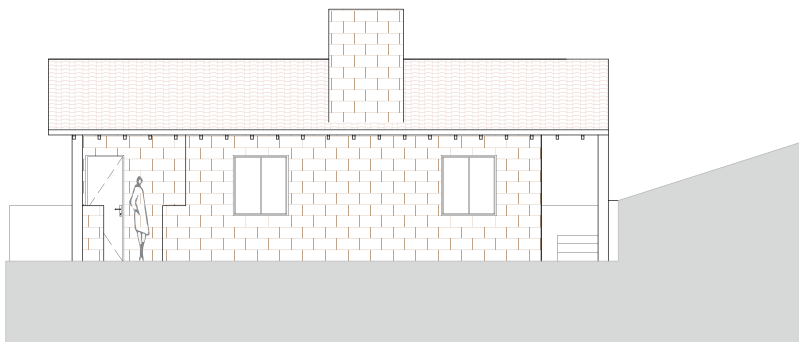
# fachadas



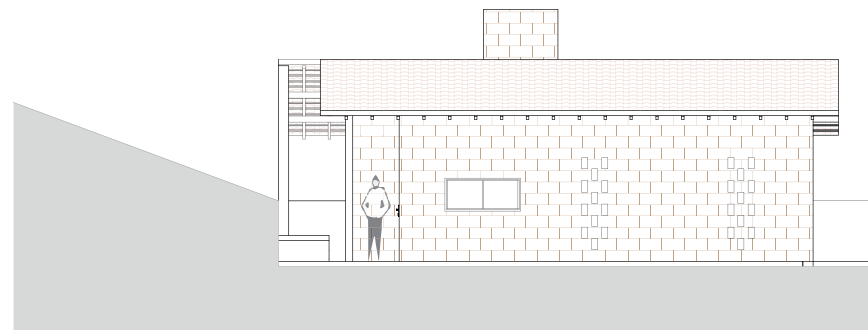
fachada fundos | esc. 1:150



fachada frontal | esc. 1:150

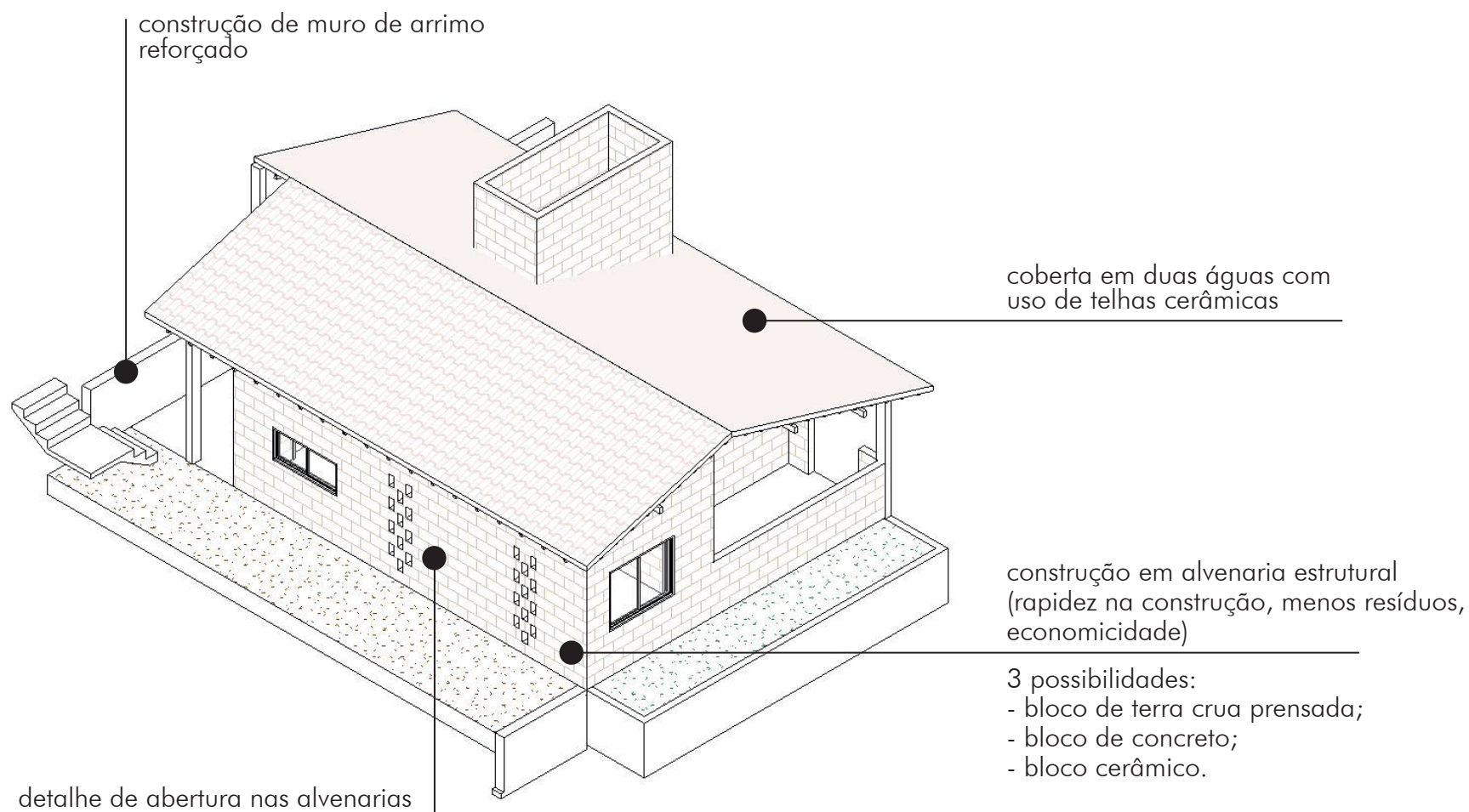


fachada lateral leste | esc. 1:150



fachada lateral oeste | esc. 1:150

# possibilidades construtivas



# diretrizes para consolidação da obra

Tendo em vista a continuação desse projeto através do projeto de extensão “PROJETO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA EM ARQUITETURA E URBANISMO ELABORADO POR PROCESSO PARTICIPATIVO NO MUNICÍPIO DE CONDE”, propõe-se diretrizes norteadoras para o desenvolvimento dos projetos e futura consolidação da obra.

## **ALVENARIA**

- investigar se há possibilidades de reuso da terra das paredes que serão demolidas;
- realizar teste com a terra do local para avaliar se é possível a produção dos blocos de terra crua, pois os blocos de terra só apresentarão economia e sustentabilidade se houver a possibilidade de uso da terra do local;
- para a construção de alvenaria estrutural em blocos, é necessário que seja realizado um estudo da modulação dos blocos, a fim de evitar desperdícios;
- atualmente existe uma prensa para produção de bloco de terra crua prensada na UFPB, mas que necessita de manutenção. Dessa forma, é preciso estabelecer contato com o professor Normando Perazzo para checar as possibilidades de uso;
- além da UFPB, existe a ONG casa dos sonhos, localizada em Santa Rita, que detém de prensa para produção de blocos prensados de terra crua e promove oficinas de construção com terra. Estabelecer contato com a ONG seria importante para avaliar qual a possibilidade de uso da prensa para o projeto e de futuras parcerias;
- o uso do bloco de concreto ou cerâmico só será viável caso não haja possibilidade de utilização dos blocos de terra;

## **ETAPAS DA CONSTRUÇÃO**

- é importante considerar que a obra seja realizada por etapas, a fim de evitar que Everaldo, Lucia e Carlos fiquem desabrigados durante a construção da moradia;
- por se tratar de uma obra de reforma/ampliação, é necessário que seja definida a ordem da construção, no sentido de que as novas paredes sejam construídas primeiro, antes da demolição das paredes necessárias;
- mas também é válido perguntar à Everaldo se eles teria onde se abrigar durante as obras;



## **DRENAGEM**

- sabendo que já há um sistema de drenagem para o terreno, é importante estudar a solução adotada por Everaldo e verificar sua eficácia. Dessa forma, se for necessário, deve-se propor melhorias ou ajustes desse sistema.

## **REUSO DE ÁGUA DE CHUVA**

- considerar que Lucia e Everaldo já reutilizam água da chuva, portanto, deve-se viabilizar um sistema compatível com a forma que eles já estão habituados a armazenar e fazer uso desta água;

## **COBERTURA**

- a cobertura atual é, em sua maioria, de telhas cerâmicas. Dessa forma, sugere-se que se faça uma avaliação quantitativa e qualitativa das telhas para definição da nova cobertura, na tentativa de reaproveitamento das telhas atuais para futura economia.

## **RECURSOS**

- apesar do apoio da Prefeitura do Conde e da Universidade para o desenvolvimento desse projeto através da extensão universitária, os recursos financeiros ainda são escassos. Proponho uma conversa com os moradores para saber o seu posicionamento quanto à abertura de um financiamento coletivo através de plataformas virtuais, como o Catarse ou Vakinha. Além disso, tentar descontos ou doações de materiais de construção em fábricas ou lojas do ramo. Ter o apoio da universidade nessa empreitada pode facilitar eventuais doações/descontos.